

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

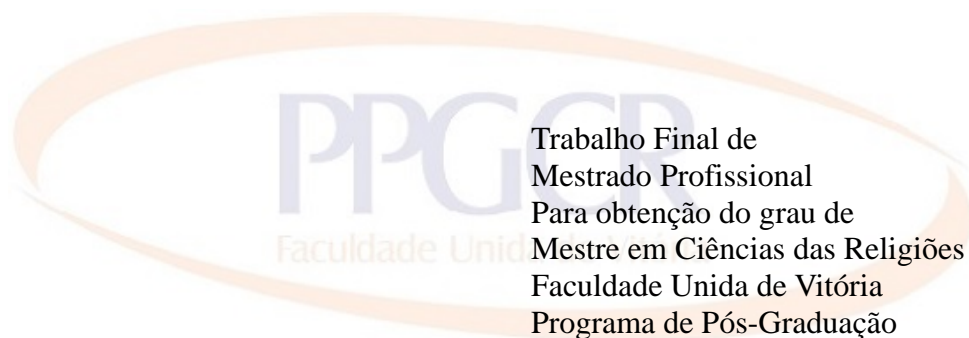
JACKSON GOMES DE REZENDE

RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E SUPERSTIÇÃO DOS ATLETAS DA EQUIPE DE
FUTEBOL DO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE CAMPUS BOM JESUS DO
ITABAPOANA – RJ

Faculdade Unida de Vitória

JACKSON GOMES DE REZENDE

RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E SUPERSTIÇÃO DOS ATLETAS
DA EQUIPE DE FUTEBOL DO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE
CAMPUS BOM JESUS DO ITABAPOANA – RJ



Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Ciências das Religiões
Faculdade Unida de Vitória
Programa de Pós-Graduação
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Julio Cezar de Paula Brotto

Vitória – ES
2019

Rezende, Jackson Gomes de

Religião, religiosidade e superstição dos atletas da equipe de futebol do Instituto Federal Fluminense Campus Bom Jesus do Itabapoana – RJ / Jackson Gomes de Rezende. -- Vitória: UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

ix, 86 f. ; 31 cm.

Orientador: Julio Cezar de Paula Brotto

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

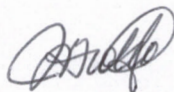
Referências bibliográficas: f. 81-89

1. Ciência da religião. 2. Religião e Esfera Pública. 3. Religiosidade.
4. Superstição. 5. Esporte e religião. 6. Instituto Fluminense.
7. Bom Jesus do Itabapoana/RJ. - Tese. I. Jackson Gomes de Rezende. II. Faculdade Unida de Vitória, 2019. III. Título.

JACKSON GOMES DE REZENDE

RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E SUPERSTIÇÃO DOS ATLETAS DA EQUIPE
DE FUTEBOL DO INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE CAMPUS BOM
JESUS DO ITABAPOANA – RJ

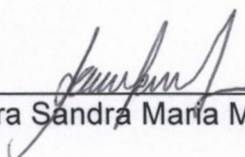
Dissertação para obtenção do grau
de Mestre em Ciências das
Religiões no Programa de Mestrado
Profissional em Ciências das
Religiões da Faculdade Unida de
Vitória.



Doutor Julio Cezar de Paula Brotto – UNIDA (presidente)



Doutor Osvaldo Luiz Ribeiro – UNIDA



Doutora Sandra Maria Machado

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil chegar até aqui. Desde o antigo primário até a aprovação no processo seletivo, passando pela aprovação até a conclusão do Mestrado, foi um longo caminho percorrido. Nada foi fácil, nem tampouco tranquilo. “A sola do pé conhece toda a sujeira da estrada” (provérbio africano).

Quero agradecer a todos aqueles que sempre confiaram em mim, desde sempre.

Aos meus pais, por me terem dado educação, valores e por me terem ensinado a andar. A vocês que, muitas vezes, renunciaram aos seus sonhos para que eu pudesse realizar o meu, partilho a alegria deste momento.

A todos os meus familiares, irmão, tios, esposa, e ao meu filho. Mas há aquelas pessoas especiais que diretamente me incentivaram. Aos modelos em que procuro me espelhar sempre: aos meus avós maternos Nedina (*in memoriam*) e José Gomes (*in memoriam*), amor incondicional eterno, e por me terem ensinado a ser nobre, na essência da palavra. Que falta vocês me fazem!

Aos amigos irmãos que Deus colocou em minha vida e escolhi para conviver, prefiro não citar nomes para não cometer injustiça com alguém.

Ao Prof. Dr. Julio Cezar de Paula Brotto, meu orientador e exemplo profissional, por ter me ajudado quando mais precisava, sem você, com certeza, não teria conseguido.

Aos professores, funcionários e colegas do Curso de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória pela solicitude e solidariedade perante minhas dificuldades.

Aos professores que aceitaram compor minha banca de qualificação e de defesa, pelas sugestões e análises significativas às quais tentarei atender na versão definitiva do texto.

Aos alunos da turma do Mestrado, principalmente os da Linha Esfera Pública, pela paciência e companheirismo. À Geisa, Edeson e Ariel, por lerem meus textos, corrigirem, me ajudando nos trabalhos, por me aconselharem, por terem confiado em mim.

Ao amigo de infância Jorge Luís Vargas, mais conhecido como Tico, por me ter apresentado o programa de Mestrado da Faculdade Unida de Vitória.

Com vocês, queridos, divido a alegria desta experiência.

RESUMO

O presente tema de pesquisa é fruto de diversas inquietações surgidas ao longo da carreira profissional desse pesquisador e no exercício docente da Educação Física. Em virtude dessa experiência profissional, o que move este estudo é a investigação e a busca pela compreensão do sentido e do significado da religiosidade presente na linguagem e no comportamento dos atletas, sobretudo nas competições oficiais, com fins de ajudá-los a relacionarem a religiosidade e o esporte como desafio profissional. Este trabalho de natureza qualitativa visa compreender a relação dinâmica entre os indivíduos, a partir de um contexto, aqui focando o IFF de Bom Jesus do Itabapoana. Dessa forma trata-se de um estudo de caso. Assim, interpretaremos os dados à luz dessa realidade, que foram analisados para compreender as significações dos atos presentes nos estudantes atletas dessa instituição por meio da análise do discurso religioso. Tendo como base teórica os estudos de Durkheim (1975, 2003, 2010), Weber (1991, 1999, 2001, 2004) e outros autores. Ao partir do campo religioso do município, a investigação se deu no processo de mapear os perfis dos sujeitos participantes da pesquisa, há uma relação paralela dos dados apresentados nesse perfil em relação a configuração do campo religioso do município. Por meio dos questionários semiestruturados foi possível aferir que mesmo esses discentes tendo uma religião, alguns utilizam da superstição para vencer um jogo ou campeonato, mesmo sabendo da fragilidade que a superstição possui. Em suma, esse uso de uma falsa prática religiosa, em alguns casos, os discentes não possuem a consciência reflexiva-crítica de que essa prática adotada durante uma partida, ou antes, ou depois trata-se de uma superstição. Em síntese, este trabalho compreendeu que os motivos que levam esses estudantes atletas a se manifestarem religiosamente dentro de uma partida de futebol, diz muito sobre a crença deles em acreditarem em algo superior a eles, uma força maior e em algo divino. As manifestações da religiosidade podem influenciar nos processos psicológicos dos indivíduos, em acreditarem na possibilidade de vencer eles podem se empenhar mais para esse resultado. Não foi possível compreender pelos questionários aplicados se o discurso religioso dos entrevistados respeita a diversidade religiosa e aqueles que se declaram sem religião. Portanto, entender esse fenômeno, potencializa o trabalho do profissional docente de Educação Física se ele partir da diversidade de religiões sendo trabalhadas para o bem de todos, de forma unida e positiva.

Palavras-chave: Religião, Religiosidade, Superstição, Esporte, Instituto Fluminense, Bom Jesus do Itabapoana/RJ.

ABSTRACT

This research theme is the result of several concerns that arose during the professional career of this researcher and in the teaching exercise of Physical Education. Because of this professional experience, what drives this study is the investigation and the search for understanding the meaning and meaning of religiosity present in the language and behavior of athletes, especially in official competitions, in order to help them relate religiosity. and sport as a professional challenge. This qualitative work aims to understand the dynamic relationship between individuals, from a context, focusing here on the IFF of Bom Jesus do Itabapoana. This is a case study. Thus, we will interpret the data in the light of this reality, which were analyzed to understand the meanings of the acts present in the student athletes of this institution through the analysis of religious discourse. Based on the studies of Durkheim (1975, 2003, 2010), Weber (1991, 1999, 2001, 2004) and other authors. Starting from the religious field of the municipality, the investigation took place in the process of mapping the profiles of the subjects participating in the research, there is a parallel relation of the data presented in this profile in relation to the configuration of the religious field of the municipality. Through the semi-structured questionnaires, it was possible to verify that even these students having a religion, some use superstition to win a game or championship, even knowing the fragility that superstition has. In short, this use of a false religious practice, in some cases students do not have the reflexive-critical awareness that this practice adopted during or before a game is superstition. In short, this paper has come to understand that the motives that lead these student athletes to religiously manifest themselves during a soccer match say a lot about their belief in believing in something superior to them, a greater force and something divine. The manifestations of religiosity can influence the psychological processes of individuals, in believing in the possibility of winning they can strive more for this result. It was not possible to understand from the questionnaires applied whether the interviewees' religious discourse respects religious diversity and those who declare themselves without religion. Therefore, understanding this phenomenon enhances the work of Physical Education teachers if they start from the diversity of religions being worked for the good of all, in a united and positive way.

Keywords: Religion, Religiosity, Superstition, Sport, Fluminense Institute, Bom Jesus do Itabapoana / RJ.

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BJI	Bom Jesus do Itabapoana
IBCT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFF	Instituto Federal Fluminense
JIF	Jogos dos Institutos Federais
JINIFF	Jogos Internos do Instituto Federal Fluminense
RJ	Rio de Janeiro



LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade dos discentes entrevistados.....	63
Gráfico 2: Curso ao qual o discente está vinculado.	63
Gráfico 3: Possui ou não outra ocupação além de estudar.	64
Gráfico 4: Composição familiar mais o discente.....	65
Gráfico 5: Quantidade de pessoas da família que frequentam alguma instituição religiosa. ...	66
Gráfico 6: Renda familiar.	67
Gráfico 7: Crença em Deus.	68
Gráfico 8: Religião seguida pelos discentes.	69
Gráfico 9: Frequência mensal na igreja.....	70
Gráfico 10: Pedir a Deus antes de uma partida de futebol que o seu time ganhe.....	71



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E SUPERSTIÇÃO: COMPREENDENDO OS CONCEITOS.....	15
1.1 Religião: um fenômeno difícil de explicar	18
1.2 Religiosidade: em busca de uma conceituação.....	26
1.3 Superstição como reflexo da religiosidade popular.....	30
2 A RELIGIOSIDADE NOS ESPORTES.....	37
2.1 A religiosidade nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga.....	39
2.2 A religiosidade no Brasil	45
2.3 A religiosidade no Futebol.....	51
3 RELIGIÃO/RELIGIOSIDADE POPULAR DE UM TIME DE FUTEBOL ESTUDANTIL	57
3.1 Religião/Religiosidade popular em Bom Jesus do Itabapoana – RJ	59
3.2 Caracterizando os atletas do time de futebol do Instituto Federal de Bom Jesus do Itabapoana.....	62
3.3 A religião/religiosidade popular dos atletas do time de futebol do Instituto Federal de Bom Jesus do Itabapoana	71
CONCLUSÃO.....	78
APÊNDICES	87
ANEXO	90

INTRODUÇÃO

O presente tema de pesquisa é fruto de diversas inquietações surgidas ao longo da carreira profissional desse pesquisador e no exercício docente da Educação Física. Em virtude dessa experiência profissional, o que move este estudo é a investigação e a busca pela compreensão do sentido e do significado da religiosidade presente na linguagem e no comportamento dos atletas, sobretudo nas competições oficiais, com fins de ajudá-los a relacionarem a religiosidade e o esporte como desafio profissional.

Identificou-se que nos treinos e, especialmente nos Jogos dos Institutos Federais (JIF), nas etapas local, regional e nacional, a religiosidade faz-se presente antes, durante e após os jogos. Inúmeras vezes foram observadas falas e posturas que podem agregar ou desagregar, motivar ou desmotivar a relação e o rendimento da equipe, pois, como nos apontam Gagg e Gagg¹, a religião, por estar presente em todos os momentos da vida, tem a intencionalidade de promover o respeito mútuo.

Por essa razão, o tema desta pesquisa, a religiosidade nos jogos do Instituto Federal Fluminense (IFF), põe em reflexão a importância da dimensão religiosa nesse espaço e tempo educativo. Ao se refletir sobre essa temática, identificou-se que sua relevância está diretamente ligada à possibilidade de evitarem-se posturas fundamentalistas e comportamentos extremistas que desconsiderem o grande valor da diversidade religiosa entre os atletas. Em virtude do enorme potencial de sentimentos (emoção e paixão), e por expor seus praticantes a riscos de lesões físicas e psicológicas, o esporte é distinto de muitas outras formas de atividade humana.

Assim, o papel do educador é fundamental no espaço escolar, pois, é ele que acompanha as equipes esportivas e possui uma função primordial no processo de ensino e aprendizagem desses atletas e estudantes, para garantir o respeito a essa diversidade religiosa. Embora não seja um professor de Ensino Religioso, ao se deparar com situações nas quais a religiosidade esteja presente, como no caso do *campus* de Bom Jesus do Itabapoana/RJ, é necessário que o educador encontre fundamentações teórico-metodológicas para produzir experiências bem-sucedidas.

Dito isso, importa afirmar que uma das intencionalidades deste trabalho é contribuir para a aplicação dessas fundamentações teórico-metodológicas na vida prática da nossa e de outras comunidades educativas.

¹ GAGG, E. A. L.; GAGG, G. Religião não entra em campo? In: WACHS, M. C. et al. (Org.). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010. p. 149.

Nesse sentido, além de compreender o fenômeno da religiosidade presente nos Jogos Internos do Instituto Federal Fluminense (JINIFF), a escolha desta temática pretende contribuir com o exercício profissional do docente de Educação Física e, conseqüentemente, com o processo educativo dos estudantes.

Tendo delineado esse panorama, o problema de investigação deste trabalho é: de que forma a religiosidade dos atletas da equipe de futebol do IFF influencia na prática esportiva dos atletas? Com o propósito de responder a esse problema de investigação, elencou-se como objetivo geral analisar como a religiosidade popular dos atletas se manifesta na prática do futebol.

Para entender como essa religiosidade se manifesta na prática de estudantes atletas do IFF, do *campus* de Bom Jesus do Itabapoana/RJ, apresenta-se como objetivos específicos: a) compreender os motivos que levam esses estudantes atletas a se manifestarem religiosamente; b) analisar até que ponto a manifestação da religiosidade, considerando os ritos de cada atleta, influencia no ambiente e nos resultados da equipe; c) identificar se o discurso religioso respeita a diversidade religiosa e aqueles que se declaram sem religião; d) entender esse fenômeno a fim de potencializar o trabalho profissional do docente de Educação Física.

Entende-se que essa pesquisa ganha empenho especial por se tratar de um assunto de interesse deste pesquisador enquanto docente que lida com as questões já identificadas anteriormente.

Para melhor explanação do objeto de estudo, este trabalho está dividido em três capítulos, intitulados: Religião, Religiosidade e Superstição: compreendendo os conceitos; Religiosidade nos Esportes; e, A Religiosidade Popular de um Time de Futebol Estudantil.

No primeiro capítulo, recorre-se aos estudos de Émile Durkheim e Max Weber como fontes teóricas para se entender sobre o significado de religião, religiosidade e superstição. Destaca-se, neste capítulo, a importância desses dois pesquisadores para a área da Sociologia, principalmente no que concerne à Sociologia da Religião. Nessa direção, o estudo de Durkheim será importante para se compreender o fenômeno religioso como categoria de *fato social*. Já os estudos de Weber auxiliarão por meio das categorias sociológicas definidas por ele de *tipos ideais*. São esses os dois conceitos-chave articulados nesta investigação.

No segundo capítulo realizou-se um mapeamento a partir de dissertações e teses para subsidiar os estudos sobre a religiosidade nos esportes. Para tanto, buscou-se em bases de dados digitais disponíveis ao público, trabalhos que debatiam, em sua integralidade, os seguintes temas: religiosidade e esportes; religiosidade e Brasil. Esse eixo de pesquisa foi

importante para a compreensão do contexto histórico da religiosidade relacionada com o esporte, desde sua origem até os dias atuais, bem como os números do censo referente aos grupos religiosos no Brasil para, que em uma perspectiva histórico-social, se possa entender esse processo.

O terceiro capítulo, que finaliza este trabalho, aborda os dados coletados e os analisa. Este trabalho tem natureza qualitativa e visa compreender a relação dinâmica entre os indivíduos, a partir de um contexto, aqui focando o IFF, *campus* de Bom Jesus do Itabapoana/RJ, os dados serão interpretados à luz dessa realidade, e analisados com fito de compreender as significações dos atos presentes nos estudantes atletas dessa instituição.²

A pesquisa qualitativa se propõe a colher e analisar dados descritivos obtidos diretamente da situação estudada; enfatiza o processo mais que o resultado, para o que precisa e retrata a perspectiva dos participantes. Na pesquisa qualitativa, verifica-se a realidade em seu contexto natural, tal como ocorre na vida real, procurando dar sentido aos fenômenos ou interpretá-los, de acordo com os significados que possuem para as pessoas implicadas nesse contexto. A finalidade primeira da pesquisa qualitativa não é mostrar opiniões ou pessoas; ao contrário, pretende explorar o espectro de opiniões e as diferentes representações sobre o assunto em estudo.³

Portanto, este trabalho utiliza-se de um método analítico de investigação, caracterizando-se como um estudo analítico. Tomar-se-á por caminho metodológico o estudo de caso que, como afirma Michel, configura-se como o estudo de um caso isolado ou de grupos menores de indivíduos, a fim de compreender o fenômeno que é a religiosidade de estudantes atletas e como ele se dá nesse contexto.⁴

Caracteriza-se por exigir estudo aprofundado, qualitativo e/ou quantitativo, no qual se procura reunir o maior número de informações sobre o objeto de interesse, utilizando-se de variadas técnicas de coletas de dados, para apreender todas as variáveis da unidade analisada e concluir, indutivamente, sobre as questões propostas. Tais preocupações são necessárias, pois, ao contrário das ciências naturais, os fenômenos nas ciências sociais não estão dissociados do seu contexto.⁵

Portanto, por se tratar de um estudo de caso, o campo investigado é o *campus* do Instituto Federal Fluminense de Bom Jesus do Itabapoana/ RJ, focando um grupo de estudantes que compõem o time de futebol da supracitada instituição de ensino. Utilizar-se-á como técnica de coleta de dados um questionário a ser aplicado a esses estudantes.

² MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos*. São Paulo: Atlas, 2015. p. 40.

³ MICHEL, 2015, p. 40.

⁴ MICHEL, 2015, p. 65.

⁵ MICHEL, 2015, p. 66.

O questionário é um formulário, previamente construído, constituído por uma série ordenada de perguntas em campos fechados e abertos, que devem ser respondidas por escrito, e preferencialmente, sem a presença do entrevistador. Por isso, deve-se atentar para o cuidado na elaboração das perguntas, para que não haja duplicidade de interpretação. É importante que o pesquisador se conscientize de que em uma pesquisa de dados remota nem sempre há um o envolvimento e, conseqüentemente, necessita do cuidado para garantir a verdade e completeza das respostas.⁶

Compreende-se que a aplicação do questionário para a realização de uma pesquisa garante algumas vantagens, entre elas: maior número de participantes, menor tempo de deslocamento, anonimato, menor probabilidade de distorção, entre outras. Assim, os participantes da pesquisa constituirão pelo menos 50% dos atletas que fazem parte do time de futebol.

Após esse processo, debruçar-nos-emos sobre dados coletados, no que concerne a Análise do Discurso Religioso, principalmente a partir dos estudos de Orlandi, por apresentarem características do indivíduo, bem como das relações que o indivíduo vivencia em sua narrativa com o sagrado, o divino, em outras palavras, com a dimensão religiosa. Portanto, a compreensão de que o discurso representa algo inter-relacionado com o contexto social ao qual o indivíduo está inserido.⁷

[...] não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentido entre locutores.⁸

A Análise de Discurso Religioso, na perspectiva dos estudos de Orlandi, pode ajudar no entendimento de que é no processo discursivo que os indivíduos produzem interação, e os interlocutores, nesse movimento, podem ser transparentes ou não em seus enunciados, produzindo ou não uma polissemia.⁹

Assim, faz-se necessário compreender como se dá a manipulação do Discurso Religioso, e Barros nos ajuda a dar sentido ao discurso apontando uma compreensão que vai para além do texto, para todo o contexto, e o processo dos indivíduos e de suas sociedades para com a temática em questão. Dessa forma, esse discurso tem, em sua construção, camadas

⁶ MICHEL, 2015, p. 91.

⁷ ORLANDI, Enni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996. p. 52.

⁸ ORLANDI, Enni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005. p. 21.

⁹ ORLANDI, 1996, 2005, p. 22.

de exposição que vão desde o simples, superficial, até o abstrato, complexo e concreto, estruturas denominadas pelo autor como estrutura profunda, a narrativa e a discursiva.¹⁰

Temos assim, no nível narrativo, quatro categorias que serão utilizadas neste trabalho, a saber:

- a) Manipulação – trata-se de uma forma de ação que o destinador de um discurso exerce sobre seu (s) destinatário(s), a fim de fazê-lo (s) cumprir um programa dado, ou seja, fazer com que o (s) destinatário (s) queira (m) ser ou fazer algo;
- b) Competência – devidamente manipulados, o (s) destinatário (s) recebe (m) do destinador uma qualificação necessária para pôr em prática uma ação. Um exemplo que ilustra essa fase é o que ocorre nos contos de fada em que, para salvar a donzela, o herói sempre precisará de um objeto mágico que lhe possibilite praticar a ação desejada;
- c) Performance – manipulado(s) e com competência para agir, o(s) destinatário(s), então, praticam uma ação;
- d) Sanção – após a realização da ação, tem-se um resultado que pode ser positivo (uma recompensa), ou negativo (um castigo).¹¹

Assim, o nível do discurso finalizará a análise dos dados coletados. Esse nível é alcançado quando os textos produzidos pelos indivíduos são transformados em discursos e, portanto, são projeções discursivas dos indivíduos e dos pensamentos coletivos. Isso se dá quando ocorre uma manipulação social das ideias perpassadas e os indivíduos as absorvem como certas para si. Em suma, cabe-nos, neste trabalho, compreender esse processo de persuasão presente nos discursos religiosos da vida dos estudantes jogadores de futebol do IFF de Bom Jesus do Itabapoana/RJ.

No próximo capítulo, portanto, iniciaremos o debate sobre os conceitos de religião, religiosidade e superstição, que são as categorias-chave utilizadas para este estudo. Para tanto, buscaremos ancorar-nos em autores da Sociologia Clássica e da Sociologia da Religião para o embasamento teórico.

¹⁰ BARROS, D. L. P. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1997. p. 07.

¹¹ TORRESAN, Jorge Luís. A manipulação no discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007. p. 98.

1 RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E SUPERSTIÇÃO: COMPREENDENDO OS CONCEITOS

Este capítulo propõe um norte à realidade pesquisada, uma direção investigativa sobre os conceitos de Religião, Religiosidade e Superstição. Buscou-se abordar os referenciais teóricos que guiarão a investigação e possibilitarão a compreensão e a análise da realidade a ser pesquisada. Para tanto, utilizaremos algumas perspectivas teóricas embasadas, principalmente, em Émile Durkheim¹² e em Max Weber.¹³

Para iniciarmos, sobre o tema da religiosidade utilizaremos os estudos de um autor considerado o pai da Sociologia Moderna, Émile Durkheim (1858 – 1917), que trouxe, para os estudos da sociologia, um caráter científico, ao propor um método consciente e elaborado de análise sociológica, numa ruptura com a perspectiva proposta por Auguste Comte, que “buscava priorizar o social no esclarecimento da realidade física, mental e natural na qual o ser humano vive”¹⁴.

Durkheim também forneceu para a sociologia estudos pioneiros na área da sociologia da religião e do conhecimento, bem como estudos empíricos sobre o fenômeno do suicídio. Este pensador é um dos grandes analistas do mundo moderno com sua tese da divisão do trabalho social, conceito que aponta para a complexidade da sociedade contemporânea, marcada pela diferenciação social e especialização das funções. Durkheim também foi pioneiro nas discussões sobre o individualismo da vida contemporânea e suas repercussões no campo da integração e da coesão social.¹⁵

Portanto, Durkheim possibilitou aos estudos sociológicos apropriarem-se de sólidos procedimentos metodológicos e bases filosóficas para que fosse possível compreender-se a complexidade presente nos processos de integração entre os indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Logo, percebe-se nesse movimento de coesão social a possibilidade de se analisar os fenômenos que perpassam a esse contexto. Os estudos de Durkheim apontam que a

¹² DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹³ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 2000.

¹⁴ SILVA, Pedro Paulo Soares. *Hugo Assmann: da Teologia da Libertação à educação para a solidariedade*. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2017. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1657/2/Pedro%20Paulo%20Soares.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2019, p. 82.

¹⁵ SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia Clássica: Marx, Durkheim e Weber*. Rio de Janeiro: Vozes. 7. ed. 2015. p. 77.

perspectiva de que para se entender a vida social é preciso analisar a sociedade que, por sua vez, é composta por indivíduos.¹⁶

Agrupando-se sob uma forma definida e por laços perduráveis, os homens formam um ser novo que tem a sua natureza e as suas leis próprias [...]. A vida coletiva não é uma simples imagem ampliada da vida individual. Ela apresenta características *sui generis* que as induções da psicologia, só por si, não permitiam prever.¹⁷

Nesse sentido, essa vida coletiva age sobre o indivíduo, modelando os seus modos de ser e estar em sociedade, padronizando os comportamentos, produzindo, assim, uma unidade. Portanto, Durkheim vai se preocupar em investigar essa força do social e como ela conduz a vida humana individual, resultando em uma construção social.

Outro cientista social abordado nesta dissertação é Maximilian Karl Emil Weber (1864 – 1920), mais conhecido como Max Weber. Nascido em Erfurt, na Alemanha, estudou Direito, Economia, História, Filosofia e Teologia e buscou compreender o mundo moderno a partir dos estudos das religiões mundiais. Seus estudos estavam focados em compreender, entre outros, o mercado capitalista, o direito, e a burocracia estatal produzidos por um amplo processo de racionalização, que aumentava a produtividade e eficiência, mas que, entretanto, infringia ao indivíduo um enfraquecimento do sentido da vida e da liberdade.¹⁸

Ao contrário de Conte e Durkheim que construíram suas teorias sociológicas com base no primado do objeto, Weber vai orientar toda sua produção sociológica com base no primado do sujeito. A ideia de que o indivíduo é o elemento fundante na explicação da realidade social atravessa a produção epistemológica e metodológica do autor, operando uma verdadeira revolução nas ciências sociais. Deste modo, Weber inaugurou na sociologia um novo caminho de interpretação da realidade social: a teoria sociológica compreensiva.¹⁹

Portanto, Max Weber aprofunda-se nas discussões filosóficas do seu tempo, buscando romper com os ideais apresentados pela perspectiva positivista, em que se atrelavam os estudos da sociedade aos aspectos das ciências exatas. Para Weber, não era cabível transpor a análise das ciências exatas para os estudos da sociedade, pois se tratava de analisar os indivíduos e suas relações, e é nesse sentido que a interpretação de Weber se caracteriza como uma teoria sociológica compreensiva.²⁰

¹⁶ CABRAL, Augusto. A sociologia funcionalista nos estudos organizacionais: foco em Durkheim. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 01-15, Jul. 2004. p. 05.

¹⁷ DURKHEIM, Émile. *A ciência social e a ação*. São Paulo: Difel, 1975. p. 83.

¹⁸ SELL, 2015, p.107.

¹⁹ SELL, 2015, p. 110.

²⁰ SELL, 2015, p. 112.

[...] existe um ponto decisivo [...] com o que somos conduzidos à peculiaridade decisiva do método nas ciências da cultura. A significação da configuração de um fenômeno cultural e a causa dessa significação não podem, contudo, deduzir-se de qualquer sistema de conceitos de leis [...] dado que pressupõe a relação dos fenômenos culturais com ideias de valor.²¹

Entretanto, Weber aponta que alguns procedimentos das ciências naturais, a saber, a causalidade e os procedimentos explicativos, são recursos que também podem ser utilizados para a interpretação dos fenômenos sociais, pois existe a possibilidade da relação “causa e efeito” estar presente nesses contextos sociais. Assim, Weber caracteriza seu processo investigativo pela via de dois métodos: o individualizante/compreensivo e generalizante/explicativo.²²

No primeiro método – individualizante/compreensivo –, Weber aponta que o pesquisador delimita os dados da realidade a qual deseja pesquisar, delineando as singularidades e os traços que definem o objeto. Já no segundo método – generalizante/explicativo –, Weber vai analisando e inferindo relações de efeito e causalidade. Por exemplo, o caso desse estudo sobre o esporte e a religiosidade, a partir da perspectiva weberiana, permite identificar alguns efeitos que a religiosidade provoca nos jogadores de futebol.

É a partir desse movimento metodológico que Weber vai indicando, em seus estudos, sua teoria dos *tipos ideais* que, enquanto instrumento de pesquisa representa uma noção produzida a partir das sínteses dos dois métodos citados anteriormente. Nessa noção de *tipos ideais*, o investigador, ao analisar um contexto posteriormente, e dele retirar as particularidades, chegará aos aspectos gerais do fenômeno estudado, podendo entender os *tipos ideais* presentes no fenômeno investigado.

Obtém-se um tipo ideal mediante a acentuação unilateral de um ou vários pontos de vista, e mediante o encadeamento de grande quantidade de fenômenos isolados dados, difusos e discretos, que se pode dar em maior ou menor número ou mesmo faltar por completo, e que se ordenam segundo pontos de vista unilateralmente acentuados, a fim de se formar um quadro homogêneo de pensamento.²³

Portanto, o *tipo ideal* é a construção pela via da mentalidade do pesquisador que focará, em um conjunto de fatores, os aspectos a serem analisados. Porém, como o foco do

²¹ WEBER, Max. *Sobre a teoria das Ciências Sociais*. São Paulo: Moraes, 1991. p. 92.

²² SELL, 2015, p. 111.

²³ WEBER, 1991, p. 106.

pesquisador estará na análise de alguns aspectos, o resultado dessa apreciação pode não reproduzir a realidade total da forma como ela é, mas apenas uma parte dela.

O conjunto de estudos produzidos por Durkheim e Weber possibilitou que a compreensão da religião se tornasse um campo de estudo da Sociologia. Desse modo, em virtude do apresentado anteriormente sobre os aspectos metodológicos e epistemológicos desses pesquisadores, a Sociologia é capaz de analisar e inferir respostas sobre fatos sociais como as religiões, que são representações de indivíduos e sociedades em processo de interação, foco de investigação desta dissertação.

Dando continuidade a essa escrita, buscaremos aproximações com o debate sobre a religião e religiosidade. Esse empreendimento é necessário para melhor situar o objeto de estudo: a religiosidade em um time de futebol do Instituto Federal Fluminense. Nesse sentido, este capítulo está dividido em três subcapítulos que norteiam o olhar em busca de definições para os referenciais necessários à compreensão do fenômeno religioso, e que estejam alinhadas ao percurso investigativo e à linha de pesquisa da dissertação, de forma a contribuir com as análises, esclarecendo o que é próprio acerca sobre o objeto material. No primeiro subcapítulo, abordaremos o fenômeno da religião a partir dos estudos de Durkheim e Weber.

1.1 Religião: um fenômeno difícil de explicar

No movimento de socialização entre os indivíduos de uma determinada comunidade, identificamos modos de ser e estar que influenciam as diferentes organizações sociais. Nessa direção, nas relações sociais estão presentes também alguma dimensão religiosa. Assim, definir essa dimensão religiosa não é uma tarefa simples, pois existem diferentes aportes teóricos que significam e ressignificam esse fenômeno.

Assim, a definição da dimensão religiosa está entrelaçada com a dimensão sociocultural e, portanto, toma diferentes noções de acordo com o seu contexto, influenciando a vida pública e privada dos indivíduos.²⁴

Sabemos, desde há muito tempo, que os primeiros sistemas de representações que o homem produziu do mundo e de si mesmo são de origem religiosa. Não há religião que não seja, ao mesmo tempo, a cosmologia e a especulação sobre o divino. Se a filosofia e as ciências nasceram da religião é porque a própria religião, no princípio, fazia às vezes de ciência e de filosofia. Mas o que foi menos observado é que ela não se limitou a enriquecer, com certo número de ideias, um espírito humano previamente formado; ela contribuiu para formá-lo. Os homens não lhe deveram

²⁴ DURKHEIM, 1975, p. 84.

apenas grande parte da matéria dos seus conhecimentos, mas também a forma pela qual esses conhecimentos são elaborados.²⁵

Nesse sentido, cabe uma reflexão sobre a importância de definirmos esse fenômeno. A noção mais difundida está na etimologia da palavra *religião*, que é *religare*, de origem latina e denota a noção de religar, de unir os indivíduos em torno de uma crença, de algo superior a todos os indivíduos e que, em alguns contextos sociais, denomina-se Deus ou deuses, entre outros.²⁶ Para Durkheim, a religião já foi definida por alguns fatores, entre eles, o sobrenatural e misterioso, em função da ideia de Deus ou de um ser espiritual, da distinção entre crenças, dos ritos e da ideia de igreja.

Uma noção tida geralmente como característica de tudo o que é religioso é a de sobrenatural. Entende-se por isso toda ordem de coisas que ultrapassa o alcance de nosso entendimento; o sobrenatural é o mundo do mistério, do incognoscível, do incompreensível. A religião seria, portanto, uma espécie de especulação sobre tudo o que a ciência é, de maneira mais geral, ao pensamento claro.²⁷

Nessa primeira definição de religião, Durkheim aponta que foi importante, para diferentes períodos históricos, atrelar a dimensão religiosa ao sobrenatural, pois via-se a necessidade que os indivíduos sentiam de acreditar em algo para além do que o conhecimento permitia.

Ter a consciência de algo sobrenatural implica, aos indivíduos, reconhecer que existe um natural, uma norma a ser seguida, um sentimento de que existe uma ordem natural das coisas, portanto, acreditar em uma regulamentação dos fenômenos do universo. Assim, essa vinculação da dimensão religiosa está vinculada ao mistério, concebida por um período social no qual os indivíduos forjaram essa noção.²⁸

Outra dimensão presente nos estudos de Durkheim é a significação da religião atrelada à divindade, que é uma vinculação entre os indivíduos com um ser espiritual. Durkheim aponta que

[...] por seres espirituais, devemos entender sujeitos conscientes, dotados de poderes superiores aos que possui o comum dos homens; essa qualificação convém, portanto, às almas dos mortos, aos gênios, aos demônios, tanto quanto às divindades propriamente ditas.²⁹

²⁵ DURKHEIM, 2003, p. 37-38.

²⁶ COELHO, 2017, p. 10.

²⁷ DURKHEIM, 2003, p. 05.

²⁸ DURKHEIM, 2003, p. 05-11.

²⁹ DURKHEIM, 2003, p. 11-12.

Porém, o autor destaca que há dimensões religiosas que não surgem dessas personalidades divinas. Logo, a dimensão religiosa não pode estar fixada somente nos costumes e crenças nas quais um deus, ou deuses, são o centro da religiosidade, mas, também, a dimensão religiosa está atrelada aos costumes socialmente postos.³⁰

Nesse movimento de compreender o fenômeno religioso, alguns estudiosos o significam a partir de suas próprias realidades, entre eles, Emile Durkheim³¹ e Max Weber³². Para Durkheim³³, é necessário entender as funcionalidades sociais e seus elementos constituintes da religião para além do significado da palavra, pois esta é um fato social e, portanto, se modifica de acordo com as relações postas na comunidade. Esse entendimento pode ser explicado a partir do trecho a seguir:

Uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a entidades sagradas, ou seja, separadas, interditas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada Igreja, todos os aderentes.³⁴

Nessa linha de pensamento, percebemos que existem diferentes religiões presentes numa mesma comunidade, porém, cada uma em um espaço institucional distinto a ser praticado, cabendo, à Igreja, o papel de meio de divulgação e de prática social. Podemos, ainda, entrar no debate acerca do fato social como fenômeno imprescindível no processo de socialização entre os indivíduos, pois como fato social, a religião é um instrumento que produz uma coesão entre os indivíduos e, ao produzir tal coesão, permite aos indivíduos enxergarem-se como pares e, assim, dar sentido às suas interações, uma coletividade social. Nesse sentido, a religião como fato social é resultado de regras exteriores aos indivíduos, que internalizam valores sociais. Assim, o indivíduo define-se como um ser dualista (um ser social e individual):

É fato social da maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter.³⁵

Por consequência, essa coerção exterior influencia o indivíduo a compreender-se como um sujeito único e singular que vive em sociedade. Portanto, a religião é resultado desse

³⁰ DURKHEIM, 2003, p. 12

³¹ DURKHEIM, 2003, p. 12.

³² WEBER, 2000, p. 73.

³³ DURKHEIM, 2003, p. 14.

³⁴ DURKHEIM, 2003, p. 59.

³⁵ DURKHEIM, 1975, p. 93.

processo dual de socialização, de caráter coletivo e político. De fato, a sociedade composta por indivíduos se assemelha e cria costumes que, a longo prazo, tornam-se hábitos sociais, a exemplo, da dimensão religiosa.

Os fenômenos religiosos classificam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as crenças e os ritos. As primeiras são estados de opinião, consistem em representações; os segundos, são modos de ação determinados. Entre esses dois tipos de fatos há exatamente a diferença que separa o pensamento do movimento.³⁶

Durkheim, nesse sentido, em sua obra intitulada *As formas elementares da vida religiosa*, vai buscar entender como a religião produz uma funcionalidade para os indivíduos viverem em sociedade, tanto nas comunidades tradicionais, como nas sociedades modernas. Assim, cabe ao instituto denominado Igreja, constituir-se um espaço onde os indivíduos se conectem para praticarem a mesma crença religiosa.³⁷

A religião, a partir disso, tem a intencionalidade de ser um sistema de ideias coletivas, oriundas de realidades também coletivas. Assim, os ritos que surgem nesse fenômeno religioso são os modos de ser e estar dos indivíduos em sociedade.³⁸ Portanto, a religião se estrutura a partir das relações entre os indivíduos, e não há, por consequência, religião sem sociedade.

Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial de seu objeto. [...]. Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras *profano* e *sagrado* traduzem bastante bem.³⁹

O conceito de religião para Durkheim baseia-se na compreensão de que a esta se dá em sociedade a partir da distinção entre o sagrado e o profano. Esses conceitos não são fechados, mas são estabelecidos pelo conjunto de indivíduos. O sagrado, para o autor, está ligado ao extraordinário, e o profano está relacionado às coisas mundanas e ordinárias. Ambas se opõem e se compõem no processo das representações sociais.

Nesse contexto, a dimensão do sagrado atrela-se às questões que ultrapassam o nível do cotidiano da existência humana, por exemplo, as divindades e os mitos, entre outros. Já o profano é uma dimensão que não pertence ao sagrado, sendo tudo o que foi deixado de lado,

³⁶ DURKHEIM, 2003, p. 19.

³⁷ DURKHEIM, 2003, p. 26.

³⁸ DURKHEIM, 2003, p. 38.

³⁹ DURKHEIM, 2003, p. 19.

tudo que é caracterizado como inferior. Assim, os estudos de Durkheim nos auxiliam a entender que a caracterização da dimensão religiosa se dará pelas faces do sagrado e do profano, que se modificam de acordo com o contexto social no qual está inserida.

Dando continuidade ao estudo sobre a dimensão religiosa, outro sociológico que servirá de base a essa pesquisa é Max Weber⁴⁰. Esse pesquisador percebe a religião como um movimento para responder racionalmente a questionamentos acerca da complexidade da vida e do destino. Em seus estudos, principalmente no destaque da obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, o autor buscou entender como a religião controla a vida dos indivíduos na organização da sociedade e na organização do capitalismo.

Diferente de Durkheim, Weber não se preocupou em entender a essência do fenômeno religioso, mas em investigar como se dão os comportamentos dos indivíduos em sociedade por meio dessa dimensão religiosa.

As formas mais elementares do comportamento motivado por fatores religiosos ou mágicos são orientadas para o mundo terrestre. Os atos ditados pela religião ou pela magia devem ser realizados ‘a fim de se conquistar [...] a felicidade e uma longa vida na terra.’⁴¹

O excerto acima enfoca a perspectiva weberiana de pensar diferente das tendências sociológicas da religião quando destaca que a religião se dá para além dos aspectos mágicos, pois na verdade, para o autor, são as condições terrestres que orientarão a dimensão religiosa dos indivíduos. Isso quer dizer que os fatores se invertem para Weber ao pensar a religião atrelada às condições irracionais. Com esse entendimento, Weber vai relacionar a dimensão religiosa como um processo de alienação.

Para Max Weber, a religião, na medida em que produz a perda da consciência de que o mundo humano é um mundo socialmente criado e mantido, constitui-se no agente privilegiado da falsa consciência e da alienação. Embora use estes últimos termos, sua análise nada tem de marxista, pois o que se oculta não é a dominação de classe, mas o caráter social da construção da sociedade.⁴²

De acordo com a citação supra, a religião pode produzir no indivíduo uma alienação, pois o distancia da compreensão de que os fatos sociais são resultados das interações entre os indivíduos. Desse modo, a religião pode abrolhar nos indivíduos a leitura de que a realidade

⁴⁰ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁴¹ WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. p. 145-146.

⁴² STIGAR, Robson. A concepção de religião para Max Weber: um olhar a partir da Ciência da Religião. *Kerygma*. Engenheiro Coelho, v. 11, n. 2, p. 167-174, 2017. Disponível em: <<https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/770>>. Acesso em: 01 jul. 2019. p. 168.

não é produto de suas ações. Assim, é necessário romper com a alienação e reconhecer que o discurso religioso está entrelaçado às estruturas sociais.

Nesse processo de alienação via religiosidade, Weber explica a influência da dimensão religiosa nas atitudes dos indivíduos. Para o autor, a religião vai tomando linhas de posturas éticas socialmente produzidas e quando o indivíduo não compactua com essa postura ética, isso é caracterizado como uma atitude de desatino e como a falta do dever religioso. Assim, Weber apresenta a categoria de *ethos*, que se expressa no coletivo de indivíduos.⁴³

Isso posto, a dimensão religiosa, para o autor, não existe *a priori* e, sim, só se dará no processo de compreensão do fenômeno colocado em reflexão. Destarte, para Weber⁴⁴, a religião é um sistema simbólico pelo qual os indivíduos, em sociedade, formulam noções de suas vidas no coletivo.

Pode-se falar de interesses propriamente religiosos (definidos ainda em termos genéricos) quando, ao lado de demandas mágicas que sempre subsistem, pelo menos em determinadas classes, surge uma demanda propriamente ideológica, isto é, a espera de uma mensagem sistemática capaz de dar um sentido unitário à vida, propondo a seus destinatários privilegiados uma visão coerente do mundo e da existência humana, e dando-lhes os meios de realizar a integração sistemática de sua conduta cotidiana. Portanto, capaz de lhes fornecer justificativas de existir tal como existem, isto é, em uma determinada posição social.⁴⁵

Em virtude do aspecto apontado na citação acima, vislumbra-se um debate presente sobre as classes sociais, pois se os interesses propriamente religiosos se acentuam em determinadas classes, as relações de poder entre elas é fator decisivo para estabelecer um sentido unitário à vida.⁴⁶

Assim, até a dimensão religiosa presente em determinada sociedade é influenciada por um grupo específico de indivíduos, e sua forma característica, de acordo com a dimensão religiosa, se dará por oração, sacrifícios, veneração e pela invocação de deuses no intuito de encontrar respostas para os fenômenos naturais.⁴⁷

Pode-se falar de interesses propriamente religiosos [...] quando [...], pelo menos em determinadas classes, surge uma demanda propriamente ideológica, isto é, a espera de uma mensagem sistemática capaz de dar sentido unitário à vida, propondo a seus destinatários privilegiados uma visão coerente do mundo e da existência humana, e dando-lhes os meios de realizar a integração sistemática de sua conduta cotidiana.

⁴³ WEBER, 2004, p. 45.

⁴⁴ WEBER, 2000, p. 38.

⁴⁵ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectivas; 1998, p. 85-86.

⁴⁶ BOURDIEU, 1998, p. 86.

⁴⁷ WEBER, 1991, p. 450.

Portanto, capaz de lhes fornecer justificativas de existir tal como existem, isto é, em uma determinada posição social.⁴⁸

Dessa forma, para Weber, a ética protestante, no contexto do capitalismo, produz uma ordem jurídica resultante da “emanação direta da vontade divina”. Isso posto, cabe-nos uma reflexão sobre a explicação de que o indivíduo está na classe social na qual foi posto pela vontade divina. Em outras palavras, a meritocracia é fundamentada na religião e a posição social do indivíduo é planejada por um Deus.⁴⁹

É em consequência dessa ordem jurídica que, no contexto do capitalismo, o trabalho torna-se um meio que possibilita seguir um caminho ético religioso, bem como, uma aproximação com um ser divino. Essa ordem caracteriza-se como uma condição fundamental para alcançar-se o sucesso e a graça. Assim, os estudos de Weber pontuam que foi nas sociedades protestantes que o sistema capitalista se desenvolveu com maior intensidade.⁵⁰

Em virtude do contexto apresentado, a partir dos estudos de Weber, percebemos a construção social de uma alienação, provocada por fatores religiosos, para a justificação dos modos como são produzidas as relações sociais, entre elas, a econômica.

Em suma, os estudos citados neste subcapítulo nos possibilitam chegar a duas linhas de pensamento acerca da dimensão religiosa: a primeira aponta a dimensão religiosa como resultado das forças relacionais entre os indivíduos sendo, portanto, uma dimensão social/coletiva que influencia o individual; a segunda, denota a dimensão religiosa como reserva de sentido para a resolução de questionamentos.

As diversas ciências da religião, a história comparada das religiões, a sociedade, a psicologia e a fenomenologia das religiões, são cada vez mais unânimes em reconhecer que se encontram perante uma dimensão *sui generis* que se configura, nas suas linhas gerais, como uma relação de ser, apreendida, experimentada e expressa de modos diferentes e em diversos graus pelas consciências individuais do homem universal, que se descobre com ela profundamente comprometido e nela definitivamente realizado. Nas religiões mais evoluídas o homem exerce atos especificamente religiosos como a adoração e a invocação. Nelas o homem louva, dá graças, pede perdão, demonstrando total dependência em relação ao sagrado. Por fim, é necessário ter em conta, segundo o autor, que todo o fenómeno religioso é uma manifestação do sagrado. O homem percebe a erupção do sagrado no mundo e por ele conclui a existência de uma realidade transcendente a determinar um comportamento específico.⁵¹

⁴⁸ BOURDIEU, 1989, p. 86.

⁴⁹ WEBER, 2004, p. 146.

⁵⁰ WEBER, 2004, p. 149.

⁵¹ COELHO, Miguel Alexandre Batista. *Religiosidade popular: tradições, práticas e mitos*. 2017. 63 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/22995/1/0.%20Disserta%C3%A7%C3%A3o%20final.%20Miguel%20Coelho%20%255B2057503%255D.pdf>>. Acesso em: 1 jul. 2019. p. 12.

Destacamos que essas duas linhas de pensamentos não são, entretanto, antagônicas, e nem estão em lados opostos. Elas são de fato, indissociáveis, e se complementam para constituírem a identidade da dimensão religiosa. Estudar esses dois teóricos clássicos da Sociologia para compreendermos a religião possibilitou destacar elementos particulares de cada vertente.

Durkheim, ao realizar as suas investigações, teve como intenção a classificação dos dados empíricos coletados para possibilitar uma análise geral sobre a religião. Assim, a religião, para o autor, é resultado das relações sociais, um produto da sociedade, algo exterior aos indivíduos, um resultado generalizado dessas relações. Em síntese, um arcabouço de regras, valores e códigos que determinam as relações sociais para a manutenção de uma ordem.

Ao ponto que para Weber, a religião, no movimento da Reforma Protestante, era vista como uma *ética* que resulta de um processo dialético entre religião e sociedade, portanto, um fenômeno da modernidade que estruturou as relações no ocidente, influenciando os motores das sociedades capitalistas, principalmente no que tange à meritocracia, vista aqui como escolha do deus divino e não pelas condições socialmente construídas.

Em termos substantivos, a religião é um sistema composto por descrições do sagrado, respostas ao sentido do mundo e da vida (crenças), meios, sinais, experiências de ligação a esse sagrado (práticas), orientações normativas do comportamento (valores) e atores coletivos com regras e recursos próprios (coletividades). Em termos funcionais, a religião permite regular e justificar a conduta individual (normativa), providenciar coesão social (coesiva), consolar e aliviar (tranquilizante), fortificar a vontade (estimulante), dar sentido à vida (significante), possibilitar a experiência do sagrado (experencial), crescer e amadurecer (maturativa), proporcionar identidade (identitária) e ministrar salvação (redentora).⁵²

Em resumo, alguns fatores que distanciam os estudos de Durkheim dos de Weber são os caminhos metodológicos utilizados, pois enquanto o primeiro reduz a religião a algo externo aos indivíduos, o segundo, contrastando, define a religião a partir das condições socialmente postas, colocando o contexto como capaz de influenciar o modo de entendimento da religião.

Não é fácil definir “religião” sem privilegiar ou tornar exclusivo um só desses seus vetores: cosmovisão, que pode, então, passa a ser sonho vazio, sem repercussão na vida, ou Ética, que tende a virar puro moralismo. Weber renuncia a dar essa definição antes de começar a sua análise – o que seria lógico e que Durkheim, por exemplo, tinha feito. Ele o fará no fim, promete. Mas acaba por esquecer essa

⁵² COUTINHO, 2012, p. 187.

promessa. Ele arrisca, no entanto, esboços de definição no decorrer da análise. Simplesmente um “tipo particular de ação social”, aquele que os atores chamam de “religiosa”. A religião do senso comum qualificado, a do “bom-senso”, como diria Gramsci. Ou, mais precisamente: a organização das relações com seres empíricos: deuses, espíritos etc. “Organização”, uma ideia que atravessará também a tradição durkheimiana, mas sem que lhe seja necessária a referência a “seres” sobrenaturais. É a experiência do sagrado (e, antes da experiência, a categoria definidora do sagrado), que permite identificar o campo da religião. Pois é ela que organiza essa experiência coletiva: delinea e define um universo simbólico polarizado pela oposição sagrado/profano, instaura em torno desse universo uma comunidade (“Igreja”), celebra-o num conjunto ritual. Sagrado ou Deus, em todo o caso um sistema, que confere sentido ao mundo e à existência humana e que visa a um absoluto. É nesse sentido que a religião se constitui como uma cultura, que é mais do que cultura. Elevada ao quadrado.⁵³

Ambos os estudos, em constante diálogo, nos auxiliarão nesse processo de investigação para compreender a religiosidade de alunos jogadores de futebol. Para maior aprofundamento dos estudos cabe, no próximo subcapítulo, o debate sobre a conceituação da dimensão religiosa como resultado da religião.

1.2 Religiosidade: em busca de uma conceituação

Como identificamos no subcapítulo anterior, a dimensão religiosa se dá pelas relações entre os indivíduos pertencentes a uma sociedade que, no movimento de se inter-relacionarem, constituem costumes que possibilitam responder aos questionamentos postos. Assim, para Braga Júnior, religião é um termo que não muitos discordam em seu conceito, mas que ele define como sendo

[...] uma dimensão pelo qual as pessoas se associam e estabelecem um padrão mínimo de consenso em torno de diversos aspectos sociais que lhes permitem estabelecer relações de solidariedade que se baseiam numa ética que toma como base a crença do grupo.⁵⁴

Para tanto, cabe neste subcapítulo, construir uma definição para a religiosidade, debater as categorias das experiências religiosas que se apresentam no contexto da modernidade, principalmente a partir do capitalismo, elencando, como categoria de análise, a religiosidade popular. A intencionalidade deste subcapítulo está em definir a religiosidade sem, no entanto, nos prendermos a um único sistema religioso institucionalizado, e sim, trazendo diferentes sistemas.

⁵³ SANCHIS, Pierre. *Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 18-19.

⁵⁴ BRAGA JÚNIOR, Amaro Xavier. *Sociologia da Religião*. Instituto de Ciência Sociais. Ministério da Educação. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/175184/2/Manual_%20Sociologia%20da%20Religi%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019. p. 16.

Assim, partimos do pressuposto de que religiosidade se diferencia de religião, pois a religiosidade, como Panzini e outros definem, como uma continuidade relacional, pela qual um indivíduo possui uma crença, a segue e pratica, a partir dos ideais de uma religião. Então, como prática religiosa, a religiosidade tem a finalidade de dar suporte aos conflitos individuais e coletivos visando à produção harmônica da sociedade.⁵⁵

Nesse sentido, a religiosidade, como denotam Silva e Siqueira, está na dimensão pessoal do indivíduo e é, portanto, um processo, um movimento do qual o indivíduo se utiliza para praticar a sua religião. Assim, a religiosidade possibilita ao indivíduo uma convicção de que os conflitos existenciais podem ser solucionados.⁵⁶ Ainda sobre a religiosidade, em consonância com Gobatto e Araújo, ela pode ser explicada como os modos coletivos que os indivíduos praticam a partir de suas crenças religiosas.⁵⁷

Desse modo é intrínseca essa prática com a doutrina/adoração seguida pelos indivíduos e, assim a religiosidade

[...] que se refere a comportamentos e crenças associados a alguma seita religiosa; refere-se às crenças propriamente ditas, aos rituais institucionais [...] e mesmo não institucionais [...]; refere-se também às experiências pessoais e ao próprio conhecimento religioso.⁵⁸

Pode-se inferir, portanto, que a religiosidade, como destacado pelos autores acima, além de possibilitar um fortalecimento dos vínculos sociais, pode influenciar na autossatisfação individual e coletiva, bem como a criação de sentimentos de autoestima.

A partir desse contexto, subsidiaremos esse subcapítulo nos estudos de Durkheim, por meio da categoria de “fatos sociais”, para demonstrar como os costumes sociais produzidos em relações com os indivíduos e, dessa forma, contribuem para a compreensão da vida humana. Para esse sociólogo, os *locus* de investigação são os hábitos coletivamente produzidos. Destarte, nessa lógica, surge a necessidade de interpretações sobre as religiosidades presentes nessas relações sociais⁵⁹. Nessa mesma perspectiva, Becker e Silva salientam que a religiosidade

⁵⁵ PANZINI, R. G. et al. Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de psiquiatria clínica*, v. 34, p. 105 - 115, 2007. p.108.

⁵⁶ SILVA, Rogério Rodrigues; SIQUEIRA, Deis. Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, 2009. p. 560.

⁵⁷ GOBATTO, Caroline Amado; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira. Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. *Psicologia USP*, v. 24, n. 1, 2013. p. 27.

⁵⁸ SOCCI, V. Religiosidade e o adulto idoso. In: WITTER, G. P. (Org.). *Envelhecimento – referenciais teóricos e pesquisa*. Campinas: Alínea, 2006, p. 87 – 101. p. 89-90.

⁵⁹ DURKHEIM, 2003, p. 30.

[...] permite às pessoas interagirem com outras ou em grupo, a partir do estabelecimento de um contato sistemático, criando vínculos de amizade e pertencimento. [...]. Neste sentido, as pessoas modificam seus comportamentos habituais, tendo maior capacidade para enfrentamento de situações delicadas e dolorosas, com a autoestima preservada a partir da descoberta do potencial que possuem. Tal processo repercute em uma melhor qualidade de vida individual e relacional.⁶⁰

Dessa forma, a religiosidade como “fato social”, em Durkheim, implica que o modo como os indivíduos se moldam de uma mesma maneira é o reflexo de uma coerção exterior e, assim, os pensamentos, opiniões, ações e até os sentimentos são determinados pela sociedade a qual o indivíduo pertence. Logo, o “fato social” também pode se dar na extensão da sociedade e não depende das ações de um indivíduo isolado, isso é, independe de manifestações individuais.⁶¹

Como depreendemos do subcapítulo anterior, a religião fornece ao indivíduo suportes para a resolução de questionamentos socialmente postos. Nessa direção, outra categoria apresentada por Durkheim, *anomia*, servirá de suporte conceitual a esta pesquisa. Quando o sociólogo francês faz uso do termo em questão, ele tem em vista o radical grego *nomos* (lei moral, costume), que associado ao prefixo *a-* (não, sem, ausência de), dá a *anomia* o significado de “[...] ausência de leis, assim, um estado social desordenado e caótico”⁶².

O estado de anomia é impossível onde os órgãos solidários estão em contato suficiente e suficientemente prolongado. Com efeito, ao ser contíguo a todo o momento percebem a necessidade que têm uns dos outros e, por conseguinte, têm um sentimento vivo e contínuo e sua mútua dependência.⁶³

Logo, trazer a categoria de *anomia*, apontada por Durkheim, com a religiosidade, é entender que esta, apresentada por um determinado indivíduo, não é algo exclusivamente interior a ele, mas sim, produto de uma construção social que surge muito antes dele e, portanto, é exterior a esse indivíduo. Assim, a religiosidade emerge para que os indivíduos possam, em sociedade, construir normas e condutas para uma fuga de um estado de *anomia*.

Em suma, a religiosidade traz uma conotação coletiva por ser um fato social produzido no conjunto de indivíduos que constituem uma mesma sociedade, é influenciada pelo contexto, pelo seu pertencimento, e está atrelada a uma classe social. Assim, Coelho nos aponta que

⁶⁰ BECKER, Ana Paula Sesti; SILVA, Josiane Delvan da. Concepções acerca da religiosidade: a perspectiva da criança. *Estud. pesquis. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 930-952, 2016. p. 931.

⁶¹ DURKHEIM, 2003, p. 31.

⁶² DURKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*. Martins Fontes: São Paulo, 2010. p. 08.

⁶³ DURKHEIM, 2010, p. 304.

Os gestos rituais, os atos de culto, as peregrinações, as festas os relatos e as celebrações, cultos e ritos de caráter sentimental celebrados por ocasião de acontecimentos biológicos da existência, como o nascimento, a fecundidade e, por fim a morte, são realidades que estas classes populares consideram ainda hoje pela tradição, como próprias e distintas das que caracterizam a religiosidade oficial (*na sua maioria Católica*) ou de outras classes no que diz respeito à linguagem, aos gestos concretos, à intensidade emocional e participativa. Algumas das formas de religiosidade popular consistem ainda hoje em práticas (feitiçarias, mau olhado, orações, mitos) que muitas vezes se unem a ritos cristãos, como o culto a Nossa Senhora e aos Santos e peregrinações aos Santuários. A religiosidade popular corresponde a um complexo muito variado de expressões.⁶⁴

Destarte, a religiosidade é um sentido de expressão da religião e, portanto, uma e outra são os dois lados de uma mesma moeda. Ou seja, religião e religiosidade possuem significados distintos, porém são inter-relacionados em suas produções sociais, tornando-se noções próximas.

É preciso destacar que a religiosidade é uma dimensão resultante das condições socioculturais em constante diálogo com o presente e o passado da dimensão religiosa, ou seja, é um aspecto da leitura e expressão da comunidade acerca dos fenômenos que estão para além do humano. E como expressão social, pode sofrer controle social, e até ser instrumentalizada por outras classes sociais não pertencentes àquele contexto.

[...] não é de recear que alguma vez o céu se despovoe de forma definitiva, pois, somos nós próprios que o povoamos. O que nele projetamos são imagens ampliadas de nós próprios. E enquanto houver sociedade humana, elas tirarão do seu seio grandes ideias de que os homens se tornarão servidores.⁶⁵

Então, a religiosidade, de acordo com o excerto acima, é produto da construção coletiva das mentes dos indivíduos que, de geração em geração, podem sofrer alterações de acordo com o que as sociedades projetam. Logo esses indivíduos perpetuarão essa religiosidade, em conformidade com o seu contexto social e seguindo os princípios apresentados na doutrina que determina quais os preceitos morais e éticos da sua religião.

Ademais, a religiosidade sempre acompanhou os diferentes indivíduos e sociedades. A busca por compreender esse fenômeno tão difícil de explicar é resultado da modernidade e da tomada de consciência desses indivíduos. O estudo desse fenômeno é importante para que se possa compreender as condições materiais e sociais postas, possibilitando ampliar o olhar para vislumbrar outras realidades, a partir de um contexto mais macro.⁶⁶

⁶⁴ COELHO, 2017, p. 13-14.

⁶⁵ DURKHEIM, 1975, p. 126.

⁶⁶ COELHO, 2017, p. 23.

Portanto, estudar sobre a religiosidade de um conjunto de indivíduos possibilita compreender todas as dimensões presentes em suas culturas, desde os aspectos supersticiosos, mágicos, irracionais que, em diálogo, representam um conjunto simbólico e ritual. E, dentro dessa produção social, os diferentes indivíduos e grupos sociais significam e valoram, de múltiplas formas, as situações diante dos fatos sociais, tomados em forma de discursos e de superstições individuais e coletivas.

Em suma, cabe-nos, no próximo subcapítulo, analisar como esse conjunto simbólico, destacando-se nele a *superstição*, se produz e se reproduz na sociedade como um dos tipos de reflexo dessa religiosidade.

1.3 Superstição como reflexo da religiosidade popular

No subcapítulo anterior, discutiu-se acerca da religiosidade resultante da dimensão religiosidade. Neste, dar-se-á continuidade a essa investigação trazendo a noção de *superstição* como um dos reflexos dessa religiosidade. Dessa forma, o objetivo desse subcapítulo é debruçar sobre essa noção de superstição e sobre como ela se atrela aos costumes dos jogadores de um time de futebol, campo de estudo desta pesquisa.

Diferentes fontes acadêmicas discorrem sobre o sentido de superstição. Para Jarvis, a superstição é uma crença sem empiria, isso quer dizer, que é uma crença em algo que não foi vivenciado, que não teve uma experiência sensorial nem pelo indivíduo e nem pela comunidade.⁶⁷ Já Dias entende esse conceito como um fenômeno social, presente nas características estruturantes de um grupo e que pode estar presente em diferentes culturas, desde a popular até a clássica.⁶⁸

A crença no destino, na impotência para alterar o rumo da sua vida, torna o homem refém de presságios ou de tabus. Presságios, como cruzar com gatos pretos na rua ou partir espelhos, e tabus, como passar por debaixo de escadas ou abrir guarda-chuvas dentro de casa, são sinais de má sorte futura. Utilizando feitiços (bruxaria, macumba, vudu etc.) ou objetos (trevo de quatro folhas, ferradura, pé de coelho, etc.) de eficácia mágica a má sorte pode ser esconjurada.⁶⁹

Coelho, por sua vez, nos ajuda a entender que a superstição nasce de uma fraqueza do homem, da sua imaginação, pois a superstição dá muito valor ao prenúncio, em algo

⁶⁷ JARVIS, Peter. Towards a sociological understanding of superstition. *Social Compass*, v. 27, n. 2, p. 285-295. 1980. p. 289.

⁶⁸ DIAS, Mouro. O Brasil plural de Câmara Cascudo. *Primeira Versão*, Porto Velho, v. 22, n. 231, 2008, p. 147.

⁶⁹ COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos Sociologia. *Revista da Faculdade de Letras*, Universidade do Porto, v. 24, p. 171-193, 2012, p. 183.

incerto de acontecer. É um meio de fuga que não compactua com um diálogo com um ser divino, em suma, é uma perda da prática religiosa e sua substituição por práticas não religiosas.⁷⁰

Superstição, para Abbate, atrela-se à disposição do homem para dar razão aos acontecimentos na personificação do sobrenatural, por meios ocultos, rituais, magias, sorte e/ou devoção. O autor aponta que a etimologia da palavra está no termo do latim *superstitio*, que seria o “dom da segunda visão”. Nessa direção, superstição vai dar sentido a tudo que for estranho à racionalidade.⁷¹

Segundo Benveniste, essa noção só pôde surgir em uma civilização e em uma época em que era possível apreciar separadamente as formas normais da religião das formas exageradas da crença ou do culto. *Superstitio* seria o dom da segunda visão que permite conhecer o passado como se estivesse estado presente, é o “dom da presença”; sendo *superstitiosus* a propriedade da dupla visão que se atribui aos videntes, aquela de ser testemunha de acontecimentos aos quais não se assistiu, propriedade daquele que é provido do “dom da presença”.⁷²

Dessa maneira, a partir da compreensão de Benveniste, podemos depreender que, em um dado período histórico e social, a superstição era caracterizada como uma prática falsa da religião, motivo de preocupações para os romanos, por exemplo. Portanto, no período romano, havia práticas religiosas do cristianismo, que eram consideradas verdadeiras, e outras, que eram consideradas falsas, em suma, superstições.⁷³

Chauí reporta que o debate sobre as superstições está presente na sociedade desde os primórdios da Filosofia. Surge como compreensão sobre a realidade a partir de grupos do Naturalismo, sem recorrer às expressões na corrente de tradição poética, por exemplo, de Homero e Hesíodo. Um dos pensadores da corrente do Naturalismo é Espinosa.⁷⁴

Teoricamente, a crítica da superstição em Espinosa inicia uma nova relação com a linguagem e suscita um deslocamento do sentido do signo para a ideia, da imaginação para o intelecto. Onde, também, o deslocamento do valor da profecia e o descrédito em que cai o milagre. É a destruição de todo recurso à *Divinatio*. Historicamente, a crítica da superstição toma outra direção: visa a política e a religião. Ataca o uso que o clero calvinista faz do Antigo Testamento a fim de transpor para a Holanda mercantil o Estado teocrático dos hebreus. O regime teocrático funda-se na Antiga Aliança – aquela que Deus faz com um povo eleito determinado, o povo hebreu. Ora, o Novo Testamento desloca o pacto divino para

⁷⁰ COELHO, 2017, p. 24.

⁷¹ ABBATE, M. S. Il fato e la superstizione. In: PLUTARCO. *Il fato e la superstizione*. Roma: Tascabili Economici Newton, 1993. p. 18.

⁷² AZEVEDO, C. A. A procura do conceito de religio: entre relegere e o religare. *Religare*. v. 07, n. 1, p. 90 - 96. 2010. p. 94.

⁷³ AZEVEDO, 2010, p. 94.

⁷⁴ CHAUI, M. S. *Introdução à leitura de Espinosa*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1970. p. 130.

todos os homens e a Nova Aliança anula a pretensão do clero de querer controlar os negócios temporais.⁷⁵

Espinosa, ao falar sobre a superstição, aponta que o indivíduo supersticioso carrega consigo duas propriedades, presentes desde a época romana: a inconstância e a credulidade. Na inconstância, tem-se o sentido de uma “disposição passional”, que produz um bloqueio no pensamento-reflexivo-crítico. Já na credulidade, o indivíduo acredita em ideias inadequadas, no imaginário.⁷⁶ Resumindo, ambas as propriedades são produzidas pelo indivíduo por diferentes motivos, entre eles, o medo e o desejo imoderado. Para Espinosa “[...] o medo ensandece os homens! O medo é a causa que origina, conserva e alimenta a superstição”⁷⁷.

Pode-se acrescentar a esses muitos outros exemplos que mostram clarissimamente [*ostenduntclarissime*] o mesmo, a saber, que os homens padecem de conflitos supersticiosos apenas enquanto sentem medo; que todas as coisas que alguma vez cultivaram com vãs credências nada foram além de fantasmas e delírios de ânimos tristes e amedrontados [...].⁷⁸

Portanto, a superstição permite aos indivíduos controlarem os seus medos e anseios. Em obra intitulada *Tratado Teológico-Político*, o filósofo se prontifica a desmitificar a superstição para que os indivíduos possam romper com seus desejos imoderados e controlarem seus medos. Outro filósofo que discute sobre essa obra, Deleuze, adverte para as principais interrogações do *Tratado Teológico-Político*.

[...] por que o povo é profundamente irracional? Por que ele se orgulha de sua própria escravidão? Por que os homens lutam “por” sua escravidão como se fosse sua liberdade? Por que uma religião que reivindica o amor e a alegria inspira a guerra, a intolerância, a malevolência, o ódio, a tristeza e o remorso?⁷⁹

É a partir desse contexto que Espinosa vai propor a noção de que a superstição é a procura irracional pela fortuna, pois é a partir da aspiração por riquezas, prazeres e cargos que esses indivíduos se tornarão reféns de seus medos e desejos imoderados, visto que a ganância é tanta que a não realização de seus desejos produz neles o medo. Assim, a superstição, cria laços de esperança.⁸⁰

⁷⁵ CHAUI, 1970, p. 132.

⁷⁶ ESPINOSA, Baruch de. *Tratado teológico-político*. Lisboa: Imprensa Nacional. 3. ed. 2004. p. 123.

⁷⁷ ESPINOSA, 2004, p. 112.

⁷⁸ ESPINOSA, 2004, p. 118.

⁷⁹ DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002. p. 15-16.

⁸⁰ ESPINOZA, 2004, p. 119.

Podemos entender, a partir desse contexto, que a superstição se instaura em um sentimento de paixão, entretanto, uma paixão negativa, uma imaginação que se move entre os medos e a esperança da conquista de bens. É a partir desse contexto social que surge a imagem de um ser divino voluntarioso, onipotente, transcendental.⁸¹

Não há, com efeito, ninguém que tenha vivido entre os homens e não percebido que a maior parte deles, se estão em maré de prosperidade, por mais ignorantes que sejam, ostentam uma tal sabedoria que até se sentem injuriados se alguém quiser dar um conselho. Todavia, se estão na adversidade, já não sabem para onde se virar, suplicam o conselho de quem quer que seja e não há nada que lhes diga, por mais frívolo, absurdo ou vazio que eles não sigam.⁸²

Essa ostentação apresentada quando o indivíduo está em uma *maré de prosperidade* pode ser identificada como a produção de uma imagem de si mesmo como superior e de uma vaidade sem tamanho, que se dá em um processo relacional. Além da autoimagem que o indivíduo tem de si, é necessário que os outros também vejam essa imagem e, assim, essa vaidade se relaciona com a ambição.⁸³

Em contrapartida, quando essa *maré de prosperidade* começa a decair, o indivíduo começa a sentir um medo incontrolável de perder os seus bens e, com isso, sua vaidade vai diminuindo e os conselhos exteriores começam a ser aceitos. A partir dessas oscilações, os indivíduos começam a se nutrir de fontes de superstições oriundas de outros indivíduos e de diferentes crenças sociais e, assim, as superstições vão criando forças.⁸⁴

A *fortiori*, a filosofia espinosana, no que diz respeito à crítica do antropomorfismo religioso e da compreensão de Deus através da imagem providencialista, sustenta que de arquiteto a juiz, a imagem de Deus sempre se reporta à figura de um super-homem, cuja noção supersticiosa está enfatizada na absoluta transcendência de Deus e no discurso imaginativo, portador de paixões humanas à divindade.⁸⁵

Logo, a imagem de Deus em uma perspectiva espinosana é a autoimagem do próprio indivíduo, ou semelhante a ele. Dessa forma, o filósofo rompe com a perspectiva que se tinha até aquele período histórico e social (tradição judaico-cristã) que afirma sobre Deus “[...] que

⁸¹ CHAUI, 1970, p. 135.

⁸² ESPINOSA, 2004, p. 05.

⁸³ ESPINOZA, 2004, p. 07.

⁸⁴ ESPINOZA, 2004, p. 08.

⁸⁵ PASSOS, E. C. *A questão da superstição em Espinosa*. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2004. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/3859>> Acesso em: 01 jul. 2019. p. 31.

o ser absoluto é profundamente imanente ao universo e que tudo quanto existe se traduz como efeito necessário da sua ação”.⁸⁶

Portanto, a superstição se encaixa nos estudos espinosanos a partir de dois fatores. O primeiro, pelo viés da liberdade, podendo ser de expressão, pensamento e ação; e o segundo, pelo da servidão, podendo ser ética, teológica e política. Logo, sua obra coloca em debate a superstição religiosa e a servidão ética do grupo social no qual o indivíduo está inserido. Espinosa ainda aponta que a superstição é um caminho eficaz para o controle social dos indivíduos, para mantê-los sob a ordem e os costumes estabelecidos, isso porque permite controlar sonhos, paixões e desejos dos indivíduos, que evocam a sua superstição e confundem-na com religiosidade.⁸⁷

Portanto, a superstição caracteriza-se como um conhecimento influenciado por forças não conhecidas e/ou sobrenaturais. Desse modo, cabem ao destino as consequências dos rumos das vidas, tornando-se, os indivíduos, impotentes para alterar seus fados.

Para conhecer o seu destino mais ou menos alargado, o homem socorre-se de rituais como a leitura de horóscopo, a interpretação de cartas (*tarot*) ou outras formas de vidência astrológica. Os rituais também podem ser usados para tornar favoráveis as forças sobrenaturais ou espíritos, pela organização dos espaços e dos seus componentes (*feng shui*) ou pela comunicação com espíritos dos mortos através de médiuns (espiritismo).⁸⁸

No entanto, não podemos considerar a superstição como algo mentiroso, pois, para Durkheim, elas são construções humanas, são edificações sociais estabelecidas para responder a demandas coletivas igualmente válidas⁸⁹. Entretanto, a superstição não pode abater os indivíduos, pois, nessa condição, torna-se um reflexo negativo da religiosidade. Nesse contexto, tem-se na superstição uma substituição da prática religiosa que capaz de promover o desenvolvimento do indivíduo e de sua comunidade.

Ligadas de alguma forma à espiritualidade e ao sagrado, são referidas a magia, manipulação de forças sobrenaturais para obtenção de benefícios, e a superstição, crença na integração da existência individual na ordem cósmica. A opacidade de partes do nosso mundo, que nem a ciência iluminou totalmente, torna a sua pertinência permanente.⁹⁰

⁸⁶ PASSOS, 2004, p. 32.

⁸⁷ PASSOS, 2004, p. 33.

⁸⁸ COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras*. Universidade do Porto, v. 24, p. 171-193, 2012, p. 183.

⁸⁹ DURKHEIM, 2003, p. 35.

⁹⁰ COUTINHO, 2012, p. 187.

A superstição está presente em todos os contextos e grupos sociais, por exemplo, há o pensamento recorrente de que dá azar passar embaixo de escadas, outros, não podem ver gato preto, e outros, ainda, ao acordarem, precisam começar o dia com o pé direito. Todos os exemplos citados demonstram uma cultura produzida ao longo da história que ainda influencia o cotidiano atual e demonstra falta de “maturidade religiosa”⁹¹.

O indivíduo supersticioso procura outros meios para a prática da religiosidade, rompendo com a religião. Nessa condição, o meio procurado para o diálogo é com as forças obscuras da criação, gerando desequilíbrio emocional ao indivíduo. De acordo com Coelho, “[...] o homem é um ser fundamentalmente religioso e tem fome de um ser divino, por isso, ouvimos dizer que quando o homem fecha a porta à religião, abre a janela à superstição”⁹². O que não é correto afirmar, uma vez que, como cientista da religião, devemos considerar toda e qualquer forma de credo, crença e religião.

Em outras palavras, o supersticioso cria a imagem de um Deus que dirigiria toda a natureza em função dos apetites dos homens, um Deus que se comoveria com os dramas ínfimos de homens que sofrem por seu apego a bens da fortuna, um deus que compactuaria com os supersticiosos e que concederia bens da fortuna em troca de bajulações e rituais de glorificação.⁹³

Assim, os indivíduos utilizam diferentes objetos para praticar a sua superstição, desde amuletos, colares, símbolos que podem não representar a sua religião de origem. Esses amuletos carregam representações simbólicas que não dialogam com sua religiosidade. Em suma, Espinosa aponta para uma dimensão autoritária da superstição sobre o indivíduo que dela se vale, mantendo-os na condição de ignorância, fazendo-os acreditarem que algo será feito por um ser divino.⁹⁴

Portanto, a superstição se ancora num aspecto da religiosidade, por exemplo, signos, sentidos, presságios, mistérios, milagres que, no processo, se cristalizam numa relação entre indivíduo e divindade, por meio de alguns ritos ou cerimônias. Em suma, essas práticas supersticiosas não justificam a religiosidade dos indivíduos, e sim, demonstram sua ignorância sobre a própria dimensão religiosa.

Buscou-se, neste capítulo, compreender a religiosidade como práticas do indivíduo com base em uma dada religião e finalizamos com a noção de que a superstição é resultado da

⁹¹ COELHO, 2017, p. 24.

⁹² COELHO, 2017, p. 25.

⁹³ ROCHA, A. M. Espinosa e o conceito de superstição. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. v. 12. p. 81-99, 2008, p. 88.

⁹⁴ PASSOS, 2004, p. 56.

ignorância religiosa. As três categorias de análise deste capítulo são primordiais para a compreensão do nosso campo de estudo, que são os jogadores de futebol e suas práticas religiosas, incluindo-se, nesse bojo, também as suas superstições.

No próximo capítulo, debater-se-á sobre como a religiosidade e seus reflexos, entre eles a superstição, influenciam o contexto do esporte e o contexto social brasileiro. No primeiro subcapítulo, abordaremos a religiosidade nos jogos olímpicos, sobre como ela ocorre nesse contexto, para, posteriormente, compreendermos a religiosidade no contexto brasileiro e finalizarmos acerca da presença da religiosidade no futebol.



2 A RELIGIOSIDADE NOS ESPORTES

Este capítulo propõe como fio condutor percorrer um caminho metodológico que parte do mapeamento e da interpretação de produções acadêmicas, apresentadas no quadro a seguir. Nessas produções, buscou-se compreender os sentidos que esboçam a articulação entre a religiosidade com o esporte.

Quadro 1 - Levantamento dos trabalhos utilizados para a escrita deste capítulo.⁹⁵

Autor (es)	Título	Ano	Categoria
HELAL, Ronaldo.	O Que É Sociologia do Esporte.	1990	Livro
ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric.	A Busca da Excitação.	1992	Livro
ROSENFELD, Anatol.	O futebol no Brasil.	1993	Artigo
SÉRGIO, Manuel.	Os jogos olímpicos na antiguidade grega (reflexões em ano de jogos olímpicos).	1996	Artigo
GENOVEZ, Patrícia Falco.	O Desafio de Clio: O esporte como objeto de Estudo da História.	1998	Artigo
OLIVEIRA, Francisco.	O Espírito Olímpico no Novo Milênio.	2000	Livro
VERNANT, Jean Pierre.	Entre mito e política.	2001	Livro
DEBORD, Guy.	A Sociedade do Espetáculo.	2003	Livro
BENTO, José Olímpio.	Olhares e estados da alma.	2004	Artigo
MURAD, Maurício.	A História social do futebol brasileiro: alguns elementos para a sua compreensão.	2004	Artigo
DAMIANI, Marcelo Erasm.	Superstição no esporte.	2005	Teses e Dissertações
DAOLIO, Jocimar.	A superstição no futebol brasileiro.	2005	Artigo
MACHADO, Raoni Perruci Toledo.	Esporte e religião no imaginário da Grécia Antiga.	2006	Teses e Dissertações
MONTEIRO, Alberto de Oliveira.	O Desporto: da excelência à virtude, um caminho para crianças, jovens e adultos.	2007	Teses e Dissertações
LESSA, Fábio de Souza	Esporte na Grécia Antiga: um balanço conceitual e historiográfico.	2008	Artigo
HERVIEU-LÉGER, Danièle.	O peregrino e o convertido: a religião em movimento.	2008	Livro
DAMO, Arlei Sander.	Dom, Amor, e Dinheiro no Futebol de Espetáculo	2008	Artigo
CONCEIÇÃO, Paulo Felix Marcelino.	Amarelão no esporte: das alterações da cor da pele ao coping do estresse por crenças religiosas e lócus do controle de atletas de handebol, ginástica artística e voleibol.	2009	Teses e Dissertações
AZEVEDO, Mauro José Alves de.	Rituais católicos e sua conexão com a violência no futebol de Várzea.	2012	Teses e Dissertações
BITUN, Ricardo; SOUZA	Formas Elementares da Vida Religiosa:	2012	Artigo

⁹⁵ Mapeamento realizado através do Banco de Teses e Dissertações do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia; Biblioteca Eletrônica da *Scientific Electronic Library Online*; *Google Scholar*; Biblioteca Virtual da *Person*. Elaborado pelo autor.

NETO, João Clemente.	Apontamentos de uma abordagem durkheimiana para compreensão da atualidade do fenômeno pentecostal.		
PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira.	O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010.	2013	Artigo
OLIVEIRA, Fabio Eloi de.	Publicidade, Imaginário e Identidades Nacionais: o futebol e a religiosidade em tempos de copa do mundo.	2013	Teses e Dissertações
ROSA, Sandro Santos	Uma hermenêutica entre culto, futebol e religião: experiências que perpassam a coincidência.	2014	Artigo
TONIOL, Rodrigo.	O censo de 2010: religiões em movimento, perspectivas em diálogo.	2014	Artigo
SANTOS, Maria Goreth	Os Limites do Censo no Campo Religioso Brasileiro.	2014	Artigo
MENEZES, Renata de Castro.	Religiões, Números e Disputas sociais.	2014	Artigo
FERNANDES, Sílvia Regina Alves.	O censo não diz tudo, mas que ajuda, ajuda. O catolicismo em cidades do estado menos católico.	2014	Artigo
SILVA, Lorena Pantaleão.	Antiguidade Clássica: Grécia, Roma e seus reflexos nos dias atuais.	2017	Livro
SANTOS, Ana Raquel Mendes et al.	Símbolos e Rituais do Futebol Espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo.	2017	Artigo
PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães.	Análise da religiosidade no esporte: o olhar de atletas olímpicos brasileiros.	2018	Teses e Dissertações
SANCHIS, Pierre.	Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes.	2018	Livro

Assim, partindo desse mapeamento, foi possível escrever os três subcapítulos que seguem, a saber: 2.1 A religiosidade nos jogos olímpicos da Grécia Antiga; 2.2 A religiosidade no Brasil e; 2.3 A religiosidade no futebol. Cada subcapítulo dialoga com o objeto de investigação e contribui, em diálogo com a fundamentação teórica, para a posterior análise dos dados coletados.

Entende-se que a fé está ligada a religião e isso não é diferente no mundo dos esportes, pois, como diz Rosa, existe fé na vitória, “existem comportamentos relacionados à religiosidade, como: fé e esperança na vitória apesar das evidentes dificuldades do jogo; cantos e coreografias para ‘empurrar’ o time (toda comunidade) à glória”.⁹⁶

Portanto, coube-nos trazer, no próximo subcapítulo, o debate sobre a religiosidade desde os primórdios dos jogos olímpicos, na antiga Grécia, pois desde essa remota época, tem-se saberes sistematizados sobre a interdependência entre religiosidade e esporte.

⁹⁶ ROSA, Sandro Santos. Uma hermenêutica entre culto, futebol e religião: experiências que perpassam a coincidência. *Revista Tear*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 94-100, 2014, p. 95.

2.1 A religiosidade nos Jogos Olímpicos da Grécia Antiga

Ao se estudar, no mapeamento realizado, a religiosidade e sua interface com o esporte, foi possível identificar a necessidade de trazer para o debate, inicialmente, a religiosidade nos Jogos Olímpicos da Antiguidade. Em virtude disso, é preciso compreender o cenário no qual surgiram esses jogos. Portanto, tratar-se-á, primeiramente, o contexto sobre a perspectiva da composição geográfica para, posteriormente, discutir-se a importância do esporte na Antiguidade e, por fim, estabelecer a relação entre a religiosidade e os Jogos Olímpicos.

A Grécia está separada da Ásia Menor pelo Mar Egeu, quase de frente para o Egito, e ocupa boa parte da Península Balcânica. Há cerca de 4 mil anos, surgiu ali um tipo de organização social que contribuiria decisivamente para a formação das sociedades do mundo contemporâneo – a Hélade.⁹⁷

A Hélade abrigou diversas cidades independentes, tais como Atenas, Esparta e Corinto, com um relevo bastante acidentado, que influenciou para o isolamento e a proteção contra os inimigos, bem como para o desenvolvimento de uma identidade cultural ímpar e extremamente significativa. Foi nesse ambiente geográfico, social, político, religioso e econômico que surgiram a Filosofia, a Democracia e os Jogos Olímpicos, além dos conhecimentos fundamentais para o desenvolvimento da Matemática e de outras ciências.⁹⁸

Nesse contexto, a prática de exercícios físicos era considerada como um caminho para se preservar a vida e a saúde. Assim, os Jogos Olímpicos surgem como um meio de se reinventarem, de promoverem concursos, de satisfazerem seu gosto por lutas e pela rivalidade. Destarte, a prática do esporte também foi um meio para a aquisição de força física e beleza.⁹⁹

Os historiadores da Antiguidade ao trabalhar com as práticas esportivas gregas se esforçam em discutir as especificidades entre dois termos que frequentemente aparecem associados ao campo da disputa atlética, a saber: *athlètes* (da raiz de *aethlos* ou *athlos*, a guerra) e *agonistès* (deriva da palavra *agôn*, luta, disputa). O primeiro termo diz respeito “àqueles que exercem um esporte”, já o segundo, faz alusão “àqueles que participam dos concursos”. Logo, observamos que *athlètes* é um termo que possui um conteúdo mais específico.¹⁰⁰

⁹⁷ AZEVEDO, Mauro José Alves de. *Rituais católicos e sua conexão com a violência no futebol de Várzea*. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012. p. 39.

⁹⁸ AZEVEDO, 2012, p. 39.

⁹⁹ LESSA, Fábio de Souza. Esporte na Grécia Antiga: um balanço conceitual e historiográfico. *Recorde: Revista de História de Esporte*. v. 1, n. 2. p. 1-18. 2008. p. 4.

¹⁰⁰ LESSA, 2008, p. 4-5.

Em síntese, o atleta grego, na Antiguidade, focava em seus treinos para alcançar uma boa preparação física, e esse culto ao corpo os diferenciava dos outros gregos, pela importância que o esporte tinha naquela sociedade. Desse modo, infere-se que o esporte, para a sociedade grega, era tratado como um indicativo do modo como os indivíduos se socializavam, isso porque

[...] o esporte também favorece o estudo das ações humanas em grupo, tendo em vista que o processo do jogo é exatamente este: uma configuração dinâmica de seres humanos cujas ações e experiências se interligam continuamente, representando um processo social em miniatura.¹⁰¹

O esporte na Grécia era tido como algo de muito valor, até porque os gregos eram conhecidos pela valorização do belo e do corpo, e a prática esportiva não era tratada como lazer, era vista como uma ação social e política. Ratificando esse ponto de vista, Lessa afirma que,

No caso helênico, o esporte se constituiu em prática essencial para a construção das relações de cidadania, sendo uma área específica da *Paidéia* e um meio propiciador de coesão social. Neste sentido, podemos entender o esporte, entre os gregos, como um indicativo de modelos de sociabilidade.¹⁰²

O estudo de Machado denota que, na Antiguidade, já se tinha um culto ao corpo, pela via do esporte, como meio de formação dos indivíduos sobre os costumes socialmente constituídos. Esse culto ao corpo, pela via dos esportes, também se entrelaçava com uma “grandeza moral”, pois era assim que os guerreiros que participavam dos combates potenciavam suas relações corpo-alma com o sobrenatural.¹⁰³

Azevedo nos auxilia a entender que o culto ao corpo e o uso das práticas esportivas também são meios para o controle dos corpos, método de coesão social pela ética e pela estética.¹⁰⁴

Nessa mesma direção, o estudo de Machado nos aponta que o surgimento da religiosidade nos esportes não é algo da Era Moderna, visto que essa dimensão já estava

¹⁰¹ GENOVEZ, Patrícia Falco. O desafio de Clio: o esporte como objeto de Estudo da História. *Lecturas: Educacion Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 2, n. 9, p. 1-17, 1998, p. 10-11.

¹⁰² LESSA, 2008, p. 07.

¹⁰³ MACHADO, Raoni Perruci Toledo. *Esporte e religião no imaginário da Grécia Antiga*. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-14032007-100902/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jul. 2019. p. 08.

¹⁰⁴ AZEVEDO, 2012, p. 25.

presente no esporte na Grécia Antiga. Os atletas gregos também tinham a função social de reproduzir elementos da religião, das questões sociais e políticas vigentes.¹⁰⁵

Em tempos remotos, na sua origem da sua história, os Jogos Olímpicos faziam parte intrínseca de um festival religioso em honra do deus Zeus. O programa de cinco dias incluía sacrifícios e rituais religiosos, bem como corridas, lutas entre atletas e competições artísticas. A associação da religião com o desporto competitivo era, em grande medida, casual.¹⁰⁶

Os Jogos Olímpicos iniciaram-se na cidade de Olímpia, na Grécia Antiga, por volta de 776 a.C., e eram jogos ofertados aos deuses daquela época, especialmente ao maior deles, Zeus, como destacado na citação acima. Os atletas vinham de cidades-estados e tinham um tratamento privilegiado. Os esportes da época eram lutas, corridas com obstáculos, corridas com cavalos e bigas, arremesso de dardos e de bolas, entre outros, e, aos vitoriosos, além das coroas de louros, recebiam a fama de ter agradado não apenas ao povo, mas aos deuses.¹⁰⁷

Dentro dessa cerimônia, o momento mais importante, como destaca Machado, era o de acender a chama olímpica. Essa chama tinha seu significado atrelado ao fato de ser um elemento (fogo) em que consta uma dinamicidade de uma vida erguida, que em alguns momentos até permite que o vento modifique sua estrutura, porém, sempre retorna a sua posição inicial. A chama representa a adversidade da vida, as lutas diárias, os constantes desafios vivenciados pelos indivíduos. Portanto, não era qualquer indivíduo que acendia a chama olímpica; era preciso escolher alguém especial e, para isso, os sacerdotes organizavam uma competição de corrida, cujo vencedor tinha a honra de acender a chama. Outra corrente histórica, aponta para Pélope, que promoveu uma corrida para disputar a filha do rei de Pisa (Enômao) e acabou vencendo a batalha.¹⁰⁸

Outra versão da mesma história, segundo Otto (2005), diz que Pélope subornou o cocheiro real, Mirtilo, que era filho de Hermes, o deus dos ladrões e das trapaças, a afrouxar as rédeas do carro de Enômao, que durante a corrida se soltou, causando a morte deste. Ou ainda, vendo que finalmente seria vencido, teria se suicidado. De qualquer forma, Pélope teria organizado os Jogos Olímpicos e sua mulher, Hipodamia, os Jogos Heranos, homenageando respectivamente Zeus e Hera, agradecendo pelo que lhe fizeram. No Santuário de Olímpia, existem o *Pelopión* e o *Hipodamión*, dois templos onde estariam enterrados os seus corpos.¹⁰⁹

¹⁰⁵ MACHADO, 2006, p. 42.

¹⁰⁶ AZEVEDO, 2012, p. 37.

¹⁰⁷ AZEVEDO, 2012, p. 38.

¹⁰⁸ MACHADO, 2006, p. 86.

¹⁰⁹ MACHADO, 2006, p. 87.

Desse modo, Machado aponta que a cultura grega do período desses Jogos Olímpicos tinha um grande respeito por todas as figuras divinas, pois “[...] nos rituais religiosos, o homem buscava transcender sua condição humana e tentava aproximar-se dos deuses, a maneira para isso encontrada era a destreza física”¹¹⁰.

Portanto, desde o início dos Jogos Olímpicos, essa festa esportiva, em sua constituição, foi marcada pela religiosidade, reforçando que, para essas sociedades, religião e esportes eram indissociáveis. Para Vernant, estava implícito que os Jogos Olímpicos gregos tinham um duplo caráter: “[...] ao mesmo tempo espetáculo e festa religiosa [...] os concursos são cerimônias sagradas”¹¹¹.

Mesmo com os riscos de anacronismo, “falar de esporte é, quase que arbitrariamente, fazer um retorno à Grécia Antiga”, pois provavelmente, “os gregos tenham sido os primeiros a submeterem o esporte a um processo de institucionalização”. Por desenvolverem “calendários, regras, espaços para treinamento e prática de competições (*gymnasio*), atletas (*athlethés*), treinadores (*paidotribés*), organizadores (*gymnastai*), e equipamentos”, temos subsídios à esta assertiva.¹¹²

E, como afirma Machado, independentemente do tempo histórico, as características sociais da religiosidade são as mesmas, e a importância do esporte na sociedade também.¹¹³ O autor afirma que o esporte “[...] assim como a religião, propícia a entrada em outro mundo, que longe dos problemas da realidade, reconforta o homem de possíveis frustrações, uma satisfação originada pela imaginação”¹¹⁴.

Mãe dos jogos, onde se ganham as coroas tão preciosas quanto o ouro, Olímpia! Senhora da verdade, onde os adivinhos, interrogando a chama dos sacrifícios, questionam Zeus [...] para saber se ele favorece os homens, cuja alma arde de desejo de obter uma vitória distinta e a recompensa dos seus labores.¹¹⁵

No trecho acima, percebe-se o tamanho da representação social que até os pequenos detalhes dos jogos manifestam. Desde a simplicidade de uma coroa de folhagem (louros), que carrega consigo a simbologia de representar um deus, até algo tão perverso, que é o sacrifício que os jogadores que perdiam cometiam, gesto que representava uma oferenda aos deuses.

¹¹⁰ MACHADO, 2006, p. 13.

¹¹¹ VERNANT, Jean Pierre. *Entre mito e política*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 304.

¹¹² PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães. *Análise da religiosidade no esporte: o olhar de atletas olímpicos brasileiros*. 2018. 120 f. Tese (Doutorado). Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-19022019-154620/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jul. 2019. p. 34.

¹¹³ MACHADO, 2006, p. 10.

¹¹⁴ MACHADO, 2006, p. 11.

¹¹⁵ OLIVEIRA, Francisco. *O espírito olímpico no novo milênio*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2000. p. 62.

Assim, ao lado do religioso, do sagrado, a mitologia desses deuses se apresenta tão forte na sociedade e nos seus indivíduos, que possuem até traços de magia nesse percurso. É nesse sentido que o esporte teve forte influência para a composição do imaginário dos indivíduos pertencentes à sociedade grega, transpondo ao esporte o sentido de secularização, entendida aqui, na defesa de Helal:

Em poucas palavras, podemos definir a secularização como o processo pelo qual as realidades pertencentes ao domínio religioso, sagrado, mágico passam a pertencer ao domínio profano. Sempre que uma representação racional, científica e técnica substitui uma representação religiosa ou uma explicação pelo sagrado ou pelo divino, podemos afirmar que estamos presenciando um processo de secularização. Sabemos também que os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga eram considerados festivais sagrados, onde os atletas competiam para servir aos deuses.¹¹⁶

Entretanto, como aponta Machado, os jogos foram proibidos por San Ambrósio, bispo de Milão, e extintos pelo Imperador Teodósio I, por ser considerada uma festividade contrária aos preceitos cristãos que vigoravam durante o período da Idade Média. Somente no século XIX, os jogos foram retomados com o propósito de ensejar a união entre pequenos vilarejos na região da Inglaterra, fortalecendo a ideia de que o esporte é um caminho para o cuidado com o corpo e a religiosidade.¹¹⁷

Segundo Eliade e Couliano (1993), após o governo de Alexandre, ocorreu o surgimento do helenismo, o qual perdurou até a ascensão do cristianismo e influenciou a religiosidade romana. Tratava-se de uma religião influenciada pelas ideias aristotélicas e estoicas, além da religiosidade da região do Crescente Fértil e do Egito. O helenismo caracterizava-se pela ascensão da astrologia e do misticismo, com produção abundante de invocações, sinais, encantamentos, amuletos, maldições e hinos cujas fórmulas e receitas são conservadas em manuais escritos em grego e em egípcio demótico, os célebres papiros mágicos.¹¹⁸

Logo, tais práticas, começam a tomar forma em diferentes territórios, posteriormente, influenciando os modos cadenciados de ser e estar em diferentes sociedades. Assim, o esporte foi se tornando um meio para se chegar a um novo *status* social, de ser um ser elevado, um semideus. Durante essas festividades religiosas, de acordo com Vernant,

O triunfo do atleta evoca e prolonga a façanha realizada pelos heróis e pelos deuses: eleva o homem ao plano do divino. E as qualidades físicas – juventude, força, velocidade, habilidade, agilidade, beleza – que o vencedor demonstra durante o *agon*,

¹¹⁶ HELAL, Ronaldo. *O que é Sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 34-35.

¹¹⁷ MACHADO, 2006, p. 11.

¹¹⁸ SILVA, Lorena Pantaleão. *Antiguidade clássica: Grécia, Roma e seus reflexos nos dias atuais*. Curitiba: InterSaberes, 2017. p. 62.

e que se encarnam aos olhos do público em seu corpo nu, são valores eminentemente religiosos.¹¹⁹

Com o avanço dos séculos, os Jogos Olímpicos começam a tomar outros caminhos, iniciando um movimento de rompimento com a racionalidade grega, que tinha como foco a adoração aos deuses. Os jogos gregos sofreram desprestígios sociais e os ginásios transformam-se em centros de treinamentos. Assim, os atletas começam a se especializar para as competições, e surgiram os treinadores particulares e a mercantilização do evento.¹²⁰

No decorrer dos séculos, o esporte foi sendo desenhado com outros aspectos religiosos, em uma perspectiva da Modernidade. Uma religião moderna para romper com a perspectiva da sociedade grega, depois romana, e depois para romper com o catolicismo. Entretanto, o fenômeno esportivo na atualidade tem suas influências diretas e marcantes ao Olimpismo.¹²¹

As formas modernas de religiosidade perpassam as práticas dos atletas de diferentes maneiras, com diferentes perspectivas e em consonância com as suas convicções religiosas. Isso significa que o atleta, em alguns casos, pode ter uma religiosidade no esporte que seja diferente de sua religião, pois são duas dimensões que nem sempre estão interligadas. Para Hervieu-Léger, existem diferentes religiosidades, dentre as quais, a religiosidade flutuante ou vagante, as religiões implícitas, *à la carte*, substitutivas, analógicas, seculares.¹²²

Em suma, neste subcapítulo, destacou-se a importância que os Jogos Olímpicos tiveram para o debate acerca da religiosidade e sua relação com os esportes. Como até a atualidade a religiosidade está presente nos esportes, seja por práticas individuais ou coletivas, por crenças ou mitos, os diversos atletas praticam uma religiosidade nos esportes que tem a sua origem na Grécia Antiga.

Cabe, neste contexto, discutir, no próximo subtópico, a religiosidade no contexto brasileiro, com fito de compreender suas manifestações em nosso território, para, assim, buscar-se possíveis diálogos com o campo pesquisado.

¹¹⁹ VERNANT, 2001, p. 304.

¹²⁰ PINHEIRO, 2018, p. 36.

¹²¹ PINHEIRO, 2018, p. 48.

¹²² HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 26.

2.2 A religiosidade no Brasil

Neste subcapítulo, buscou-se aproximação com estudos que abordam a religiosidade no Brasil, pois, como vimos no subcapítulo anterior, acerca dos Jogos Olímpicos na Grécia Antiga, há uma interdependência entre os jogos e a religiosidade dos indivíduos. Assim, para tratar o objeto deste estudo, é necessário coletar subsídios sobre a religiosidade no Brasil para, posteriormente, debater sobre a religiosidade no futebol, campo de investigação desta pesquisa.

A abordagem sobre a religiosidade no Brasil dar-se-á a partir dos estudos de Durkheim¹²³, em suas diferentes obras, bem como no diálogo com Sanchis, na tentativa de ressignificar as mudanças nos aspectos sociais existentes no contexto brasileiro.¹²⁴ Para seguir por esse caminho, partimos do pressuposto de que a religiosidade é uma representação de uma dada sociedade em um período histórico específico, e por isso, há necessidade de entender como têm se dado esses novos arranjos sociais no campo religioso também pelo viés de dados censitários.

[...] seria até possível atribuir a tal “cultura brasileira” uma essência e dar dela uma definição. Nada disso é, com evidência pensável, e cada vez menos, tanto por causa do decorrer efetivo da história quanto por causa das transformações do próprio olhar antropológico. Mas outra perspectiva é possível. Em vez de essência, estrutura, em vez de sistema, disposição dominante, em vez de totalidade do grupo social, o espaço de uma lógica pervasiva e desigualmente compartilhada. Com efeito “estrutura” não é sistema, é princípio de organização de um sistema. [...]. Pensando assim, a estrutura é uma tendência, ela implica orientação e não conteúdo fixo, ela é um processo ou, melhor, a direção de um processo.¹²⁵

No Brasil, desde 1872, há um processo de produção de dados quantitativos a respeito da religiosidade dos indivíduos. O perfil religioso da população brasileira é realizado de 10 em 10 anos e, por isso, utilizamos os dados censitários de 2000 e 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nessa direção empregaremos o Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano do Brasil de 2017¹²⁶ que traz, em seu bojo, o Censo Demográfico Brasileiro, e faz uma análise de alguns aspectos sociais, entre os quais, o pertencimento religioso da população brasileira. Assim, os dados presentes serão interpretados como um processo, algo em movimento e, portanto, em fluxo. Com isso, nas

¹²³ DURKHEIM, 2003, p. 48.

¹²⁴ SANCHIS, 2018, p. 19.

¹²⁵ SANCHIS, 2018, p. 20.

¹²⁶ PNUD. *Relatório de desenvolvimento humano nacional. Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas*. Brasília: PNUD, 2017.

tabelas apresentadas trarão as seguintes variáveis: denominações religiosas e regiões do país para uma análise processual da religiosidade.

Em Durkheim não existe religião falsa, uma vez que cada grupo e cada sociedade têm suas razões para crer e organizar rituais próprios. O que interessa, para Durkheim, é entender a função da religião como fato social em qualquer sociedade ou grupo, exterior ao indivíduo e dotado de caráter coercitivo.¹²⁷

O trecho acima nos auxilia a entender que as dimensões religiosas são constituídas com os princípios morais de seu coletivo de indivíduos e, nessa direção, produzem uma regulação social. Essas dimensões são originadas pelo entendimento de profano e sagrado, e cada dimensão define o que caracteriza esses dois polos. Por se tratar de questões coletivamente produzidas, essas definições não são fáceis de deciframos.¹²⁸

Década por década temos acumulado reflexões sobre nosso “retrato religioso” e feito dele uma espécie de horizonte de convergência para o desdobramento de diálogos e debates absolutamente diversos. Essa disposição em tratar dos números do censo, contudo, antes de chamar a atenção pela regularidade, importa pelo crescimento do interesse dos cientistas sociais. O censo, nesse caso, passa a constituir-se não somente como uma série de longa duração privilegiada para identificar as transformações na filiação religiosa no Brasil, como também num tópico disciplinar que permite colocar a própria produção especializada em perspectiva.¹²⁹

Nesse processo de deciframento, o campo de análise, neste subcapítulo, é o contexto brasileiro e, portanto, faz-se necessário atentar para algumas particularidades desse contexto. A partir dessa análise será possível dialogar com o campo pesquisado, o IFF de Bom Jesus do Itabapoana/RJ.

Na tabela 1, apresenta-se a distribuição percentual da população residente por grandes regiões, segundo os grupos de religião, com dados referentes ao ano de 2000. Como os dados presentes na tabela 1 foram produzidos com base em estimativas, nesse caso, cabe aqui entender o processo de produção desses dados.

As origens são múltiplas, distribuídas ao longo de toda a história nacional: além do universo indígena, Angola, por meio de Portugal, antes mesmo da chegada dos africanos ao Brasil; África – e sua diversidade interna, Portugal e, no fundo longínquo, o universo do imaginário medieval: todos diferencialmente povoados pela convivência com fantasmas do outro mundo, pela experiência cotidiana de

¹²⁷ BITUN, Ricardo; SOUZA NETO, João Clemente. Formas elementares da vida religiosa: apontamentos de uma abordagem durkheimiana para compreensão da atualidade do fenômeno pentecostal. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42. 2012. p. 68-69.

¹²⁸ BITUN; SOUZA NETO, 2012, p. 69.

¹²⁹ TONIOL, Rodrigo. O Censo de 2010: religiões em movimento, perspectivas em diálogo. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro. v. 34, n. 1, p. 193-198, 2014, p. 193-194.

sonhos significativos, pela mediação das coisas e dos seres da natureza, pelo curandeirismo e a magia, pelo embate ambíguo entre santos e demônios. Mais recentemente, outro recomeço, de origem europeia, com a chegada do espiritismo, que irá se articular com tradições anteriores: indígenas, medievais portuguesas, mais globalmente católicas, africanas e esotéricas, para constituir uma camada de sentido densamente presente, cada vez mais frequentemente reconhecida pelos estudiosos, que tendem a fazer dela hoje um vetor fundamental da religiosidade do Brasil.¹³⁰

Assim, a religiosidade no Brasil se apresenta em múltiplas origens constituídas nos diferentes grupos sociais, com presença constante em nossa sociedade, com uma porosidade de identidades religiosas, o que resultou em um sincretismo. Tal sincretismo caracteriza-se pelo diminuição da hegemonia do catolicismo e o reconhecimento das diferentes religiões no contexto brasileiro. Portanto, na tabela 1, é possível perceber esse processo de quebra de paradigmas.

Tabela 1: Distribuição percentual da população residente por grandes regiões, segundo os grupos de religião – 2000¹³¹

GRUPOS DE RELIGIÃO	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	
CENSO 2000	100	100	100	100	100	100
Católica Apostólica Romana	73,6	71,3	79,9	69,2	77,4	69,1
Evangélicas	15,4	19,8	10,3	17,5	15,3	18,9
Evangélicas De Missão	4,1	4,3	2,9	4,3	5,7	4,2
Evangélicas de Origem Pentecostal	10,4	14,4	6,9	12	8,7	13,4
Evangélicas Não Determinadas	1	1,1	0,5	1,2	0,9	1,3
Espírita	1,3	0,4	0,6	2	1,2	1,9
Umbanda e Candomblé	0,3	0	0,1	0,4	0,5	0,1
Sem Religião	7,4	6,6	7,7	8,4	3,9	7,8
Outras Religiosidades	1,8	1,7	1,3	2,2	1,5	2
Não Sabe/ Não Declarou	0,2	0,2	0,2	0,3	0,1	0,2

¹³⁰ SANCHIS, 2018, p. 22.

¹³¹ PNUD, 2017, p.08.

A tabela 1, referente ao Censo de 2000, traz o registro de dez declarações: Católica Apostólica Romana, Evangélicas, Evangélicos de missão, Evangélicas de origem pentecostal, Evangélicas não determinadas, Espírita, Umbanda e Candomblé, sem religião, outras religiosidades, e não sabe/não declarou. De acordo com Santos “[...] os dados dos maometanos, budistas, xintoístas, positivistas e de outra religião foram classificados como Outras religiões”¹³².

Destaca-se ainda na tabela 1, que, em sua maioria (73,6%), a população residente no Brasil pratica a religiosidade do Catolicismo Apostólico Romano, e o segundo maior grupo é de evangélicos (15,4%). O estudo de Pierucci nos aponta que a Igreja Católica Apostólica Romana esteve por mais de quatrocentos anos como religião oficial no Brasil, desde o Período Colonial até o Segundo Império.¹³³

Percebemos também que, em 2000, a maior porcentagem de católicos apostólicos romanos se encontrava na região Nordeste (79,9%), e a menor, na região Centro-Oeste (69,1%). Já a maior porcentagem de evangélicos (19,8%), se encontrava na região Norte, e a menor (10,3%), na região Nordeste. Em relação a essa alta porcentagem de indivíduos que praticam o Catolicismo Apostólico Romano, Menezes destaca que

[...] o catolicismo, tradicional modalidade religiosa da sociedade brasileira, estaria sendo trocado por formas de pertencimento religioso mais adequado ao desafio do urbano, da sociedade de classes, da identidade individual no mundo moderno, por serem capazes de refazer grupos e teias de solidariedade e fornecer sentido em situações de anomia e desfiliação.¹³⁴

Esses movimentos de pensar a religiosidade para além do catolicismo fazem com que os dados censitários, no decorrer dos anos, sofram modificações. Assim, na tabela 2, verificamos a distribuição percentual da população residente nas grandes regiões, segundo os grupos de religião, apresentada no ano de 2010. Com isso, ser-nos-á possível perceber algumas mudanças no contexto brasileiro.

¹³² SANTOS, Maria Goreth. Os limites do censo no campo religioso brasileiro. In: CUNHA, Christina Vital; MENEZES, Renata de Castro. Religiões em conexão: números, direitos, pessoas. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 69, 2014, p. 20.

¹³³ PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: FAUSTINO, T; MENEZES, R. (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 54.

¹³⁴ MENEZES, Renata de Castro. Religiões, números e disputas sociais. In: CUNHA, Christina Vital; MENEZES, Renata de Castro. Religiões em conexão: números, direitos, pessoas. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 69, p. 60-80, 2014, p. 61-62.

Tabela 2: Distribuição percentual da população residente por grandes regiões, segundo os grupos de religião – 2010¹³⁵

GRUPOS DE RELIGIÃO	DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE (%)					
	Brasil	Grandes Regiões				
		Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste e
CENSO 2010	100	100	100	100	100	100
Católica Apostólica Romana	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4	4,8	3,4	3,9	5	4,1
Evangélicas de Origem Pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélicas Não Determinadas	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1
Espírita	2	0,5	0,8	3,1	2	2,3
Umbanda E Candomblé	0,3	0,1	0,2	0,4	0,6	0,1
Sem Religião	8	7,7	8,3	9	4,8	8,4
Outras Religiosidades	2,7	2,5	2	3,4	2,2	2,7
Não Sabe/ Não Declarou	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1

A tabela 2 apresenta os dados do censo de 2010. Pelo índice de 64,6% da população que se declarou Católica Apostólica Romana, já se pode perceber uma redução, em relação ao censo anterior (2000), de 9%. Em contrapartida, a população que se declarou evangélica, que no ano de 2000 eram 15,4%, em 2010, aumentou um percentual de 6,8%, totalizando 22,2%.

Essas modificações se dão, principalmente, em função da necessidade que os indivíduos, em sociedade, sentem de romper com a hegemonia da Igreja Católica que, por sua vez, não atende mais à diversidade de modos de ser e estar dos indivíduos que compõem o cenário social brasileiro. Entretanto, é preciso demarcar que esses movimentos são distintos em cada região brasileira.¹³⁶

[...] a principal tendência observada por analistas do censo é que há um declínio proporcional histórico na representação dos católicos no Brasil. Considerando os

¹³⁵ PNUD, 2017, p. 09.

¹³⁶ FERNANDES, Sílvia Regina Alves. O censo não diz tudo, mas que ajuda, ajuda... O catolicismo em cidades do estado menos católico. In: CUNHA, C. V.; MENEZES, R. Religiões em conexão: números, direitos, pessoas. *Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 69, 2014, p. 47.

estados da região Sudeste, Minas Gerais e São Paulo mantêm proporções mais altas em uma década, ao passo que Espírito Santo e Rio de Janeiro apresentam-se como estados com menor proporção de católicos. Em termos de dados nacionais, o censo de 2010 apresentou uma novidade: pela primeira vez a população católica diminuiu também em termos absolutos, passando de aproximadamente 125 milhões de seguidores para um milhão e seiscentos mil adeptos.¹³⁷

Esse declínio da população católica é um fato marcante, destacando-se na atual conjuntura religiosa brasileira e imprimindo, nesse contexto, uma forte destradicionalização da cultura católica no país. Essa destradicionalização direciona aos indivíduos em busca de novas religiosidades e, nesse sentido, outros grupos religiosos vão ganhando destaque no cenário nacional, principalmente o grupo de evangélicos. Porém, ainda é forte a influência da religiosidade cristã, pois mais de 90% são católicos ou evangélicos, como resta evidente na tabela 2.¹³⁸

Contudo, comentando dados do Censo de 2010, a tendência em curso no país parece se aproximar do que algumas outras nações vivenciam/vivenciaram, como demonstrava Hervieu-Léger. No Brasil, tais tendências também apontam para a afirmação cada vez mais pessoal da religião e menos para dispositivos institucionais, ou seja, a emergência do indivíduo religioso e a crescente desinstitucionalização. O universo das experiências religiosas deixa de ser regido por estruturas sólidas e reguladoras. Não que as instituições estejam fadadas ao desaparecimento, mas que sua função reguladora e totalizante é cada vez mais fraca, relativa, distante, opcional.¹³⁹

Portanto, pode-se perceber que, no contexto brasileiro, a pertença a uma instituição religiosa vai perdendo espaço e, ainda que os indivíduos busquem a religião, não querem se limitar a uma prática religiosa específica. Com isso, a perpetuação das religiões vai cedendo lugar à novas organizações sociais¹⁴⁰ e, de acordo com Hervieu-Léger, “[...] a transmissão é o próprio movimento pelo qual a religião se constitui como religião através do tempo: é a fundação continuada da própria instituição religiosa”¹⁴¹.

Nossas pesquisas sinalizam ainda para o fato de que os lugares e as experiências socioculturais a eles associadas são compartilhadas a partir do processo de mobilidade e das diferentes inserções individuais nos espaços cotidianos. A Igreja Católica enfrenta o desafio de se lançar nos espaços e inovar nas possibilidades de interlocução com os indivíduos modernos. Na visão de seus seguidores no estado do Rio, os católicos “não sabem acolher”; “são acomodados e não visitam os outros”. A transmissão religiosa supõe, portanto, troca, interação em contextos diversos, uma

¹³⁷ FERNANDES, 2014, p. 48.

¹³⁸ PINHEIRO, 2018, p. 52 - 53.

¹³⁹ BITUN; SOUZA NETO, 2012, p. 71.

¹⁴⁰ PINHEIRO, 2018, p. 53.

¹⁴¹ HERVIEU-LÉGER, 2008, p. 62.

vez que a nossa época é de simultaneidade e justaposição; do próximo e do distante; do lado a lado e do disperso.¹⁴²

São nesses novos arranjos sociais que os indivíduos constroem suas identidades individuais e coletivas, compreendem o passado, mudam o presente e projetam o futuro. Nessa direção, cabem às novas identidades religiosas outras representações sociais e projeções. Um fator que se torna primordial para a manutenção das religiões no contexto brasileiro é a transmissão e o movimento de compartilhamento. Foram esses novos meios de transmissão que permitiram, por exemplo, identificar o aumento de 0,8% da população que se identifica com outras religiões não presentes no questionário do censo.

Em suma, entender as dinâmicas religiosas é assaz importante para a compreensão de fenômenos culturais, logo sociais, diversos e mais amplos, por exemplo, a religiosidade nos esportes e, no caso específico desta pesquisa, a religiosidade no futebol. Nesse contexto particular, investigando o comportamento dos atletas de um time de futebol escolar, buscamos perceber a religiosidade para além de filiações religiosas. Para tanto, é necessário compreender como esses indivíduos vivenciam sua religiosidade.

Com esse fito, no próximo subcapítulo, abordar-se-á a temática da religiosidade presente no futebol.

2.3 A religiosidade no Futebol

Retomando o subcapítulo anterior, pode-se perceber o surgimento de novas identidades sociais no contexto brasileiro, resultado do aparecimento de novas dimensões religiosas. Assim, neste subcapítulo, buscou-se compreender as relações que se estabelecem entre o futebol e a religião no Brasil. Para isso, ancoramo-nos nos estudos sobre a sociologia do esporte, de Helal¹⁴³; nos de Elias e Dunning¹⁴⁴, a respeito da excitação que o esporte traz aos torcedores; em Monteiro e Sérgio¹⁴⁵, para entendermos o atleta que tem a superação como foco de seus esforços; em Debord¹⁴⁶, para apreendermos as razões pelas quais o futebol gera tanta comoção nacional; nos trabalhos de Santos, Conceição e Bento, para auxiliar nosso estudo sobre a dimensão que o futebol tem na vida dos atletas e sua relação com a

¹⁴² FERNANDES, 2014, p. 57-58.

¹⁴³ HELAL, 1990.

¹⁴⁴ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

¹⁴⁵ MONTEIRO, Alberto de Oliveira. *O Desporto: da excelência à virtude, um caminho para crianças, jovens e adultos*. 2007. 492 f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Criança. Universidade do Minho, Braga, 2007.

¹⁴⁶ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

religiosidade e; para finalizar, buscamos os estudos de Murad, Garganta, Rosenfeld e Damo, para compreendermos as diferenças entre religiosidade e superstição no futebol.

Todos os estudos apresentados acima auxiliam na compreensão de como o esporte, nesse caso, o futebol, carrega tanto sentido e imprime, na sociedade brasileira, uma simbologia tão próxima da religião. Este subcapítulo é de grande importância para que, já na leitura dos dados coletados, o leitor já consiga compreender melhor a interdependência entre essas duas dimensões: o futebol e a religiosidade.

Entendemos, ao longo da escrita desta dissertação, que a religião é um viés de integração entre os indivíduos pertencentes a uma mesma sociedade. Fazendo uma analogia a esse pensamento, o esporte, na atualidade, também é um viés de integração. Este estudo busca compreender como se dá essa integração e relacioná-la com a dimensão religiosa.

Jogo e esporte são conceitos que, no senso comum, muitas vezes se confundem. Porém, para a sociologia do esporte, o universo do jogo e o universo do esporte possuem fronteiras bem demarcadas. Aqui, o esporte incorpora elementos do jogo, mas se situa além dele. Ou seja: o esporte é jogo também, mas possui outras características que não encontramos no jogo.¹⁴⁷

De acordo com Helal, o que diferencia o jogo do esporte é a burocratização que o esporte possui, diferentemente do jogo. Portanto, dialogando com o nosso campo de investigação, o espaço para a busca de dados é o esporte, neste caso específico, o futebol. Assim, para o futebol deixar de ser um jogo e mudar seu *status* para esporte, requereu uma sistematização de saberes e fazeres no campo, o que possibilitou aos participantes criarem outros modos de representação.¹⁴⁸

Contudo, a excitação criada pode ser intensa, em especial nos acontecimentos de desportos de alto nível que atraem grandes multidões, e, salvo o devido respeito a Huizinga, que afirma que o desporto se tornou profano, é isto, talvez que constitui a base empírica para a ideia divulgada do desporto como um fenômeno sagrado. [...]. De fato, não seria ir longe demais sugerir que, pelo menos alguns grupos na sociedade atual, o desporto se tornou uma atividade quase religiosa e que, encarado numa perspectiva da sociedade, o desporto veio, em certa medida, preencher a lacuna aberta na vida social pelo declínio da religião.¹⁴⁹

Nesse contexto, a sociedade tem carregado um sentimento muito forte pelo esporte e, com isso, o atleta leva consigo uma carga emotiva e social de grande responsabilidade, haja vista ser ele o instrumento para a vitória ou derrota. Em caso de vitória, ele será considerado

¹⁴⁷ HELAL, 1990, p. 27.

¹⁴⁸ HELAL, 1990, p. 28.

¹⁴⁹ ELIAS; DUNNING, 1992, p. 323-324.

um mártir, alguém que merece devoção, e o esporte será, para ele, um meio de ascensão social. Portanto, a busca pela vitória é sua luta constante.

Se perguntarmos a um monge religioso qual é o sentido de suas práticas religiosas, ele, por certo, responderá que é a sua emancipação divina, ou a realização de Deus, ou ainda, superar a sua condição humana. Se fizermos essa mesma pergunta sobre as práticas desportivas a um atleta, a resposta, para maioria, será: superar-me, atingir o máximo, conquistar uma medalha (ou campeonato) [...] a dedicação a causas especiais exige muito da alma humana.¹⁵⁰

É esse sentimento de superação que o atleta traz consigo constantemente, o que estabelece uma relação entre esporte e religião, pois, para além dos treinamentos constantes, o atleta precisa se relacionar com uma religião, pois seu sentimento de superação é um meio para chegar ao ápice de sua carreira, meio que uma condição divina do esporte. Para Sérgio, “[...] A absurdidade (aparente) do sacrifício que o treino e a competição comportam transforma-se em plenitude de esperança, quando o atleta conclui que na prática desportiva sublima as suas inclinações, permite realizar um tipo perfeito de homem”¹⁵¹.

Nessa direção, um caminho para o preenchimento dessa lacuna aberta na vida social é o futebol. Um dos principais acontecimentos sociais da atualidade é o futebol, tanto que se tornou um grande espetáculo esportivo com capacidade ímpar de reunir milhões de indivíduos e criar, nestes, um sentimento global de pertencimento. Esse sentimento global transformou o futebol em uma realidade paralela, em um mundo à parte, criado não apenas para ser praticado, mas também para ser visto e contemplado. Nessa perspectiva, o futebol tem ganhado características bastante similares às da religião.¹⁵²

Similares sim, pois o futebol tem produzido comportamentos, gestos e posturas que se assemelham a uma simbologia associada à religião, possibilitando inúmeras emoções. Nos jogos desse esporte, é possível perceber torcedores adorando jogadores, times, mascotes; entoando cantos e hinos, em adoração, como se estivessem em tempo sagrado.¹⁵³

Todos os aspectos citados são inseparáveis do futebol espetáculo e, dentre eles, podemos considerar que os símbolos presentes entre os torcedores são dramatizados em rituais exibindo, *per si*, distintas maneiras de manifestações coletivas presentes no campo de jogo. [...]. O termo símbolo se refere a tudo aquilo que, de maneira generalizada ou análoga, representa alguma coisa ou alguém. Portanto, os símbolos indicam uma realidade sensível que possui um significado transcendente. Eles são

¹⁵⁰ MONTEIRO, Alberto de Oliveira. 2007, p. 151.

¹⁵¹ SÉRGIO, Manuel. Os jogos olímpicos na antiguidade grega (reflexões em ano de jogos olímpicos). *Revista Brotéria*. Lisboa: Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, 1996, p. 85.

¹⁵² DEBORD, 2003, p. 72.

¹⁵³ SANTOS, Ana Raquel Mendes et al. Símbolos e rituais do futebol espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo. *Motrivência*, Florianópolis, v. 29, n. especial, p. 162-180, 2017, p. 164.

capazes de revelar aspectos da realidade humana por meio de significados específicos, preenchendo determinada função. No futebol, os símbolos estão presentes a partir do momento em que os indivíduos conseguem se comunicar com uma linguagem única e subjetiva. São nos estádios que as disputas acontecem e é neste local que os torcedores compartilham dos símbolos comuns nessa prática esportiva.¹⁵⁴

Portanto, estes conjuntos simbólicos que compõem o futebol, capazes de mobilizar as emoções dos indivíduos, produzem, nesse contexto, e por meio de instrumentos como cores, uniformes, cantos, gritos harmônicos, imaginários e ídolos, um sentimento de pertencimento a um grupo.¹⁵⁵ Cabe, neste momento, empreender ao futebol a noção de paixão nacional.

Não sei se Deus é brasileiro. Mas sei que foi o Brasil que fez do futebol uma arte divina, executada por deuses humanos, de carne e osso, irmanados no cultivo de uma estética da curva e da sinuosidade [...]. Realmente o futebol que o Brasil reinventou e difundiu pelo mundo é mais do que um esporte. É uma religião de malícias e dribles, um jogo de sensualidade e gozo dos sentidos, por encanto dos olhos, incêndio das paixões e arrematação das almas.¹⁵⁶

É a partir dessa noção de futebol que o estudo de Oliveira reflete sobre como, na atualidade, esse esporte se transformou em um ritual social em que os indivíduos são mobilizados por paixões e sentimentos profundos. O autor afirma que o esporte tem a mesma influência da religião, passada de geração em geração. Portanto, são costumes de longa data, que o brasileiro carrega desde a sua nascença.¹⁵⁷

Dentro do esporte, percebem-se manifestações de diferentes religiões, religiosidades e superstições. A mistura de religiosidade e superstição faz com que o futebol apresente aspectos positivos e negativos¹⁵⁸. As práticas cotidianas dos indivíduos atletas desse esporte, às vezes, são práticas religiosas, outras vezes, superstições. Essas são duas características distintas¹⁵⁹ que modificam as representações conscientes de suas religiosidades.

¹⁵⁴ SANTOS et al, 2017, p. 164 – 165.

¹⁵⁵ CONCEIÇÃO, Paulo Felix Marcelino. Amarelão no esporte: das alterações da cor da pele ao coping do estresse por crenças religiosas e locus do controle de atletas de handebol, ginástica artística e voleibol. 2009. 176 f. Tese (Doutorado). Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39132/tde-16112009-091012/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jul. 2019, p. 68.

¹⁵⁶ BENTO, José Olímpio. Olhares e estados da alma. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José; MURAD, Maurício. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do esporte mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto, 2004. p. 201.

¹⁵⁷ OLIVEIRA, Fabio Eloi de. *Publicidade, imaginário e identidades nacionais: o futebol e a religiosidade em tempos de copa do mundo*. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo. Escola de Comunicação, Educação e Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2013. p. 78.

¹⁵⁸ CONCEIÇÃO, 2009, p. 25.

¹⁵⁹ Apresentamos as definições de ambos conceitos no capítulo anterior.

Damiani, ao estudar sobre a superstição no esporte, destaca que o futebol é um espaço popular de socialização e comunicação, podendo fornecer aos indivíduos compreensões de várias questões sobre a vida cotidiana. O debate sobre o futebol tem contornos sociais de um debate sério e fundamentado¹⁶⁰ e, acerca desse debate, tal estudo aponta que é necessário reconhecer o futebol como um fenômeno sociocultural que, portanto, reflete a sociedade na qual os indivíduos estão inseridos.

Assim, a vitória, entendida como incerta, pois o resultado do jogo só é conhecido ao final da partida, incita a elaboração de incontáveis superstições para subsidiar um conforto aos indivíduos.¹⁶¹

O futebol brasileiro tem se constituído, ao mesmo tempo, em expressão da sociedade brasileira e em modelo para ela, espelhando toda a sua dinâmica, com todas as riquezas nela presentes. [...]. Ora, se o brasileiro traz em sua dinâmica cultural características mágicas, religiosas, supersticiosas, crendices e se o futebol expressa e espelha a cultura, então o futebol também apresenta essas características.¹⁶²

O que se pode apreender, a partir do trecho acima, é que a sociedade brasileira, por carregar uma religiosidade tão forte, com as suas crenças e costumes, acaba imprimindo contornos dessa religiosidade no contexto do futebol. Isso cria forte apego religioso ao futebol, pois, no contexto brasileiro, desde a sua constituição, a religião estava atrelada ao esporte. Murad afirma que o vínculo entre o futebol e a religião, em sua origem, deu-se pela atuação dos colégios religiosos, principalmente os católicos, na sua difusão e prática.¹⁶³

Logo, as manifestações sociais que se inserem no contexto do futebol brasileiro são intensas; entre outras práticas, atletas, técnicos, massagistas e torcedores fazem pedidos a entidade divina, rezam, oram, fazem promessas, jogam sal grosso no gol adversário, fazem o sinal da cruz, entram com o pé direito em campo, olham pro céu pedindo ajuda divina e gestos mágicos, além dos goleiros que, carregarem consigo sempre um terço para colocarem no pé da trave, pedindo proteção e pedindo que a bola não entre, uma forma de “fechar” o gol.¹⁶⁴ Nessa direção, Damo sugere que

¹⁶⁰ DAMIANI, Marcelo Erasmo. *Superstição no esporte*. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Florianópolis, 2005. p. 57.

¹⁶¹ DAMIANI, 2005, p. 72.

¹⁶² DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados. 2005. p. 5-6.

¹⁶³ MURAD, Maurício. A história social do futebol brasileiro: alguns elementos para a sua compreensão. In: GARGANTA, J. GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José; MURAD, Maurício. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do esporte mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto, 2004. p. 249.

¹⁶⁴ ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: USP, 1993. p. 103.

[...] atletas tendem a crer que são ao mesmo tempo predestinados e precisam empenhar-se de corpo e alma para que o sucesso pessoal seja alcançado. Eles creem no dom, como mistério que faz com que alguns sejam predestinados, e também no treinamento, cujo esforço mundano é contrário à ideia de mistério, de sorte, de destino e assim por diante.¹⁶⁵

Então, pelos estudos apresentados, pode-se inferir que relação entre religião e futebol é tão forte que, em alguns casos, tomam formas de superstição, rompendo, nesse sentido, com a religião. Entretanto, nem atletas nem torcedores compreendem essas dimensões como distintas e, assim, seguem praticando a superstição em nome de sua religiosidade. Como foi possível perceber ao longo da escrita desses dois capítulos, as superstições são uma dimensão das diferentes religiosidades e suas origens, em alguns casos, são desconhecidas pelos sujeitos, pois são heranças recebidas das gerações passadas.

Para finalizar o debate, chegamos ao foco da investigação desta dissertação: entender como a superstição está presente nos atos individuais e coletivos dos atletas estudantes do Instituto Federal Fluminense – *Campus* de Bom Jesus do Itabapoana/RJ e como esse fenômeno social se entrelaça com a religiosidade que, muitas vezes, não tem mesma dimensão religiosa praticada pelo próprio indivíduo.

¹⁶⁵ DAMO, Arlei Sander. Dom, amor, e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 23, n. 66, p. 138-152, 2008, p. 141.

3 RELIGIÃO/RELIGIOSIDADE POPULAR DE UM TIME DE FUTEBOL ESTUDANTIL

Este capítulo propõe debruçar-se sobre os dados coletados por meio dos questionários focando um grupo de estudantes que compõem o time de futebol da supracitada instituição de ensino. Nessa direção, este capítulo será dividido em três subtópicos. No primeiro, intitulado “A Religião/Religiosidade popular em Bom Jesus do Itabapoana – RJ”, será abordado o campo religioso presente no contexto do estado do Rio de Janeiro e finalizaremos no contexto municipal de Bom Jesus do Itabapoana, para a compreensão de como o contexto social é composto no cenário religioso brasileiro.

Já no segundo subtópico, intitulado “Caracterizando os atletas do time de futebol do Instituto Federal de Bom Jesus do Itabapoana”, o debate se dá pela apresentação dos sujeitos participantes dessa investigação. Para finalizarmos, no subtópico intitulado “A Religião/Religiosidade popular dos atletas do time de futebol do IF Bom Jesus do Itabapoana” há uma triangulação entre a revisão de literatura, a perspectiva teórica adotada e os dados coletados nos questionários aplicados para, assim, produzir um saber sistematizado sobre a religiosidade desses alunos atletas do time de futebol do IF de BJI do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa se trata de uma descrição de como a religiosidade está presente em um grupo de dez (10) estudantes, jogadores de futebol do IF de BJI do Rio de Janeiro. A partir, dessa descrição, é possível formular hipóteses acerca dessas noções e, assim, aprofundar saberes. Vale ressaltar que estudos de caso são pesquisas qualitativas que podem ser usadas para analisar não somente um indivíduo isolado, mas, também, um grupo social, uma instituição ou uma política pública, por exemplo.¹⁶⁶

A realização deste estudo foi possível por meio da aplicação de questionários aos estudantes. Este instrumento de coleta de dados é constituído de 17 (dezessete) perguntas ordenadas, que foram respondidas pelos entrevistados. Essas perguntas foram organizadas, em sua primeira parte, para a identificação dos entrevistados, e na segunda parte, as perguntas são voltas para a temática deste trabalho.

Antes de aplicar o questionário, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos estudantes entrevistados. Essa apresentação foi necessária para explicar a

¹⁶⁶ FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida (ORG.). *Método e metodologia na pesquisa científica*. 3 ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2008. p. 103-104.

natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de se obter algumas respostas a partir do questionário aplicado.¹⁶⁷

Existem algumas vantagens na aplicação de um questionário, a saber: a economia de tempo e de pessoal para o trabalho, a possibilidade de atingir um número maior de participantes simultaneamente, a obtenção de respostas rápidas e claras, e a uniformidade na avaliação, entre outras.¹⁶⁸

Em decorrência da aplicação dos questionários, o que se vale para a análise deste texto, são os discursos presentes nas respostas dos entrevistados, discursos em que está contido o debate sobre a religião/religiosidade. Esse discurso religioso é resultado da compreensão de que a realidade é um espaço dialógico e semiótico nas formações discursivas, portanto, a análise do discurso religioso se faz primordial.

Dessa maneira, esse discurso religioso é entendido como uma expressão do lugar em que o indivíduo vivencia a sua realidade por meio de suas relações interdependentes e dialógicas. Nessa esteira, discurso e cultura estão interligados, sendo componentes do mesmo lugar de fala e identidade social. Contudo, como reflete Terra, o discurso religioso não pode ser entendido como “ecos da dominação”, contudo, “elas tornam-se discursivização da realidade, articulada através de gêneros discursivos, dentro de relações de tradução e interpretação de outros discursos”¹⁶⁹.

Portanto, os estudos de Maingueneau, ao trazer o debate sobre o discurso religioso, destacam que há poucas pesquisas que se aprofundam nessa temática de forma mais sistematizada. A autora discorre, ainda, que esse discurso engloba “[...] textos cuja simples compreensão implica o conhecimento de um vasto intertexto, que pode não ser acessível a todos”¹⁷⁰.

Em suma, deve-se compreender que o discurso torna-se incompleto se não forem consideradas as características históricas, culturais e sociais nas quais encontra-se inserido.¹⁷¹ Portanto, para a análise do discurso religioso ser compreendido em sua totalidade, neste

¹⁶⁷ Apêndice A.

¹⁶⁸ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. p. 201-202.

¹⁶⁹ TERRA, Kenner Roger Cazotto. *Teorias da linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso*. Revista Horizonte, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, set./dez. 2018. p. 1102.

¹⁷⁰ MAINGUENEAU, D. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 198-199.

¹⁷¹ ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987. p. 34.

capítulo, o movimento posto foi o de caracterizar, inicialmente, o contexto investigado, os seus atores e, posteriormente, os seus discursos.

3.1 Religião/Religiosidade popular em Bom Jesus do Itabapoana – RJ

Cabe, neste subcapítulo, compreender como a religião/religiosidade se manifesta no contexto do município de Bom Jesus do Itabapoana, município pertencente ao estado do Rio de Janeiro. Para tanto, é necessário, inicialmente, apresentar, de maneira breve, o município em análise, que é o campo de investigação. Em seguida, o movimento é o de apresentar o campo religioso/religiosidade presente nesse município a partir do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2010.

Bom Jesus do Itabapoana, região onde o estudo foi realizado, foi categorizada como município a partir do decreto estadual nº 633, de 14 de dezembro de 1938.¹⁷² Está localizado no noroeste do estado do Rio de Janeiro e tem como municípios vizinhos Apiacá (Espírito Santo), Bom Jesus do Norte (Espírito Santo) e Itaperuna (Rio de Janeiro).¹⁷³

No penúltimo censo demográfico, divulgado pelo IBGE no ano de 2000, os resultados destacam que, na população de 33.655 habitantes do município em debate, 24.555, ou seja, 72,9% da população, se autodeclararam pertencentes ao catolicismo apostólico romano. Logo em seguida, destaca-se a população de evangélicos, que era de 17,1% da população, um total de 5.759 autodeclarados evangélicos. Já os que se autodeclararam sem religião/religiosidade foram um total de 2.480, representando 7,3% da população. Finalizando, as outras autodeclarações, a saber: a espírita, a umbanda e o candomblé, a judaica, religiões orientais, outras religiosidades e não determinadas, somaram 849 habitantes, aproximadamente 2,5% da população municipal.¹⁷⁴

Pode-se inferir, a partir dos dados apresentados, que a população do município em foco, até o ano 2000, era, em sua maioria, formada por católicos e evangélicos. O censo de 2000 não apresenta uma diferenciação entre os evangélicos, sistematizando todas as tipologias evangélicas em uma única opção. Cabe assim, compreender como foi o movimento no ano de

¹⁷² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades*. Bom Jesus do Itabapoana. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/bom-jesus-do-itabapoana/historico>>. Acesso em: 20 set. 2019.

¹⁷³ IBGE, 2019.

¹⁷⁴ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2000*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html?edicao=9858&t=resultados>>. Acesso em: 20 set. 2019.

2010 para a elaboração do censo demográfico, quais foram as alterações existentes, tanto nas categorias presentes, como no quantitativo do município. Esses dados estão apresentados na tabela 3 a seguir.

Tabela 3: População residente, por religião/religiosidade, segundo o município de Bom Jesus do Itabapoana - Rio de Janeiro no ano de 2010.¹⁷⁵

TOTAL POPULAÇÃO RESIDENTE	RELIGIÃO																
	35.452	Católica apostólica brasileira	Católica apostólica romana	Católica ortodoxa	Evangélica - Missionária	Evangélica - Pentecostal	Evangélica - não determinada	Espírita	Umbanda	Candomblé	Umbanda e Candomblé	Judaísmo	Ateu	Testemunhas de Jeová	Não determinada e Múltiplo Pertencimento	Outras religiões cristãs	Sem religião
	32	23.837	12	3.354	4.671	824	533	13	28	42	46	45	144	10	73	1.776	12

A partir da tabela 3 acima, identificamos nos resultados do censo demográfico de 2010, ao compará-los com os dados do censo de 2000, uma ampliação da diversidade religiosa. Por exemplo, no ano 2000, como categoria, só existia a Católica Apostólica Romana, já na publicação seguinte, tem-se a continuação dessa e o acréscimo das denominações Católica Apostólica Brasileira e Católica Apostólica Ortodoxa. No grupo dos Evangélicos tem-se ampliação semelhante. O que antes, no censo de 2000, aparecia apenas como categoria Evangélica, no ano de 2010, passa a se dividir em: Evangélica - Missionária, Evangélica - Pentecostal e Evangélica - não determinada.¹⁷⁶

Antes de mais nada, é necessário compreender o contexto do campo religioso no Brasil, pois desde a colonização, com a vinda dos portugueses a partir do ano de 1500, que

¹⁷⁵ INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA E GEOGRAFIA. *IBGE. Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 20 set. 2019.

¹⁷⁶ IBGE, 2019.

esse país foi fortemente influenciado pela religião católica em todos os aspectos - sociais, políticos e econômicos.¹⁷⁷

Destaca-se ainda que, após a Independência do Brasil em relação à Portugal, chegaram aqui imigrantes de diferentes regiões, entre eles, citam-se os anglicanos e europeus luteranos, que trouxeram consigo as suas religiões. Foram esses movimentos migratórios que tiveram grande importância na formação dos municípios brasileiros e nas mudanças relacionadas ao campo religioso no Brasil.¹⁷⁸

Em virtude desses movimentos migratórios, o campo religioso tradicional sofreu sucessivas alterações, produzindo novas formas de leitura de mundo, de relacionamentos, de culturas, de produção de sentidos e de religiões/religiosidades no território nacional. A partir desse contexto, as novas gerações já não se limitam ao tradicional catolicismo vigente no Brasil e foram capazes de receber e vivenciar outras religiões/religiosidades.¹⁷⁹

A destradicionalização generalizada das sociedades contemporâneas se expressa na crise das instituições religiosas e na liberdade do sujeito em relação aos complexos sistemas de construção das identidades tradicionais. O mal-estar das instituições pela fluidez e instabilidade de seus adeptos não significa um mal-estar do sujeito religioso moderno.¹⁸⁰

Nesse contexto, percebe-se a diminuição somente nas últimas décadas de católicos, com efeito, tem-se um declínio da proporção de católicos no município pesquisado, que antes, no ano 2000, representava 72,9%,¹⁸¹, ao contrário do resultado do censo de 2010, no qual esse grupo representa 67,3% e, embora, ainda majoritária a representação católica, dos que se declaram católicos, 99,8% de autodeclaram católico apostólico romano e o restante são católicos apostólicos brasileiros ou católicos ortodoxos.¹⁸²

Em contrapartida a esse cenário de declínio da religião católica, temos o cenário da religião evangélica, que sofreu um aumento no quantitativo. Por consequência das sucessivas alterações resultantes dos movimentos migratórios, uma das principais novidades no campo religioso brasileiro tem sido o crescimento das religiões evangélicas. No contexto do município de Bom Jesus do Itabapoana não foi diferente, pois que antes, no censo de 2000,

¹⁷⁷ SINNER, Rudolf Von. Igrejas e democracia no Brasil: por uma teologia pública cidadã. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Unida, 2014, p. 261.

¹⁷⁸ ALVES, José Eustáquio et al. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo soc.*, São Paulo, 2017, v. 29, n. 2, p. 216.

¹⁷⁹ ALVES et al, 2017, p. 217.

¹⁸⁰ GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As contribuições de Émile Durkheim para compreender a religião na contemporaneidade. *Revista Eletrônica Correlatio*. v. 16, n. 2, dezembro de 2017, p. 339-355, p. 343.

¹⁸¹ IBGE, 2000.

¹⁸² IBGE, 2019.

representava uma fatia de 17,1%, já nos resultados do censo de 2010, representa 24,9%. Nesse grupo de autodeclarados evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5% eram evangélicos de missão e 21,8 % eram evangélicos não determinados.¹⁸³

A partir desses dados apresentados no trecho anterior, temos uma diferença que pode ser considerada substancial nas categorias apresentadas nos dois censos pesquisados. Dessarte, nesses dados, essas mudanças aparecem no censo de 2010 em relação ao censo de 2000, principalmente no que se refere à categoria evangélica que, em virtude das modificações sociais frequentes em nossa sociedade, já não é suficiente uma única categoria para caracterizar a diversidade de religiões/religiosidade da população. Nessa direção, o censo de 2010 traz uma ampliação da religião/religiosidade evangélica, apresentando as três categorias anteriormente citadas.

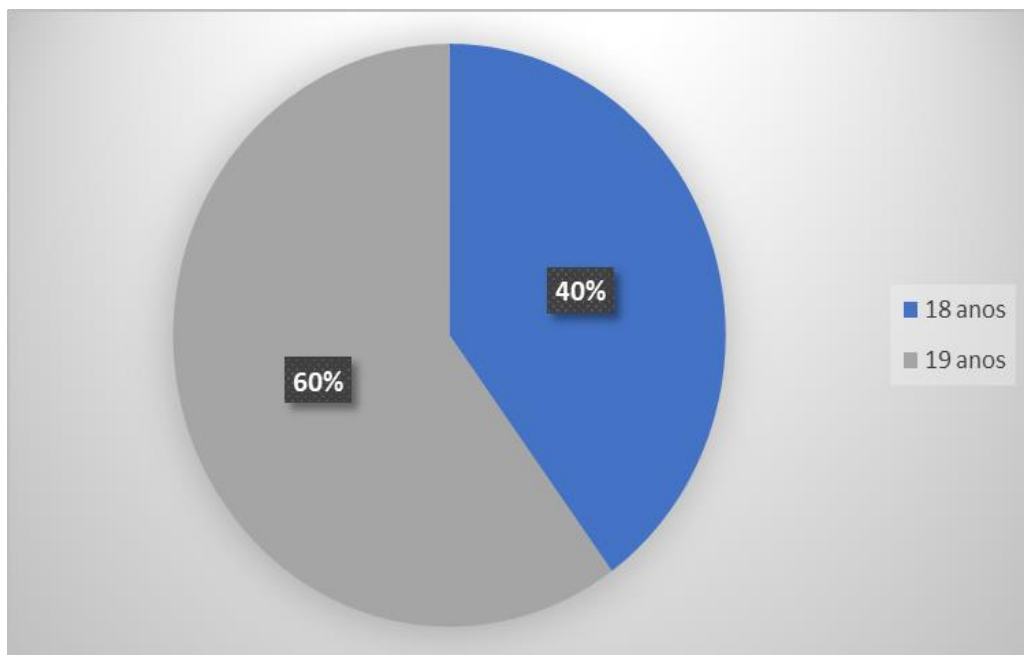
Em suma, o campo religioso do município de Bom Jesus do Itabapoana, no Rio de Janeiro, sofreu mudanças identificadas a partir da análise dos censos de 2000 e 2010. Esse movimento se fez necessário, para a compreensão do campo pesquisado e de como a religião/religiosidade pode estar presente no contexto micro investigado. Cabe, no próximo subtópico, caracterizar os sujeitos entrevistados.

3.2 Caracterizando os atletas do time de futebol do Instituto Federal de Bom Jesus do Itabapoana

Este subtópico objetiva apresentar o perfil dos discentes jogadores de futebol do Instituto Federal Fluminense do campus Bom Jesus do Itabapoana (RJ), bem como debater e compreender os perfis apresentados. Os resultados apresentados foram colhidos no período de agosto de 2019, durante um encontro com os discentes, no qual foi apresentada a pesquisa, entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, posteriormente, entregue um questionário a ser respondido por eles.

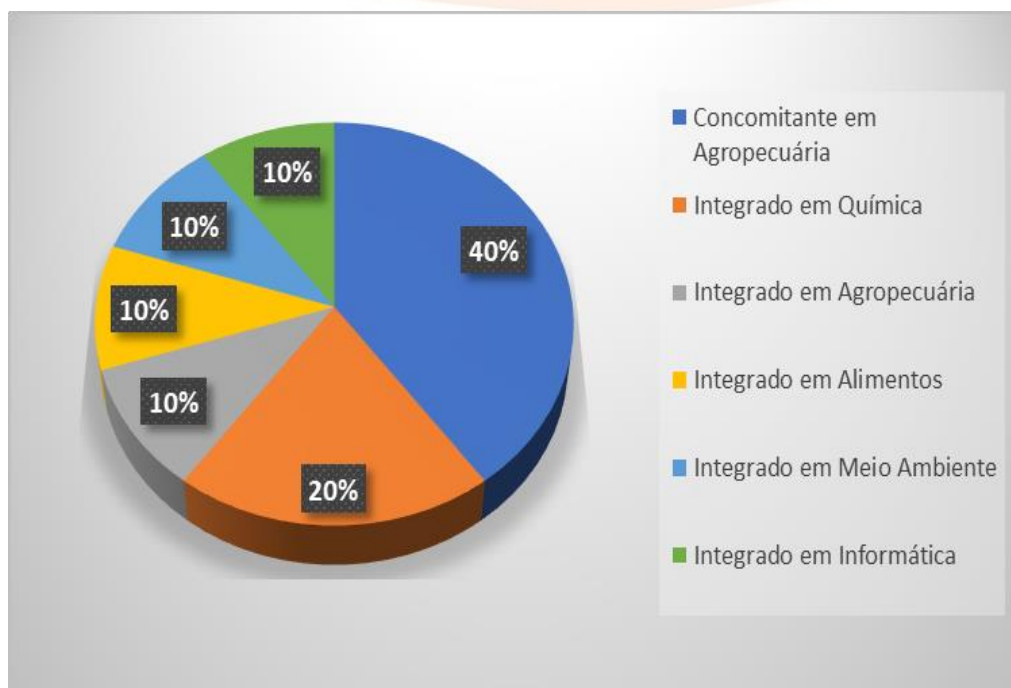
As respostas obtidas permitiram uma relação de proximidade com o tema deste trabalho, que é a religião/religiosidade presentes na prática esportiva de estudantes jogadores. É primordial que, nesta etapa da escrita, o debate acerca dos estudos sobre a temática seja interligado com os dados coletados. Assim, este subtópico será utilizado para apresentar os perfis dos sujeitos da pesquisa para melhor conhecimento da mostra obtida.

¹⁸³ IBGE, 2019.

Gráfico 1: Idade dos discentes entrevistados.¹⁸⁴

O primeiro bloco de perguntas trata da idade dos entrevistados. Conforme demonstrado no gráfico 1 acima, dos dez entrevistados,¹⁸⁵ 40% (04) possuem dezoito anos e 60% (06) possuem dezenove anos.

Gráfico 2: Curso ao qual o discente está vinculado.



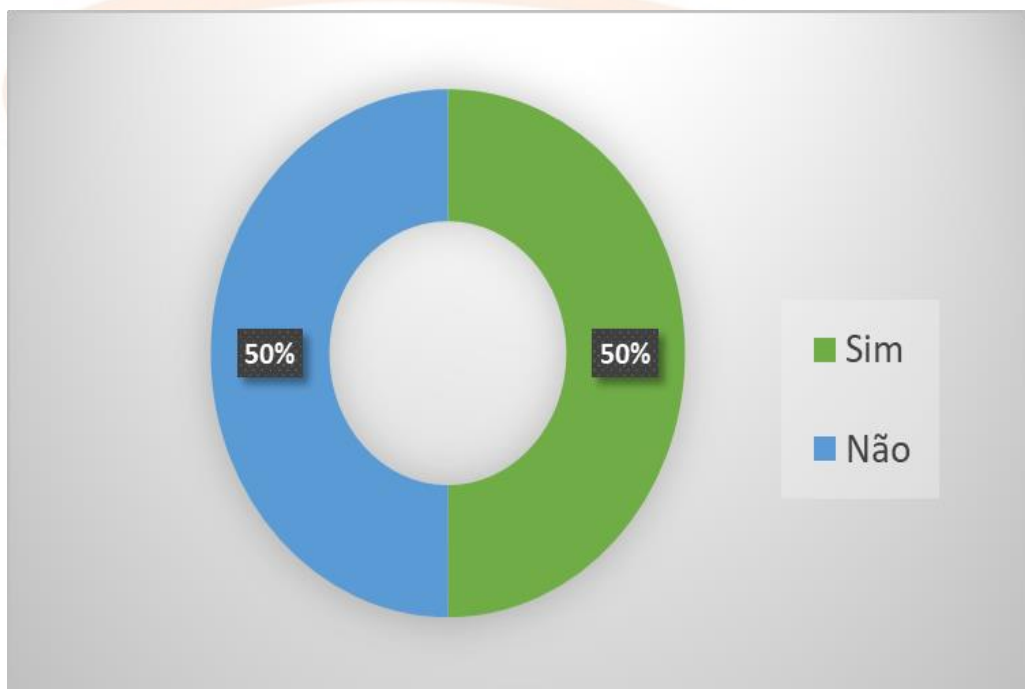
¹⁸⁴ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

¹⁸⁵ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

A segunda perguntada realizada no questionário, era sobre o curso ao qual os discentes estavam vinculados e, dentre os cursos apresentados, a maioria (40%) dos estudantes são do curso concomitante em Agropecuária. Já 20% são alunos do curso integrado em Química, e o restante dos estudantes estão nos cursos integrado em Agropecuária (10%), integrado em Alimentos (10%), integrado em Meio Ambiente (10%) e integrado em Informática (10%), com um aluno em cada curso.

Faz-se necessário compreender as diferenças entre os cursos técnicos concomitantes e os cursos técnicos integrados. Os primeiros, são cursos de formação técnica realizados pelos discentes no IF ao mesmo tempo em que ele cursa o ensino médio em outra instituição de ensino. Portanto, o aluno estuda, de forma simultânea, em duas instituições de ensino distintas, em contraste com o curso técnico integral, em que o estudante cursa o ensino médio regular juntamente com a formação técnica na mesma instituição de ensino.¹⁸⁶

Gráfico 3: Possui ou não outra ocupação além de estudar.¹⁸⁷

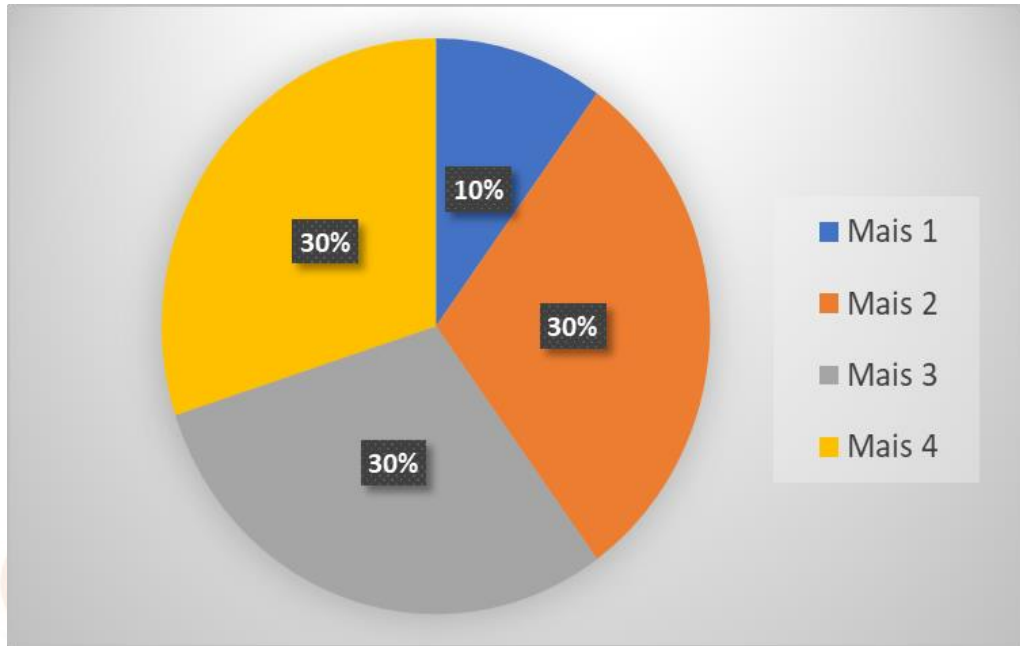


¹⁸⁶ IFSUL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. *Integrado, concomitante ou subsequente? Conheça as diferenças!*. Rio Grande do Sul: IFSUL, 2017. Disponível em: <<http://www.ifsul.edu.br/ultimas-noticias/1607-integrado-concomitante-ou-subsequente-conheca-as-diferencas>>. Acesso em: 20 de set. 2019.

¹⁸⁷ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

Já na terceira pergunta, o debate foi sobre a condição do discente, se além de estudar, ele tinha outro tipo de ocupação. Nesse bloco de respostas, a metade (50%) respondeu que possui outra ocupação e a outra metade que não.

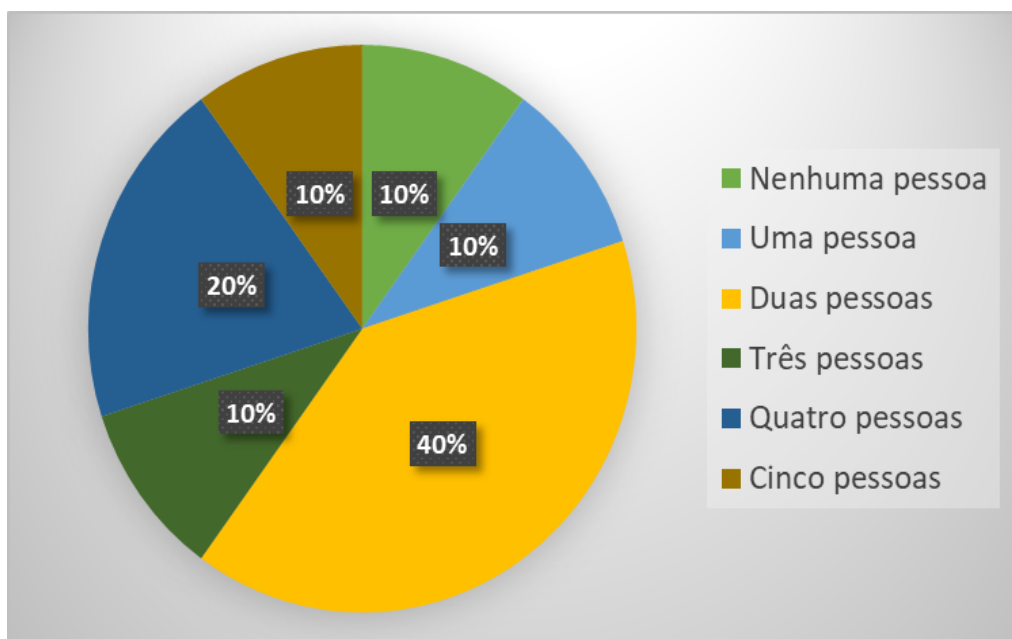
Gráfico 4: Composição familiar mais o discente.¹⁸⁸



No quarto bloco de perguntas, buscou-se a compreensão da composição familiar dos estudantes entrevistados. Os resultados apontaram que apenas um indivíduo, entre os participantes da pesquisa, mora com mais uma pessoa (10%), enquanto três trios de estudantes moram com mais duas (30%), mais três (30%) e mais quatro pessoas (30%), respectivamente.

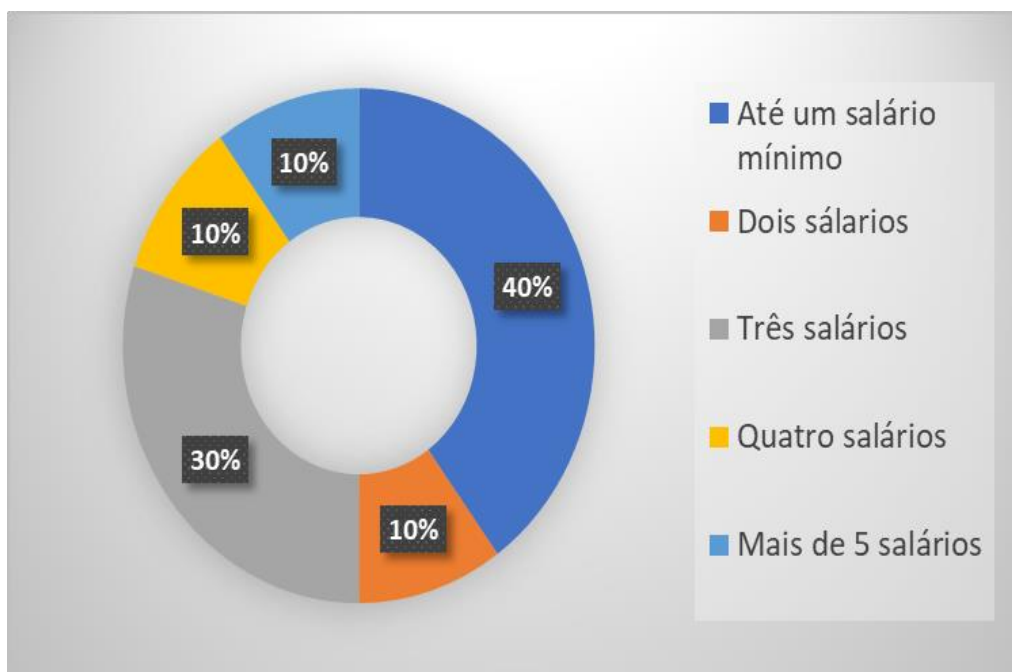
¹⁸⁸ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

Gráfico 5: Quantidade de pessoas da família que frequentam alguma instituição religiosa.¹⁸⁹



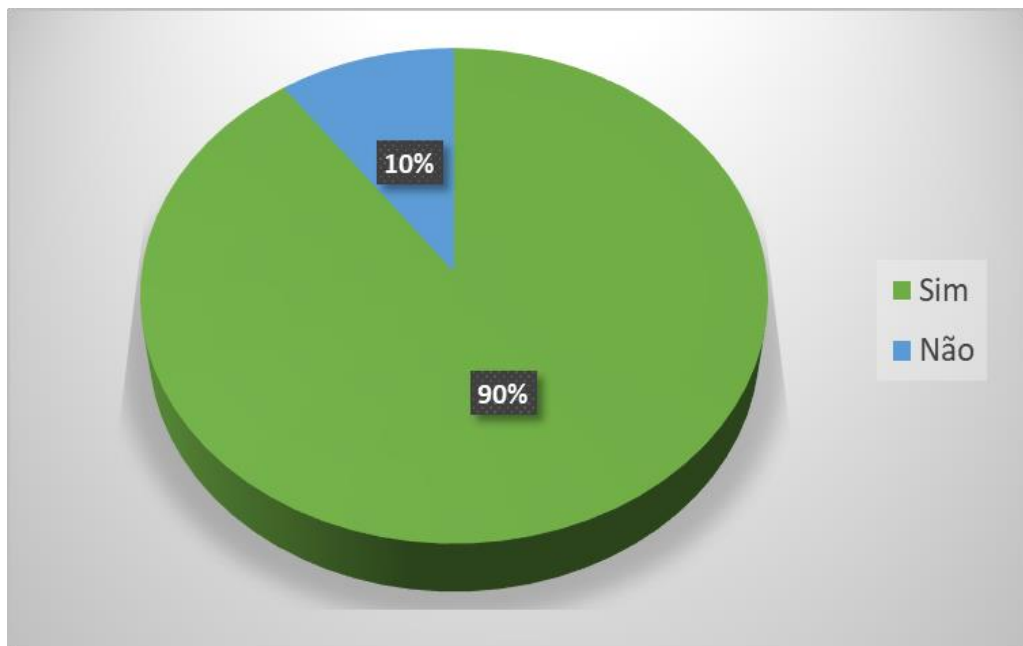
No quinto bloco de respostas, os discentes informaram sobre o quantitativo de pessoas de sua família que frequentam uma instituição religiosa. Do total (100%), 40% informaram que dois familiares frequentam uma instituição religiosa e 20% informaram que quatro pessoas de suas famílias são frequentadoras de instituições religiosas. As outras opções tiveram uma marcação em cada delas: nenhuma pessoa frequenta (10%), uma pessoa frequenta (10%), três pessoas frequentam (10%) e cinco pessoas frequentam (10%).

¹⁸⁹ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

Gráfico 6: Renda familiar.¹⁹⁰

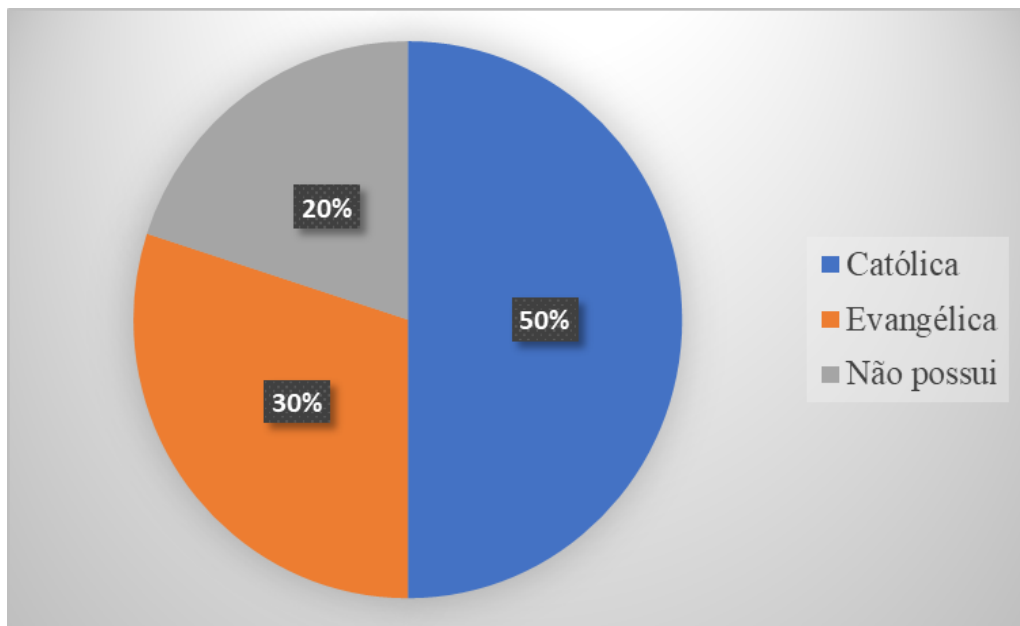
Pelo gráfico 6 acima foi possível compreender a renda familiar dos discentes. Dos estudantes que responderam ao questionário, 40% tem renda familiar de até um salário mínimo, 10% recebem até dois salários mínimos, 30% recebem até três salários, 10% recebem até quatro salários e 10% recebem mais de cinco salários mínimos.

¹⁹⁰ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

Gráfico 7: Crença em Deus.¹⁹¹

Os dados apresentados no gráfico 7 refletem mais os aspectos da religião/religiosidade dos discentes participantes dessa pesquisa. A categoria debatida agora é acerca da crença em Deus. Dos questionários respondidos, apenas um (10%) informou não acreditar em Deus, enquanto nove (90%) responderam que acreditam.

¹⁹¹ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

Gráfico 8: Religião seguida pelos discentes.¹⁹²

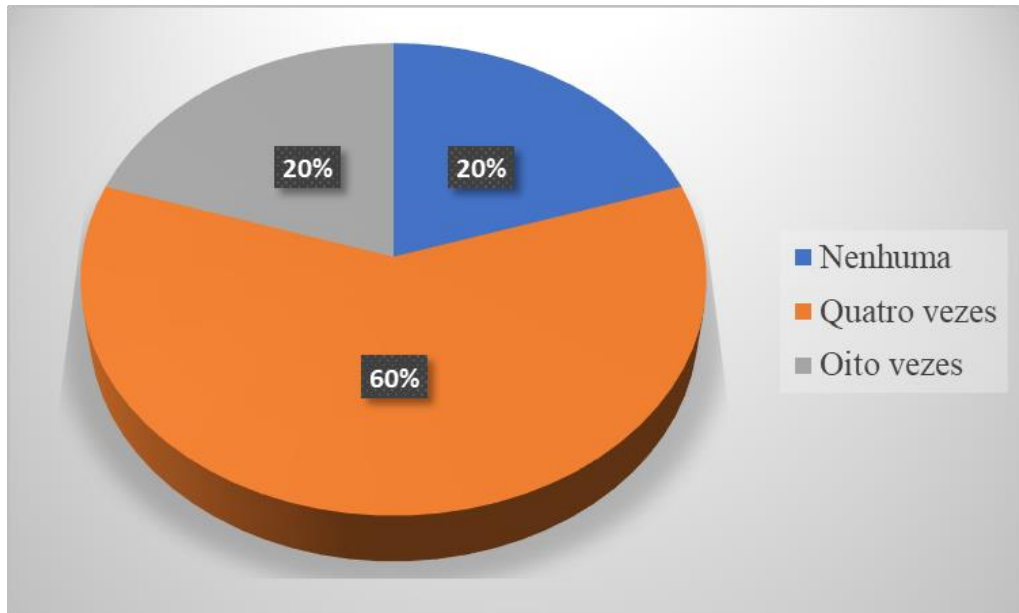
Dentre os estudantes que responderam ao questionário, totalizando dez, cinco (50%) responderam que são católicos, três (30%) que são evangélicos e dois (20%) que não possuem nenhuma religião. Esses dados dialogam com os dados apresentados pelo Censo de 2010, que demonstra essa proporcionalidade das religiões no contexto do município de Bom Jesus do Itabapoana.¹⁹³

Dos dez alunos que responderam ao questionário, oito (80%) frequentam a igreja e dois (20%) não frequentam. A partir desse levantamento, foi importante destacar a pergunta que fora realizada a eles acerca de sua frequência mensal na igreja.¹⁹⁴

¹⁹² Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

¹⁹³ IBGE, 2019.

¹⁹⁴ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

Gráfico 9: Frequência mensal na igreja.¹⁹⁵

No último campo de análise dos perfis dos discentes participantes da pesquisa, eles responderam sobre a quantidade de vezes que eles frequentam a igreja mensalmente. Assim, nas respostas obtidas, dois (20%) responderam que não frequentam, seis (60%) que frequentam quatro vezes por mês e dois (20%) que frequentam oito vezes mensalmente.

Ao traçar o perfil dos estudantes entrevistados, identifica-se que todos estão na mesma faixa etária, de 18 a 19 anos, e a composição familiar varia de dois a cinco componentes. Em relação a religião/religiosidade há uma variação de crenças, desde o catolicismo, o evangelismo e até aqueles que não possuem. Destaca-se que a escolha de seguir uma religião/religiosidade dá-se pelo contexto no qual o indivíduo está inserido, portanto, seus familiares desempenham função importante em suas escolhas. Porém, ao serem perguntados sobre sua frequência mensal na Igreja, percebem-se respostas distintas e um dos motivos para essa análise se dá pelo fato de que cada um vivencia a sua religião/religiosidade de maneira única e pode variar de intensidade.

No entendimento de Durkheim, só seria possível compreender o homem em sua totalidade se nesse olhar também estivesse, em análise, a dimensão religiosa, pois “[...] a religião é obra do homem integral. Todas as formas possíveis do pensamento e da ação estão nela em ato e nela se manifestam. Não há, pois, ponto de vista de onde melhor se possa abarcar a complexidade da natureza humana”¹⁹⁶.

¹⁹⁵ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

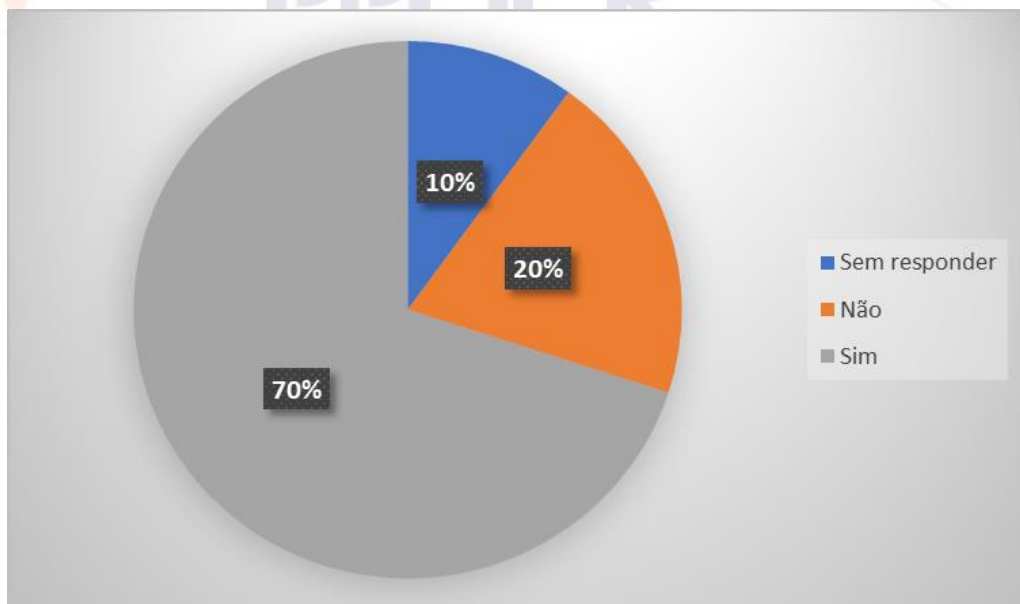
¹⁹⁶ DURKHEIM, E. O problema religioso e a dualidade da natureza humana. *Religião e Sociedade*, n. 2, 1977, p. 11.

Portanto, os indivíduos podem seguir a mesma religião/religiosidade, mas, no entanto, o modo de cada um vivenciar essa religião/religiosidade pode ser distinto. Assim, após mapear os perfis dos discentes participantes, coube-nos, no subtópico seguinte, o debate acerca da religião/religiosidade destes em diálogo com a prática esportiva, para assim, estabelecermos um diálogo com a base teórica e com a literatura que versam sobre a temática.

3.3 A religião/religiosidade popular dos atletas do time de futebol do Instituto Federal de Bom Jesus do Itabapoana

A busca desta pesquisa é, a partir das respostas dos estudantes atletas aos questionários semiestruturados aplicados, compreender como a religião/religiosidade dos atletas se manifesta na prática do futebol. Essas respostas ajudam a compreender o fenômeno religioso e sua relação com as práticas sociais cotidianas. Principalmente, no que concerne à religião/religiosidade presente no contexto brasileiro.

Gráfico 10: Pedir a Deus antes de uma partida de futebol que o seu time ganhe.¹⁹⁷



No gráfico 10 acima, a pergunta feita aos estudantes, se antes de um jogo de futebol eles pedem a Deus que seu time ganhe, trata sobre como a religião/religiosidade desses estudantes está interligada ao seu cotidiano na prática esportiva. Dos dez (10) alunos que responderam ao questionário, um (10%) não deu uma resposta para a pergunta, dois (20%)

¹⁹⁷ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

responderam que não e sete (70%) responderam que sim, pedem a Deus para que seu time vença a partida.

O cenário acima, possibilita uma reflexão sobre como um espaço tão competitivo, nesse caso o futebol, pode incentivar aos participantes a buscarem a religião/religiosidade para a garantia do sucesso. O fato de essa noção sobre a importância de a religião/religiosidade estar presente no jogo pode ser devido porque as pessoas, nesse movimento competitivo, busquem algo superior a eles para que se torne mais seguro o sucesso do jogo.

O futebol profissional é, provavelmente, o espetáculo mais querido pelo homem em todos os tempos; aproxima-se do sagrado, cria deuses e demônios, arremessa anjos do Céu para, em seguida, os resgatar do Inferno. É, por conta disso, uma verdadeira “panela de pressão” cujo conteúdo principal é o risco.¹⁹⁸

Entretanto, mesmo o futebol sendo essa “panela de pressão”, nem todos os participantes acreditam que a religião/religiosidade é um caminho para a conquista do jogo, pois, como expresso no gráfico 10, 30% não fazem o pedido a Deus para ganhar o jogo. Isso demonstra que alguns estudantes não creem que exista algo superior aos indivíduos que possa definir o resultado do jogo futebol.¹⁹⁹

Para ampliar o debate acima, a nona pergunta do questionário entregue aos sujeitos desta pesquisa possibilita melhorar a análise acerca dessa crença, pois nessa pergunta coube aos estudantes afirmar ou não se durante uma partida de futebol em que ele esteja em uma situação de desvantagem, ele pediria a Deus para conseguir reverter a situação.

Dentro das respostas dos estudantes, foi obtido o seguinte panorama: dois alunos (20%) responderam que não fazem esse pedido a Deus quando estão em desvantagem no jogo; um aluno (10%) respondeu que, às vezes, faz o pedido; três alunos (30%) responderam que fazem o pedido e quatro alunos (40%) responderam que sempre fazem o pedido. Esse cenário, demonstra que a maioria dos entrevistados, nos momentos de dificuldades vivenciados durante um jogo, apegam-se a sua religião/religiosidade em busca da solução dos conflitos existentes.²⁰⁰

Em consonância com a temática, a outra pergunta feita aos estudantes participantes foi, se ao perder um jogo, mesmo tendo pedido a Deus para ganhá-lo, se o estudante fica

¹⁹⁸ LEME, Clodoaldo Gonçalves. *É gol! Deus é 10: a religiosidade no futebol profissional paulista e a sociedade de risco*. 2005. 290 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. p. 186.

¹⁹⁹ LEME, 2005, p. 186.

²⁰⁰ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

chateado. Por unanimidade das respostas (100%), o não esteve presente. A próxima pergunta do questionário foi se o estudante sabia a diferença entre religião e religiosidade, e nove estudantes (90%) afirmaram saber a diferença, enquanto apenas um (10%) informou não saber a diferença entre os termos.²⁰¹

Muito já se disse que há, necessariamente, uma religião que é formal, e uma religiosidade que é vivida; ou ainda, que nenhum fiel vive plenamente seu credo tal qual o estabelece seus cânones, sua dogmática. Entre o fiel e a religião instituída (que estabelece compulsoriamente em que e como acreditar) a todo um profuso e desconcertado espaço de cosmovisões e sensibilidades salvaguardadas no inconsciente, que reprimidos e escamoteados pelo normativo da razão religiosa institucional, se manifestam imperativamente sempre que requeridos pelas necessidades particulares que se apresentam a um indivíduo ou grupo diante de uma situação de forte emoção, geralmente necessidades prementes respeitantes a própria vida, a sua melhor ou maior existência.²⁰²

Assim, é nesse espaço de cosmovisões e sensibilidades que os indivíduos podem inserir em suas religiosidades, práticas das quais não possuem consciência de sua origem e/ou função, todavia, em situações de fortes emoções, a exemplo, o jogo de futebol para um jogador, pode trazer práticas não refletidas e nem em concordância da religião que este segue.

A décima terceira pergunta do questionário, buscava identificar se os entrevistados sabiam o que é superstição. As respostas estão organizadas da seguinte maneira:

Para mim, superstição é um tipo de sorte.²⁰³

É a pessoa repetir várias vezes a mesma coisa achando que vai dar certo.²⁰⁴

É um tipo de sorte, onde a pessoa acredita que se fizer a mesma coisa sempre, as coisas sempre darão certo.²⁰⁵

Para mim superstição significa criar expectativas em coisas que são difíceis de se realizar, e para que se realize fazemos algumas coisas que acreditamos que dá sorte.²⁰⁶

Crenças em presságios e sinais.²⁰⁷

É uma falsa crença em que se acredita que, se uma determinada conduta é praticada, ela pode interferir diretamente em sua realidade modificando-a.²⁰⁸

Acreditar que algo de sorte que aconteceu, possa se repetir novamente (sic) e passar acima da vontade de Deus.²⁰⁹

Algo que você acredita e não tem uma comprovação científica.²¹⁰

²⁰¹ Anexo A. Questionários respondidos pelos alunos.

²⁰² AMARAL, Ronaldo. O demônio entre a religião e a religiosidade cristã: o legado oriental para um monoteísmo de percepção dualista. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 12, n. 29, 5 ago. 2011. p. 423.

²⁰³ RONALDINHO GAÚCHO, Anexo A.

²⁰⁴ NEYMAR, Anexo A.

²⁰⁵ CRISTIANO RONALDO, Anexo A.

²⁰⁶ DANIEL ALVES, Anexo A.

²⁰⁷ PHELIPE COUTINHO, Anexo A.

²⁰⁸ WILLIAM ARÃO, Anexo A.

²⁰⁹ RODRIGO CAIO, Anexo A.

²¹⁰ SÉRGIO RAMOS, Anexo A.

Se apoiar em algo de bom que aconteceu e fazer as mesmas coisas para que o que aconteceu de bom se repita. Fraqueza humana que se apoia em fatos sem comprovação científica.²¹¹

Acreditar que se fizer um ritual antes de um evento e der certo, você deve fazer aquilo sempre que precisa que algo de certo.²¹²

De acordo com o levantamento das respostas coletadas, é perceptível que, para os estudantes entrevistados, a superstição em diálogo com a noção de Jarvis trata-se de uma relação com uma crença sem concretude, pois atrela-se superstição à “sorte” ou na “repetição das coisas para dar certo”. Portanto, acreditar nessa sorte ou na repetição das coisas não tem ligação com uma prática das religiões que os estudantes seguem. Pois, há uma confiança nas forças sobrenaturais para que elas façam o destino de quem as pratica.²¹³

Em contrapartida, dois estudantes destacam em suas respostas que a superstição não tem “comprovação científica”. Nesse caso, o fato de um desses estudantes não acreditar em Deus e de o outro não possuir uma religião/religiosidade refletem no modo como eles compreendem o fenômeno da superstição. Considerando que não há uma ciência que a comprove, logo essa superstição não possui um valor social a ser considerado.

[...] há o verbete “superstição”, dos Ensaios de Francis Bacon, no qual ele faz eco às teses de Plutarco – inclusive o cita – entendendo que as causas da superstição são os excessos dos cultos religiosos, os quais ocasionam uma confusão perniciosa entre assuntos divinos e humanos, ou tratar o que é humano como divino e vice-versa. E, da mesma forma, no “Prefácio” do seu Tratado teológico-político, Espinosa afirma, categoricamente, que as duas fontes da superstição são o medo e a esperança, e os homens, na maioria das vezes, ora pendem para um, ora para outra.²¹⁴

Desse modo, a superstição deve ser rebatida, pois enquanto fenômeno extracorpóreo e sem relação com a religião/religiosidade não faz sentido a sua prática por aqueles que seguem uma crença religiosa. Portanto, a superstição pode deformar a religião/religiosidade por desobedecê-la, por ignorar os preceitos religiosos, sendo necessário, portanto, romper com essa prática.²¹⁵

Visto que os alunos entrevistados apresentaram a noção de superstição que eles possuem, a próxima pergunta do questionário tentou identificar se eles tinham algum tipo de superstição. Sete sujeitos da pesquisa (70%) falaram que não tinham nenhuma superstição, trazendo assim, uma noção de que a superstição não é algo que irá resolver as questões dos

²¹¹ PH GANSO, Anexo A.

²¹² ALISSON, Anexo A.

²¹³ JARVIS, 1980, p. 289.

²¹⁴ PRIMO, Marcelo de Sant'Anna Alves. A crítica à superstição no pensamento de Pierre Bayle. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 3, p. 133-156, julho de 2017, p. 134.

²¹⁵ PRIMO, 2017, p. 136.

jogos de futebol. Porém, três estudantes (30%) responderam que sim e explicaram a razão, de acordo com o trecho abaixo:

Sim. Procuo sempre jogar com a camisa do mesmo número, e caso eu faça gol na partida, procuro usar a mesma cueca no próximo jogo.²¹⁶

Sim. Procuo sempre entrar em campo com o pé direito e faço o sinal da cruz em seguida.²¹⁷

Sim. Bato 03 vezes com o pé direito no pé da trave de cada gol que vou defender e sempre coloco atrás do gol uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que ganhei da minha avó.²¹⁸

As respostas dos participantes acima destacadas, demonstram que a superstição está presente no cotidiano deles, trazendo uma relação prestigiosa para algumas manifestações diárias, tipo, “jogar com a camisa do mesmo número”, “usar a mesma cueca”, “entrar no campo com o pé direito”, entre outras. Essas manifestações só demonstram rituais individuais ou coletivos dos jogadores de futebol.

Na medida em que esses jogadores se tornam dependentes do sucesso de vencer um jogo, o medo de perder produz neles o desejo imoderado por esse sucesso e faz com se tornem dependentes das superstições. Portanto, passam a ser direcionados a algumas práticas que não compactuam com a religião/religiosidade seguida. O que vai se diferir são as intensidades das superstições de cada indivíduo.²¹⁹

Antes da partida, eu peço a Deus para abençoar a partida e meu time vença, durante a partida eu peço a Deus para que meu time possa fazer um gol, após a partida eu agradeço a Deus pelo jogo.²²⁰

Faço a oração junto com meu time e depois faço a minha oração em separado pedindo que meu time ganhe e que eu possa fazer uma grande partida, e peço a Deus também que ninguém se machuque durante o jogo.²²¹

O time se reúne e faz uma oração pedindo a Deus para que o time ganhe e para encorajar os jogadores que estão com medo, e após a partida agradeço a Deus por não ter saído com alguma lesão.²²²

Antes de começar a partida, peço a Deus que zele por mim e que permita que eu consiga dar o meu máximo durante a partida.²²³

Rezo antes e depois do jogo.²²⁴

Rezo para o espírito Santo de Deus me iluminar e também faço a oração do pai nosso.²²⁵

²¹⁶ DANIEL ALVES, Anexo A.

²¹⁷ PHELIPE COUTINHO, Anexo A.

²¹⁸ ALISSON, Anexo A.

²¹⁹ ROCHA, 2008, p. 83-85.

²²⁰ RONALDINHO GAÚCHO, Anexo A.

²²¹ NEYMAR, Anexo A.

²²² CRISTIANO RONALDO, Anexo A.

²²³ DANIEL ALVES, Anexo A.

²²⁴ PHELIPE COUTINHO, Anexo A.

²²⁵ WILLIAM ARÃO, Anexo A.

Antes do jogo eu oro sozinho e depois com meus companheiros e após o jogo eu faço minha oração sozinho.²²⁶
 Não faço ritual religioso, apenas tento transmitir energias positivas.²²⁷
 Faço oração do Pai nosso com meus companheiros de time e depois me retiro e faço minha oração da Ave Maria e peço a Nossa senhora Aparecida para que eu possa fazer um bom jogo. Após a partida, agradeço a Deus e a Nossa Senhora por não ter me machucado e caso vença, agradeço pela vitória.²²⁸

Os rituais são instrumentos da dimensão religiosa presente nos indivíduos. Cada um, a partir de sua religião/religiosidade, traz consigo, por meio das significações coletivas presentes em seu grupo social, rituais que são fixados em cada indivíduo. Essa fixação se dá de formas variadas, podendo ser de continuidade ou de descontinuidade dessas significações coletivas. Essa variação é resultado do momento que o indivíduo vivencia, pois dependendo da emoção, o ritual religioso tende a ser realizado com mais vontade e frequência.²²⁹

Na penúltima pergunta do questionário os estudantes entrevistados descrevem sua preparação religiosa antes, durante e após um jogo de futebol do qual eles participam. No trecho acima, temos nas respostas, principalmente, o recurso da religião/religiosidade dos sujeitos. Eles recorrem à oração, à reza, a uma conversa com Deus e à transmissão de energias positivas. Esses movimentos representam a dimensão religiosa e não têm nada de superstição. Fica nítida a diferença a partir da leitura dos dois trechos anteriores.

Essa diferença se dá pelo entendimento de sagrado e profano debatido por Durkheim, pois a partir da leitura de sua obra, é possível inferir o sagrado como uma prática social coletiva extraordinária dos indivíduos, que está associada a uma crença ou ritual religioso, portanto uma crença comum e socialmente organizada. Em oposição, está o profano, que também pode ser fruto de uma representação coletiva, porém não possui uma organização institucional, a exemplo da Igreja, que a propague.²³⁰

Assim, a religião/religiosidade, como o sagrado, traz o sentido de religar os indivíduos uns aos outros, com uma verdade compartilhada e seguida, uma noção de sagrado, portanto, que está além do próprio indivíduo como único e isolado, pois é produto das relações sociais existentes.²³¹

A última pergunta do questionário busca entender se, após uma partida, mesmo o time do entrevistado perdendo, se ele faz o mesmo ritual quando sai com a vitória. Dentre os entrevistados, dois (20%) responderam que não fazem ritual nenhum, devido às suas não

²²⁶ RODRIGO CAIO, Anexo A.

²²⁷ SÉRGIO RAMOS, Anexo A.

²²⁸ ALLISON, Anexo A.

²²⁹ DURKHEIM, 2003, p. 86.

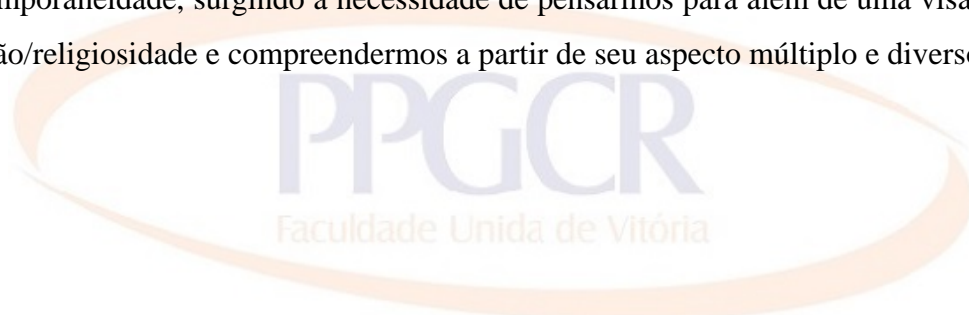
²³⁰ DURKHEIM, 2003, p. 108.

²³¹ DURKHEIM, 2003, p. 108.

crenças nessas manifestações e oito (80%) confirmaram que fazem o mesmo ritual e explicaram como funciona.

As respostas presentes dos estudantes são, em sua maioria que, “[...] devemos agradecer a Deus diante de qualquer situação”. Dessa forma, destaca-se que os entrevistados acreditam nessa força denominada Deus como resposta para os seus anseios diários e, nesse caso, em relação ao jogo de futebol, e que qualquer situação vivenciada por eles foi uma escolha dessa divindade.²³²

Em síntese, focando o debate acerca da religião/religiosidade em contrapartida com a superstição, os resultados indicam relações distintas do significado que os estudantes têm em relação a esses termos com a prática que eles possuem no momento do jogo de futebol. Mesmo respondendo que sabem a diferença entre religião/religiosidade e superstição não demonstram que eles compreendem atitudes tomadas por eles antes, durante e após o jogo. Há uma mistura entre as duas práticas, e ela resulta das grandes mudanças sofridas na contemporaneidade, surgindo a necessidade de pensarmos para além de uma visão fechada de religião/religiosidade e compreendermos a partir de seu aspecto múltiplo e diverso.



²³² Anexo A.

CONCLUSÃO

Finaliza-se aqui um estudo acerca da religião/religiosidade de estudantes jogadores de futebol do Instituto Fluminense Campus Bom Jesus do Itabapoana, localizado no Rio de Janeiro. Esta dissertação foi organizada em três capítulos. No primeiro abordou-se sobre os conceitos de religião, religiosidade e superstição, sendo esses os três conceitos chaves deste estudo, por se tratar de uma análise da influência desses conceitos nos estudantes jogadores do time de futebol dessa instituição de ensino. Nessa direção, o entendimento desses conceitos só foi possível por meio do embasamento em diferentes obras e, principalmente, nos estudos de Durkheim e Weber.

A partir das obras estudadas, coube-nos, no primeiro capítulo, o movimento de entender o que é a religião. A partir da elaboração desse capítulo, foi possível compreender que a religião tem a função de estabelecer ligações entre diferentes indivíduos. Essa ligação só é possível por meio de uma crença em algo superior a esses indivíduos, que ultrapasse o desconhecido entendimento sobre algo, podendo, esse algo, estar na esfera do sobrenatural, da divindade, do misterioso, incognoscível e/ou incompreensível. Em suma, a religião tem função para os indivíduos de uni-los e torná-los interdependentes.

Outro termo utilizado foi religiosidade, aqui entendida como resultado de uma religião, podendo ser definida como a prática oriunda de uma crença religiosa. Nesse sentido, a religiosidade está presente na condição do indivíduo em relação com o outro. Em resumo, a religiosidade é um produto resultante das práticas coletivas religiosas.

Em contrapartida à religiosidade existe a superstição, entendida como um fenômeno social que busca no destino/presságio a resolução dos conflitos existenciais. É uma condição na qual o indivíduo se coloca como refém da não racionalidade religiosa, que em períodos históricos anteriores, já foi significada como uma falsa prática religiosa. Porém, deve ser respeitada, assim como, devemos respeitar toda e qualquer crença religiosa. O papel do educador, neste caso, é passar todas as informações aos alunos/atletas e deixar que eles tirem suas conclusões, sem tentar influenciá-los. A superstição não pode ser colocada abaixo de qualquer religião ou religiosidade popular, ela deve ser respeitada e explicada de maneira que se respeite a diversidade religiosa entre os alunos. Portanto, religião, religiosidade e superstição devem ser tratadas como o mesmo grau de importância, não devendo uma ser considerada mais ou menos importante que a outra.

Assim, os três conceitos, religião, religiosidade e superstição, estiveram presentes nesta dissertação ancorando a busca de respostas para analisar o cenário acima citado. Dessa

forma, buscou-se analisar as respostas presentes nos questionários aplicados a estudantes do time de futebol do IF BJI sobre essa temática. Para tanto, no segundo capítulo, antes de analisarmos propriamente os questionários, foi necessário compreender como religião e futebol estão interligados em nossa sociedade. Concluiu-se que ambos possuem uma relação de proximidade desde o período da Grécia Antiga, como prática ligada à religião. Ao chegar na atualidade, a religião dentro do esporte, principalmente, no que tange ao futebol, dá-se pela presença da torcida, pelos mascotes, hinos, mitos e superstições.

Em decorrência desse cenário atual, da relação entre futebol e religião, coube-nos, no terceiro capítulo, o debate dessa relação dentro do contexto investigado. Porém, para compreender o contexto, foi necessário investigar o campo religioso presente no município de Bom Jesus do Itabapoana (RJ), município onde se encontra a instituição de ensino que abriga o time de estudantes atletas estudados. Ao analisar o campo religioso do referido município, foi possível entender o movimento que aparece nos últimos dois censos do IBGE, de reconfiguração das religiões. Essas reconfigurações se dão devido aos movimentos migratórios presentes na sociedade brasileira, influenciando, assim, a organização de novas/outras religiões e modos de religiosidade.

Ao se partir do campo religioso do município, na investigação que se deu no processo de mapear os perfis dos sujeitos participantes da pesquisa, há uma relação paralela dos dados apresentados nesse perfil em relação a configuração do campo religioso do município. Por meio dos questionários semiestruturados foi possível aferir que, mesmo esses discentes tendo uma religião, alguns utilizam da superstição para tentar vencer um jogo ou campeonato, mesmo sabendo da fragilidade que a superstição possui. Em suma, fazem uso de uma falsa prática religiosa e, em alguns casos, os discentes não possuem a consciência reflexiva-crítica de que essa prática adotada durante uma partida, ou antes, ou depois, trata-se de uma superstição.

Em síntese, este trabalho apresentou a compreensão sobre os motivos que levam esses estudantes atletas a se manifestarem religiosamente dentro de uma partida de futebol, e diz muito sobre a crença deles, sobre acreditarem em algo superior a eles, em uma força maior, em algo divino. As manifestações da religiosidade podem influenciar nos processos psicológicos dos indivíduos, podem fazê-los acreditar na possibilidade de vencer e eles podem, nesse caso, se empenhar mais para obterem esse resultado. Não foi possível compreender pelos questionários aplicados se o discurso religioso dos entrevistados respeita a diversidade religiosa e aqueles que se declaram sem religião. Portanto, entender esse fenômeno,

potencializa o trabalho do profissional docente de Educação Física se ele partir da diversidade de religiões sendo trabalhadas para o bem de todos, de forma unida e positiva.



REFERÊNCIAS

- ABBATE, M. S. Il fato e la superstizione. In: PLUTARCO. *Il fato e la superstizione*. Tradução de Mario Scaffidi Abbate. Roma: Tascabili Economici Newton, 1993.
- ALVES, José Eustáquio et al. *Tempo soc.* São Paulo, v. 29, n. 2, p. 215-242, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702017000200215&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 set. 2019.
- AMARAL, Ronaldo. O demônio entre a religião e a religiosidade cristã: o legado oriental para um monoteísmo de percepção dualista. *Mneme - Revista de Humanidades*, v. 12, n. 29, 5 ago. 2011.
- AZEVEDO, Cristiane. A procura do conceito de *religio*: entre *relegere* e o *religare*. In: *Religare*. v. 07, n. 01, p. 90-96, 2010.
- AZEVEDO, Mauro José Alves de. *Rituais católicos e sua conexão com a violência no futebol de várzea*. 2012. 119 f. (Teses). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 1997.
- BECKER, Ana Paula Sesti; SILVA, Josiane Delvan da. Concepções acerca da religiosidade: a perspectiva da criança. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 930-952, 2016.
- BENTO, José Olímpio. Olhares e estados da alma. In: GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José; MURAD, Maurício. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto, 2004. p. 195-218,
- BITUN, Ricardo; SOUZA NETO, João Clemente. Formas elementares da vida religiosa: apontamentos de uma abordagem durkheimiana para compreensão da atualidade do fenômeno pentecostal. *Estudos de Religião*, v. 26, n. 42. 2012. p. 68-69.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectivas; 1998.
- BRAGA JÚNIOR, Amaro Xavier. *Sociologia da Religião*. Instituto de Ciência Sociais. Ministério da Educação. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/175184/2/Manual_%20Sociologia%20da%20Religi%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- CABRAL, Augusto. A sociologia funcionalista nos estudos organizacionais: foco em Durkheim. *Cad. EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 01-15, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512004000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 nov. 2019.
- CHAUÍ, M. S. *Introdução à leitura de Espinosa*. Universidade de São Paulo: São Paulo, 1970.
- COELHO, Miguel Alexandre Batista. *Religiosidade popular: tradições, práticas e mitos*. 2017. 63 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2017.

CONCEIÇÃO, Paulo Felix Marcelino. *Amarelão no esporte: das alterações da cor da pele ao coping do estresse por crenças religiosas e locus do controle de atletas de handebol, ginástica artística e voleibol*. 2009. 176 f. Tese (Doutorado). Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

COUTINHO, José Pereira. Religião e outros conceitos sociológicos. *Revista da Faculdade de Letras*. Universidade do Porto, v. 24, p. 171-193, 2012.

DAMIANI, Marcelo Erasmo. *Superstição no esporte*. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Desportos. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Santa Catarina, 2005.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor, e dinheiro no futebol de espetáculo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 23, n. 66, p. 138-152, 2008.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar (Org.). *Futebol, cultura e sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2005.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

DELEUZE, G. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DIAS, Mouro. O Brasil plural de Câmara Cascudo. *Primeira Versão*, n. 231, v. 22, Porto Velho, 2008.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. Martins Fontes, São Paulo, 2010.

_____. *A ciência social e a ação*. São Paulo: Difel, 1975.

_____. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. O problema religioso e a dualidade da natureza humana. *Religião e Sociedade*, n. 2, 1977.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

ESPINOSA, Baruch de. *Tratado Teológico-Político*. Estudos Gerais, Série Universitária, Clássicos de Filosofia. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda. 3. ed. 2004.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. O censo não diz tudo, mas que ajuda, ajuda... O catolicismo em cidades do estado menos católico. In: CUNHA, C. V.; MENEZES, R. / números, direitos, pessoas. *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 69, p. 46-59, 2014.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida (ORG.). *Método e metodologia na pesquisa científica*. 3 ed. São Caetano do Sul: Yendis, 2008.

GABATZ, Celso; ZEFERINO, Jefferson. As contribuições de Émile Durkheim para compreender a religião na contemporaneidade. *Revista Eletrônica Correlatio*. v. 16, n. 2 - Dezembro de 2017. p. 339-355. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/view/8447>>. Acesso em: 30 out. 2019.

GAGG, E. A. L.; GAGG, G. Religião não entra em campo? In: WACHS, M. C. et al. (Org.). *Ensino Religioso: religiosidades e práticas educativas*: São Leopoldo: Sinodal/EST, 2010.

GENOVEZ, Patrícia Falco. O desafio de Clio: o esporte como objeto de Estudo da História. *Lecturas: Educacion Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 2, n. 9, p. 1-17, 1998, p. 10-11.

GOBATTO, Caroline Amado; ARAÚJO, Tereza Cristina Cavalcanti Ferreira. Religiosidade e espiritualidade em oncologia: concepções de profissionais da saúde. *Psicologia USP*, v. 24, n. 1, 2013.

GRÜN, Anselm; DUFNER, Meinrad. *Espiritualidade a partir de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo, Brasiliense, 1990.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades*. Bom Jesus do Itabapoana. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/bom-jesus-do-itabapoana/historico>>. Acesso em 20 set. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2000*. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9663-censo-demografico-2000.html?edicao=9858&t=resultados>>. Acesso em: 20 set. 2019.

IFSUL. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. *Integrado, concomitante ou subsequente? Conheça as diferenças!*. Rio Grande do Sul: IFSUL, 2017. Disponível em: <<http://www.ifsul.edu.br/ultimas-noticias/1607-integrado-concomitante-ou-subsequente-conheca-as-diferencas>>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

JARVIS, Peter. Towards a sociological understanding of superstition. *Social Compass*, v. 27, n. 2, p. 285-295. 1980.

LESSA, Fábio de Souza. Esporte na Grécia Antiga: um balanço conceitual e historiográfico. *Recorde: Revista de História de Esporte*. v. 1, n. 2, p. 1-18, 2008.

LEME, Clodoaldo Gonçalves. *É gol! Deus é 10: a religiosidade no futebol profissional paulista e a sociedade de risco*. 2005. 290 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

MACHADO, Raoni Perruci Toledo. *Esporte e religião no imaginário da Grécia Antiga*. 2006. 105 f. Dissertação (Mestrado). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MAINGUENEAU, D. Polifonia e cena de enunciação na pregação religiosa. In: LARA, G. M. P.; MACHADO, I. L.; EMEDIATO, W. *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 198-210.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos da metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEZES, Renata de Castro. Religiões, números e disputas sociais. In: CUNHA, Christina Vital; MENEZES, Renata de Castro. Religiões em conexão: números, direitos, pessoas. *Comunicações do ISEER*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 69, p. 60-80, 2014.

MICHEL, Maria Helena. *Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos*. São Paulo: Atlas, 2015.

MONTEIRO, Alberto de Oliveira. *O desporto: da excelência à virtude, um caminho para crianças, jovens e adultos*. 2007. 492 f. Tese (Doutorado). Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2007.

MURAD, Maurício. A História social do futebol brasileiro: alguns elementos para a sua compreensão. In: GARGANTA, J. GARGANTA, Júlio; OLIVEIRA, José; MURAD, Maurício. *Futebol de muitas cores e sabores: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo*. Porto: Universidade do Porto, 2004, p. 245-268.

OLIVEIRA, Fabio Eloi de. *Publicidade, imaginário e identidades nacionais: o futebol e a religiosidade em tempos de copa do mundo*. 2013. 114 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2013.

OLIVEIRA, Francisco. *O espírito olímpico no novo milênio*. Universidade de Coimbra: 2000.

ORLANDI, Enni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PANZINI, R. G. et al. Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de psiquiatria clínica*, v. 34, p. 105-115, 2007.

PASSOS, E. C. *A Questão da superstição em Espinosa*. 2004. 120 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. O crescimento da liberdade religiosa e o declínio da religião tradicional: a propósito do Censo de 2010. In: FAUSTINO, T; MENEZES, R. (Orgs.). *Religiões em movimento: o Censo de 2010*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 49-61.

PINHEIRO, Marcos Filipe Guimarães. *Análise da religiosidade no esporte: o olhar de atletas olímpicos brasileiros*. 2018. 119 f. Tese (Doutorado). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano Nacional*. Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas. Brasília: PNUD, 2017.

PRIMO, Marcelo de Sant'Anna Alves. A crítica à superstição no pensamento de Pierre Bayle. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 3, p. 133-156, julho de 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732017000300133&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2019.

ROCHA, A. M. Espinoza e o conceito de superstição. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*. v. 12, p. 81-99, 2008.

ROSA, Sandro Santos. Uma hermenêutica entre culto, futebol e religião: experiências que perpassam a coincidência. *Revista Tear*, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 94-100, 2014.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: USP, 1993. p. 100-102.

SANCHIS, Pierre. *Religião, cultura e identidades: matrizes e matizes*. Petrópolis: Vozes, 2018.

SANTOS, Ana Raquel Mendes et al. Símbolos e rituais do futebol espetáculo: uma análise das emoções no campo de jogo. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 29, n. especial, p. 162-180. 2017.

SANTOS, Maria Goreth. Os limites do censo no campo religioso brasileiro. In: CUNHA, Christina Vital; MENEZES, Renata de Castro. *Religiões em conexão: números, direitos, pessoas. Comunicações do ISER*, Rio de Janeiro, ano 33, n. 69, p. 18-33, 2014.

SELL, Carlos Eduardo. *Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber*. Rio de Janeiro: Vozes. 7ed. 2015.

SÉRGIO, Manuel. Os jogos olímpicos na antiguidade grega (reflexões em ano de jogos olímpicos). *Revista Brotéria*. Lisboa: Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes, p. 85-90, 1996.

SINNER, Rudolf Von. Igrejas e democracia no Brasil: por uma teologia pública cidadã. In: ROSA, Wanderley Pereira da; RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Religião e sociedade (pós) secular*. Santo André: Unida, 2014.

SILVA, Lorena Pantaleão. *Antiguidade clássica: Grécia, Roma e seus reflexos nos dias atuais*. Curitiba: InterSaberes, 2017.

SILVA, Pedro Paulo Soares. *Hugo Assmann: da teologia da libertação à educação para a solidariedade*. 2017.119 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2017.

SILVA, Rogério Rodrigues; SIQUEIRA, Deis. Espiritualidade, religião e trabalho no contexto organizacional. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 3, p. 557-564. 2009.

SOCCI, V. Religiosidade e o adulto idoso. In: WITTER, G. P. (Org.). *Envelhecimento: referenciais teóricos e pesquisa*. Campinas: Alínea, 2006. p. 87-101.

STIGAR, Robson. A concepção de religião para Max Weber: um olhar a partir da ciência da religião, *Kerygma*, v. 11, n. 2, p. 167-174, 2017.

TERRA, Kenner Roger Cazorro. Teorias da Linguagem e estudos do discurso: apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 16, n. 51, p. 1085-1106, set./dez. 2018.

TONIOL, Rodrigo. O censo de 2010: religiões em movimento, perspectivas em diálogo. *Relig. soc.*, Rio de Janeiro. v. 34, n. 1, p. 193-198, 2014.

TORRESAN, Jorge Luís. A manipulação no discurso religioso. *Dialogia*, São Paulo, v. 6, p. 95-105, 2007.

VERNANT, Jean Pierre. *Entre mito e política*. São Paulo: EDUSP, 2001.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: UNB, 2000.

_____. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

_____. *Sobre a teoria das ciências sociais*. São Paulo: Moraes, 1991.



APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado,

O senhor está sendo convidado para participar de um projeto de pesquisa intitulado: A religiosidade dos atletas da equipe de futebol do Instituto Federal Fluminense – Campus Bom Jesus do Itabapoana – RJ. Tem por objetivo analisar a religiosidade popular de atletas na prática do futebol.

O pesquisador, Jackson Gomes de Rezende, professor do IF Fluminense, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Faculdade Unida, ES, e a pesquisa terá como produto uma dissertação.

Com o propósito de produzir dados que possam nos ajudar a realizar essa pesquisa convidamos o senhor para responder um questionário semiestruturado elaborado pelo pesquisador. Os dados coletados durante o estudo serão analisados e apresentados sob a forma de relatórios e serão divulgados por meio de reuniões científicas, congressos e/ou publicações, com a garantia do retorno das informações para os participantes do estudo.

Esclarecemos, também, que a participação é *voluntária* e que este consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos à continuidade da pesquisa. Para todos os efeitos, garantimos a confidencialidade das informações geradas, a privacidade e o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

Certos de contarmos com sua compreensão e colaboração, estamos à disposição para quaisquer esclarecimentos.

Contato do pesquisador:

Jackson Gomes de Rezende

Mestrando em Ciências da Religião

e-mail: jacksoncalcado@bol.com.br.

Contato do orientador:

Júlio Cezar de Paula Brotto

email: julio.brotto@faculdadeunida.com.br

Eu, _____,
declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Assinatura

Bom Jesus do Itabapoana, ____ de _____ de 2019.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

Pseudônimo: _____ Idade: _____ Curso: _____

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

- 01 Salário Mínimo
 02 Salários Mínimos
 03 Salários Mínimos
 04 Salários Mínimos
 05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal
 Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?



ANEXO – QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS PELOS DISCENTES

Pseudônimo: Ronaldinho Gaúcho

Idade: 18

Curso: 1º ano Concomitante em Agropecuária

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

04 vezes por mês

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

Para mim, superstição é um tipo de sorte.

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Antes da partida, eu peço a Deus para abençoar a partida e meu time vença, durante a partida eu peço a Deus para que meu time possa fazer um gol, após a partida eu agradeço a Deus pelo jogo.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim. Porque mesmo perdendo temos que agradecer, e pedir a Deus que no próximo jogo nosso time possa sair vencedor.

Pseudônimo: Neymar

Idade: 18

Curso: 1º ano Concomitante em Agropecuária

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

() Sim (x) Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

(x) 01 () 02 () 03 () 04 () 05 () 06 () 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

(x) 01 () 02 () 03 () 04 () 05 () 06 () 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

() 01 Salário Mínimo

(x) 02 Salários Mínimos

() 03 Salários Mínimos

() 04 Salários Mínimos

() 05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

(x) Sim () Não

06 - Qual é a sua Religião?

() Católica (x) Evangélica () Espírita () Afro-brasileira () Neopentecostal

() Não tem Religião () Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

(x) Sim () Não

08 vezes por mês

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

(x) Sim () Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

É a pessoa repetir várias vezes _a mesma coisa achando q vai dar certo.

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Faço a oração junto com meu time e depois faço a minha oração em separado pedindo que meu time ganhe e que eu possa fazer uma grande partida, e peço a Deus também que ninguém se machuque durante o jogo.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim. Porque devemos sempre agradecer a Deus , mesmo perdendo, porque o importante é competir.

Pseudônimo: Cristiano Ronaldo

Idade: 18

Curso: 1º ano Concomitante em Agropecuária

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

04 vezes por mês

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

É um tipo de sorte, onde a pessoa acredita que se fizer a mesma coisa sempre, as coisas sempre darão certo.

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

O time se reúne e faz uma oração pedindo a Deus para que o time ganhe e para encorajar os jogadores que estão com medo, e após a partida agradeço a Deus por não ter saído com alguma lesão.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim. Para agradecer a Deus mesmo saindo com a derrota, para aprendermos com a derrota também.

Pseudônimo: Daniel Alves

Idade: 19

Curso: 3º ano Integrado em Química

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

04 vezes

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

Para mim superstição~]ao significa criar expectativas em coisas que são difíceis de se realizar, e para que se realize fazemos algumas coisas que acreditamos q dá sorte.

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

Procuro sempre jogar com a camisa do mesmo número, e caso eu faça gol na partida, procuro usar a mesma cueca no próximo jogo.

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Antes de começar a partida, peço a Deus que zele por mim e que permita que eu consiga dar o meu máximo durante a partida.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim. Porque a vida não é feita somente de vitórias, perder é importante para que possamos aprender com nossos erros.

Pseudônimo: Phelipe Coutinho

Idade: 19

Curso: 3º ano Integrado em Agropecuária

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

4 vezes por mês

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

Crenças em presságios e sinais

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

Procuro sempre entrar em campo com o pé direito e faço o sinal da cruz em seguida.

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Rezo antes e depois do jogo

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim, pois perdendo ou ganhando devemos rezar para agradecer a Deus.

Pseudônimo: William Arão

Idade: 19

Curso: 3º ano Integrado em Alimentos

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

4 vezes ao mês

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

() Sim (x) Não () Sempre () Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

(x) Sim () Não

13 – Para você, o que é superstição?

É uma falsa crença em que se acredita que, se uma determinada conduta é praticada, ela pode interferir diretamente em sua realidade modificando-a.

14 – Você tem alguma superstição?

() Sim (x) Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

() Sim (x) Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Rezo para o espírito Santo de Deus me iluminar e também faço a oração do pai nosso.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim. Entendo que independentemente de se ganhar ou perder, Deus está iluminando a minha vida.

Pseudônimo: Rodrigo Caio

Idade: 19

Curso: 2º ano Integrado Meio Ambiente

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

(x) Sim () Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

() 01 (x) 02 () 03 () 04 () 05 () 06 () 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

8 vezes por mês

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

Acreditar que algo de sorte que aconteceu, possa se repetir novamente e passar acima da vontade de Deus.

14 – Você tem alguma superstição?

() Sim (x) Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

() Sim (x) Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Antes do jogo eu oro sozinho e depois com meus companheiros e após o jogo eu faço minha oração sozinho.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim. Porque devemos agradecer a Deus diante de qualquer situação.

Pseudônimo: Sérgio Ramos

Idade: 18

Curso: 3º ano integrado em Química

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

(x) Sim () Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

() 01 (x) 02 () 03 () 04 () 05 () 06 () 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

() 01 (x) 02 () 03 () 04 () 05 () 06 () 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

() 01 Salário Mínimo

() 02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

Algo que você acredita e não tem uma comprovação científica.

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Não faço ritual religioso, apenas tento transmitir energias positivas.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Não faço ritual religioso em nenhuma das situações.

Pseudônimo: PH Ganso

Idade: 19

Curso: 3º ano integrado em Informática

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou + nenhuma

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

se apoiar em algo de bom que aconteceu e fazer as mesmas coisas para que o que aconteceu de bom se repita. Fraqueza humana que se apoia em fatos sem comprovação científica

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Não faço nenhuma preparação religiosa

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Não faço nenhuma preparação religiosa

Pseudônimo: Alisson

Idade: 19

Curso: 2º ano Concomitante em Agropecuária

01 – Você, além de estudar, tem outra ocupação?

Sim Não

02 – Você mora com quantas pessoas na sua casa?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

03 – Quantas pessoas da sua casa frequentam alguma religião?

01 02 03 04 05 06 7 ou +

04 – Qual a renda bruta da sua família?

01 Salário Mínimo

02 Salários Mínimos

03 Salários Mínimos

04 Salários Mínimos

05 Salários ou mais

05 – Você acredita em Deus?

Sim Não

06 - Qual é a sua Religião?

Católica Evangélica Espírita Afro-brasileira Neopentecostal

Não tem Religião Outros Qual? _____

07 – Você frequenta igreja? Caso sim, quantas vezes por mês?

Sim Não

4 vezes por mês

08 – Antes de uma partida de futebol você pede a Deus para que seu time ganhe?

Sim Não

09 - Durante uma partida onde você está em uma situação de desvantagem, você pede a Deus para conseguir reverter à situação?

Sim Não Sempre Às Vezes

10 - Em uma final, disputada nos pênaltis, você pede a Deus para seu time ganhar?

Sim Não Sempre Às Vezes

11- Quando você perde um jogo, mesmo pedindo a Deus para ganhar, você fica “chateado” com Deus?

Sim Não Sempre Às Vezes

12 – Você sabe a diferença entre Religião e Religiosidade?

Sim Não

13 – Para você, o que é superstição?

Acreditar que se fizer um ritual antes de um evento e der certo, você deve fazer aquilo sempre que precisa que algo de certo

14 – Você tem alguma superstição?

Sim Não

15 – Antes de uma partida de futebol, você faz algum ritual supersticioso? Qual?

Sim Não

Bato 03 vezes com o pé direito no pé da trave de cada gol que vou defender e sempre coloco atrás do gol uma imagem de Nossa Senhora Aparecida que ganhei da minha avó.

16 – Descreva sua preparação religiosa antes, durante e após uma partida de futebol.

Faço oração do Pai nosso com meus companheiros de time e depois me retiro e faço minha oração da Ave Maria e peço a Nossa senhora Aparecida para que eu possa fazer um bom jogo. Após a partida, agradeço a Deus e a Nossa Senhora por não ter me machucado e caso vença, agradeço pela vitória.

17 – Após uma partida, mesmo seu time perdendo, você faz o mesmo ritual quando seu time sai com a vitória? Por quê?

Sim. Porque devemos agradecer a Deus por tudo independente do resultado.